

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Priscila Saraiva Jacobsen

**A IMAGEM DO PROFISSIONAL BIBLIOTECÁRIO NA
LITERATURA DE FICÇÃO**

Porto Alegre
2010

Priscila Saraiva Jacobsen

A IMAGEM DO PROFISSIONAL BIBLIOTECÁRIO NA LITERATURA DE FICÇÃO

Monografia desenvolvida como requisito parcial para conclusão da atividade Trabalho de Conclusão de Curso, apresentada para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Me. Martha Eddy Krummenauer Kling Bonotto

Porto Alegre

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto
Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretor: Prof. Ricardo Schneiders da Silva
Vice-Diretora: Prof.^a Regina Helena Van der Laan

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Prof.^a Ana Maria Mielniczuk de Moura
Chefe Substituta: Prof.^a Helen Beatriz Frota Rozados

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenadora: Prof.^a Glória Isabel Sattamini Ferreira
Vice-coordenadora: Prof.^a Samile Andréa de Souza Vanz

J17i Jacobsen, Priscila Saraiva

A imagem do profissional bibliotecário na literatura de ficção /
Priscila Saraiva Jacobsen – 2010.

129 f. : il.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade
Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e
Comunicação, Curso de Biblioteconomia, 2010.

Orientadora: Prof.^a. Me. Martha Eddy Krummenauer Kling Bonotto

1. Bibliotecário : Imagem : Literatura de ficção. I. Bonotto, Martha
Eddy Krummenauer Kling. II. Título.

CDU: 023.4:821-3

Departamento de Ciências da Informação
Rua Ramiro Barcelos, 2705 – Bairro Santana
CEP 90035-007 – Porto Alegre – RS
Fone: (51) 3308-5067
Fax: (51) 3308-5435
E-mail: fabico@ufrgs.br

Priscila Saraiva Jacobsen

A IMAGEM DO PROFISSIONAL BIBLIOTECÁRIO NA LITERATURA DE FICÇÃO

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Examinado em ____ de _____ de 2010.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof.^a Me. Martha Eddy Krummenauer Kling Bonotto

Prof.^a Me. Glória Isabel Sattamini Ferreira

Prof.^a Dra. Helen Beatriz Frota Rozados

AGRADECIMENTOS

Agradeço:

A Deus pela vida e pela saúde.

Aos meus pais por todos os ensinamentos, valores, estímulos, colos, e por terem me proporcionado todo o suporte necessário.

A minha professora orientadora por toda a paciência e dedicação e por ter acreditado que a ideia de realizar essa pesquisa era possível.

Aos colegas da faculdade, fundamentais para minha formação, especialmente a colega Mariele Luzzi.

A todos bibliotecários, funcionários e estagiários dos locais em que estagiei e realizei trabalhos acadêmicos. Especialmente a Biblioteca Depositária das Nações Unidas (DL-253), a Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul, o Sistema Estadual de Bibliotecas Escolares (SEBE), a Biblioteca do Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul e a Biblioteca Monteiro Lobato do Colégio Mãe de Deus.

A todos que contribuíram, direta e indiretamente, e acompanharam esta etapa da minha vida.

Meu agradecimento especial é para a pessoa que foi responsável e fundamental para que este sonho fosse realizado: minha mãe. Mãe, não tenho palavras para expressar o amor e admiração que tenho por ti. Te amo infinitamente e serei a ti eternamente grata. Tu sabes quantos obstáculos foram necessários para chegar até aqui e que somente consegui vencer tudo porque tinha você ao meu lado, com a tua força, tua garra, tua determinação e teu amor.

*Do sono aparente nasce um catálogo.
Inanimados jardins de ordem, flores de paciência
Revela-se o parentesco infinito das séries,
Mapas, referências, dicionários
Dos galhos pendem respostas maduras,
Todas ao alcance de qualquer,
Sob tua vista complacente, zelosa
De guardião do pomar.*

Emílio Carrera Guerra
(trecho do poema O Bibliotecário)

RESUMO

Apresenta a imagem profissional do bibliotecário enquanto personagem de vinte e cinco obras de literatura de ficção. Analisa as características físicas (gênero, idade, altura, peso, presença de óculos e presença de coque, essa última característica analisada apenas no gênero feminino), as características de personalidade (empatia e interesse no usuário) e as características de ação dos personagens bibliotecários. Informa o destaque e o contexto de atuação do profissional na obra. Contextualiza os seguintes temas: a teoria da memória coletiva; o imaginário como crenças e valores de uma sociedade; o senso comum, fruto da rotina cotidiana; a teoria das representações sociais; as funções da literatura de ficção e as funções da ilustração na literatura infantil. Além de delinear com relação ao profissional bibliotecário sua identidade profissional, a evolução dos diferentes papéis do profissional no decorrer dos séculos e seus estereótipos. Emprega metodologia de cunho documental de tipo exploratória com abordagem quanti-qualitativa. Utiliza ficha de leitura criada especificamente para este estudo como instrumento de coleta de dados. Estabelece o perfil predominante do profissional bibliotecário enquanto personagem das obras de ficção analisadas. Sugere o aprofundamento deste estudo e outros estudos com abordagens diferentes como a análise do bibliotecário como escritor e a análise da ilustração do profissional na literatura infantil.

Palavras-chave: Bibliotecários na ficção. Imagem do bibliotecário.

ABSTRACT

It presents the image of the librarian as a character in twenty-five books of fiction. It analyzes the physical characteristics (gender, age, height, weight, use of glasses and use of hair in a bun, this last characteristic just analyzed in female gender), the characteristics of personality (empathy and interest in user) and the characteristics of action of all the librarian characters. It informs the position of the character in the story and the context of his/her action. It presents the subjects: theory of collective memory; the imaginary as beliefs and values of a society, the common sense theory of social representations, the functions of literature and the functions of children's books illustrations. It outlines the identity of the professional librarian, the evolution of the librarian's different roles in history and librarian stereotypes. It uses a documental methodology of exploratory type, with a quanti-qualitative approach. The data to be analyzed was collected by means of a form specifically set up for this. It outlines the librarian's predominant profile as a character in fiction. It suggests a deeper study of this subject, focusing other aspects, such as the librarian as a writer and the study of the representation of the librarian in children's books illustrations.

Keywords: Librarians in fiction. Librarian's image.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Categoria gênero	60
Gráfico 2 – Categoria idade.....	61
Gráfico 3 – Categoria peso.....	64
Gráfico 4 – Categoria altura	65
Gráfico 5 – Categoria presença de óculos	66
Gráfico 6 – Categoria presença de coque para o gênero feminino	67
Gráfico 7 – Categoria empatia.....	109
Gráfico 8 – Categoria interesse pelo usuário	110
Gráfico 9 – Categoria contexto de atuação	112
Gráfico 10 – Categoria posição do personagem na obra	114

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – Representação da personagem Dona Ângela	68
Ilustração 2 – Representação da bibliotecária e dos personagens Luli e Dudi	88
Ilustração 3 – Dona Ângela apresentando o local onde o usuário deveria permanecer na biblioteca	103
Ilustração 4 – Reação da personagem Dona Ângela ao perceber comportamento fora do padrão	104

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 OBJETIVOS	13
1.1.1 Objetivo geral	14
1.1.2 Objetivos específicos.....	14
2 CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA	15
2.1 IMAGEM E PERCEPÇÃO SOCIAL.....	15
2.1.1 Memória coletiva e imaginário	15
2.1.2 Senso comum	20
2.1.3 Representações sociais	21
2.2 IDENTIDADE PROFISSIONAL DO BIBLIOTECÁRIO	25
2.3 PERFIL DO BIBLIOTECÁRIO	27
2.3.1 Bibliotecário como sábio	28
2.3.2 Bibliotecário como guardião	30
2.3.3 Bibliotecário como disseminador	32
2.4 ESTEREÓTIPO DO PROFISSIONAL BIBLIOTECÁRIO.....	36
2.5 FUNÇÕES DA LITERATURA DE FICÇÃO	39
2.6 FUNÇÕES DA ILUSTRAÇÃO NA LITERATURA INFANTIL.....	41
3 METODOLOGIA	44
3.1 SUJEITOS DA PESQUISA.....	45
3.2 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	45
3.3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	46
4 APRESENTAÇÃO DAS OBRAS	47
4.1 LITERATURA INFANTIL	47
4.1.1 Ana de Salto Alto, de Sergio Caparelli	47
4.1.2 O Bibliotecário que Mediu a Terra, de Kathryn Lasky	47
4.1.3 Era Uma Vez Outra Vez, de Gláucia Lewicki	48

4.1.4 Monstros e Medos, de Tatiana Belinky	48
4.1.5 Pânico na Biblioteca, de Eion Colfer	48
4.2 LITERATURA JUVENIL	49
4.2.1 Assassinato na Biblioteca, de Helena Gomes	49
4.2.2 A Biblioteca Mágica de Bibbi Bokken, de Jostein Gaarder e Klaus Hagerup	50
4.2.3 Calvina, de Carlo Frabetti	50
4.2.4 Dona Casmurra e seu Tigrão, de Ivan Jaf	51
4.2.5 O Incrível Livro de Hipnotismo de Molly Moon, de Georgia Byng	51
4.2.6 O Mundo é dos Canários, de Luiz Antonio Aguiar	51
4.2.7 Harry Potter, de Joanne Kathleen Rowling	52
4.3 LITERATURA ADULTA	52
4.3.1 O Azul da Virgem, de Tracy Chevalier	53
4.3.2 A Biblioteca de Babel, de Jorge Luís Borges	53
4.3.3 Crime na Biblioteca, de Ivo Bender	53
4.3.4 O Fantasma, de Danielle Steel	53
4.3.5 O Físico: a epopéia de um médico medieval, de Noah Gordon	54
4.3.6 Fundação, de Isaac Asimov	54
4.3.7 Um General na Biblioteca, de Ítalo Calvino	54
4.3.8 O Jogo do Anjo, de Carlos Luiz Zafon	55
4.3.9 Memórias do Livro, de Geraldine Brooks	55
4.3.10 O Nome da Rosa, de Umberto Eco	56
4.3.11 Onze Minutos, de Paulo Coelho	56
4.3.12 A Televisão, de Jean Philippe Toussaint	56
4.3.13 Veronika Decide Morrer, de Paulo Coelho	57
5 O PERSONAGEM BIBLIOTECÁRIO	58
5.1 CARACTERÍSTICAS FÍSICAS	60
5.2 CARACTERÍSTICAS DE AÇÃO	69
5.3 CARACTERÍSTICAS DE PERSONALIDADE	108
5.4 CONTEXTO DE ATUAÇÃO	111
5.5 POSIÇÃO DO PERSONAGEM NA OBRA	113

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
REFERÊNCIAS DAS OBRAS CONSULTADAS.....	118
REFERÊNCIAS DAS OBRAS ANALISADAS.....	124
APÊNDICE A – FICHA DE LEITURA	126
APÊNDICE B – QUADRO COM OS DADOS SOBRE AS CATEGORIAS.....	127

1 INTRODUÇÃO

A literatura apresenta a percepção social dos componentes da sociedade através das palavras dos autores. As narrativas são construídas a partir do imaginário do autor e do senso comum, o que acaba por refletir-se em seus personagens. A partir desta premissa, este trabalho pretende, através da análise de personagens bibliotecários, identificar como o profissional é retratado e se há a presença ou não de características estereotipadas na literatura de ficção.

O tema deste trabalho surgiu da necessidade, identificada pela autora, de um estudo que abordasse a imagem do profissional bibliotecário sob uma ótica diferenciada da anteriormente apresentada pela literatura especializada e por estudos realizados nos cursos de graduação em Biblioteconomia. A imagem como forma de representação é de fundamental importância para o grupo profissional, pois reflete a visão que a sociedade tem do profissional, em termos de atuação e de comportamento. Outros estudos sobre a imagem profissional bibliotecário foram previamente realizados, principalmente no âmbito cinematográfico. Este trabalho, porém, tem por proposta responder ao questionamento sobre qual é a imagem do profissional bibliotecário apresentada na literatura de ficção.

A importância do estudo deve-se ao fato de que apresentará a imagem do profissional sob a perspectiva da literatura de ficção, perspectiva esta retratada anteriormente apenas em artigos de periódicos. Apresentar a imagem sob a ótica da literatura de ficção permite uma visão diferenciada da difusão da percepção social do profissional no contexto do imaginário e da memória coletiva. A literatura como fonte de análise se justifica no sentido de que permite uma análise da imagem focada nos outros aspectos, além da percepção meramente dos aspectos físicos.

A escolha do tema deve-se ainda à função social da literatura e ao interesse da autora em literatura de ficção. A pesquisa na literatura de ficção proporciona a visualização de diferentes realidades e contextos sociais em diferentes períodos históricos, o que para o presente trabalho é de extrema importância. Estudar o profissional, sob uma diferente perspectiva, permite a difusão e a análise de uma

imagem profissional que vai além da apresentada pela literatura especializada, que é normalmente objeto de estudo no curso de graduação em Biblioteconomia.

O trabalho apresenta inicialmente os objetivos, geral e específicos. A contextualização teórica está dividida em seis subseções que abordam a imagem e a percepção social, a identidade profissional do bibliotecário, o perfil do profissional bibliotecário, o estereótipo do profissional bibliotecário e as funções da literatura de ficção e da ilustração da literatura infantil.

Na contextualização teórica foram utilizados os seguintes autores para nortear o estudo dos temas específicos: no tema imaginário os principais teóricos foram Francimar Duarte Arruda (1994), René Barbier (1994), Gilbert Durand (1997) e Maria do Rosário Silveira Porto (2000); com relação à memória coletiva foi utilizado o principal teórico do tema, Maurice Halbwachs (2006); Elisa Kopplin Ferraretto (2006) foi utilizada para o tema senso comum e a teoria de Serge Moscovici (2003) sobre as representações sociais serviu como base para o estudo deste assunto. Com relação ao profissional bibliotecário, os principais autores a tratarem da identidade profissional foram Francisco das Chagas de Souza (2004, 2006) e Iara Ferreira de Macedo (1988); os estereótipos do profissional foram retratados, de forma mais aprofundada, por Maria Tereza Machado Teles Walter, Sofia Galvão Baptista (2007) e Zunilda Roggau (2006). O profissional em seus diferentes papéis foi apresentado, primordialmente, a partir do texto de Wilson Martins (2002) por estabelecer um histórico completo da história do livro, das bibliotecas e por consequência dos bibliotecários. Já a literatura de ficção teve por embasamento teórico os estudos de Hênio Tavares (1981) e Eliane Giacon (2009). E a ilustração teve por base teórica os estudos de Luís Camargo (2006).

1.1 OBJETIVOS

Os objetivos do trabalho foram subdivididos em objetivo geral e em objetivos específicos.

1.1.1 Objetivo geral

Analisar a imagem do profissional bibliotecário enquanto personagem na literatura de ficção.

1.1.2 Objetivos específicos

- a) identificar em 25 obras literárias, escritas em português ou traduzidas para a língua portuguesa, o profissional bibliotecário representado como personagem;
- b) apresentar o perfil do profissional bibliotecário desde a Antiguidade até os dias atuais;
- c) estabelecer, a partir da análise das obras selecionadas, o perfil predominante do profissional bibliotecário na literatura de ficção;
- d) comparar o perfil apresentado pela literatura especializada com o dos personagens analisados.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

Na contextualização teórica serão apresentados os temas: imaginário, memória coletiva, senso comum, representações sociais, funções da literatura de ficção e funções da ilustração na literatura infantil. Com relação ao profissional bibliotecário será apresentada a identidade profissional, além de um breve relato da evolução dos diferentes papéis do profissional no decorrer dos séculos e os estereótipos relacionados ao profissional.

2.1 IMAGEM E PERCEPÇÃO SOCIAL

A imagem é uma forma de representação de um componente da sociedade, seja de uma ação ou de uma pessoa. Esta imagem é fruto da percepção social dos membros da comunidade sobre determinado aspecto desta ação ou desta pessoa.

Para analisar a imagem do profissional bibliotecário é necessária uma abordagem teórica dos aspectos que podem ser considerados como subsídios para a formação de uma imagem. São estes aspectos: a memória coletiva, o imaginário, o senso comum e as representações sociais.

2.1.1 Memória coletiva e imaginário

A memória pode ser entendida como o conjunto de processos que permitem a manipulação e a compreensão da realidade a partir do contexto social e das experiências vividas pelo indivíduo. Com ressalva para a ideia de que, para que um objeto ou um fato seja lembrado, este precisa antes ter sido percebido pelo indivíduo para poder, então, constituir-se como memória. E de que qualquer percepção é vista

como uma atitude de reconhecimento que envolve o julgamento, sendo que apenas o que é considerado significativo é percebido.

Zilda Kessel¹ (200?) apresenta um breve histórico da percepção da memória no passar dos séculos, de modo a demonstrar que o conceito de memória vem sofrendo alterações para se adequar às diferentes funções e utilizações sociais da mesma nas sociedades humanas. Segundo a autora, em cada período histórico “[. . .] procurou-se explicar a memória utilizando-se de metáforas compreensíveis, construídas em torno de conhecimentos que caracterizavam o momento histórico [. . .].” Para a civilização grega, a memória era considerada sobrenatural e a faculdade de lembrar do passado e o transmitir à comunidade era algo somente possibilitado pelos deuses. Durante o período medieval, a memória considerada importante era a litúrgica, cujo foco era a lembrança dos fatos e milagres da vida dos santos. Porém, foi com as mudanças nas relações sociais, provocadas pela urbanização e pela invenção da imprensa, que se passou de uma sociedade baseada na transmissão oral dos saberes para uma sociedade baseada no registro e armazenamento da memória em textos e imagens.

Maurice Halbwachs, sociólogo francês, afirma que a memória pode ser agrupada

[. . .] de duas maneiras: tanto se agrupando em torno de uma determinada pessoa, que as vê do seu ponto de vista como se distribuindo dentro de uma sociedade grande ou pequena, da qual são imagens parciais. Portanto, existiriam memórias individuais, e por assim memórias coletivas. Em outras palavras, o indivíduo participaria de dois tipos de memórias. Não obstante, conforme participa de uma ou de outra, ele adotaria atitudes muito diferentes e até opostas. Por um lado, suas lembranças teriam lugar no contexto de sua personalidade ou de sua vida pessoal – as mesmas que lhes são comuns com outras só seriam vistas por ele apenas no aspecto que o interessa enquanto se distingue dos outros. Por outro lado ele seria capaz de se comportar simplesmente como membro de um grupo que contribui para evocar e manter lembranças impessoais, na medida em que estas interessam ao grupo. (HALBWACHS, 2006, p. 71).

Pode-se, portanto,

[. . .] distinguir duas memórias que chamaríamos, por exemplo, uma interior ou interna, a outra exterior – ou então uma memória pessoal e a

¹ Documento eletrônico.

outra, memória social. Mais exatamente ainda [. . .] diríamos memória autobiográfica e memória histórica. A primeira receberia ajuda da segunda, já que afinal de contas a história de nossa vida faz parte da história em geral. A segunda naturalmente seria bem mais extensa que a primeira. Por outro lado, ela só representaria para nós o passado sob uma forma resumida e esquemática, ao passo que a memória da nossa vida nos apresentaria dele um panorama bem mais contínuo e mais denso. (HALBWACHS, 2006, p. 73).

O enfoque deste trabalho é o da memória social, denominada por Halbwachs como memória coletiva, no sentido de que a mesma é entendida como uma construção social, por fazer parte de um processo social; isto porque os indivíduos não podem ser vistos como seres isolados, mas sim como seres que interagem com os outros em estruturas sociais determinadas. Os estudos de Halbwachs se diferenciam pelo fato de que este utiliza por objeto não propriamente a memória, mas sim os “quadros sociais da memória”.

Halbwachs foi considerado inovador por estudar a memória da coletividade em uma época em que a memória era compreendida de forma primordialmente individual e subjetiva. Segundo Santos (2003), Halbwachs afirma que tudo o que é lembrado do passado faz parte da construção social realizada no presente.

A teoria de Halbwachs estabelece que os indivíduos utilizam imagens do passado enquanto membros de grupos sociais, e usam convenções sociais que não são completamente criadas por eles. Indivíduos não recordam sozinhos, quer dizer, eles sempre precisam da memória de outras pessoas para confirmar suas próprias recordações e para lhe dar resistência. (SANTOS, 2003, p. 42-43).

Para o autor, o significado de representação coletiva está associado à prática coletiva, no sentido de que a memória é a representação de práticas coletivas provenientes do passado e cultivadas no presente. As imagens não são frutos da consciência interna ou estão relacionadas ao espírito humano, mas sim são relacionadas às representações coletivas estabelecidas pelo grupo social. Representações estas que são resultado da consciência de um grupo ou classe e suas práticas no contexto da sociedade a qual pertence. O estudo da memória coletiva investiga os aspectos que levam o grupo social a determinar as distintas formas de pensamento.

Medeiros e Medeiros (2002, p. 85) afirmam que: “O imaginário é uma memória coletiva que permite ao ser humano, enquanto um ser social, elaborar os seus próprios pensamentos a respeito de si mesmo e da realidade que o cerca.”. A partir desta afirmação é possível inserir o imaginário no contexto da memória coletiva no sentido de que o mesmo é considerado uma herança cultural de uma sociedade, sendo, portanto, mais amplo que a memória coletiva da mesma. O imaginário é considerado mais amplo por ser composto pelo conjunto de imagens, crenças, normas, valores e da própria ideologia de uma comunidade.

Segundo Barbier (1994), o termo imaginário possui diferentes significados. Pode ser considerado como “[. . .] tudo o que não existe; uma espécie de mundo oposto à realidade dura e concreta.” (p. 15), ou ainda como o resultado do produzido pela imaginação humana. Conforme a afirmação de Mello (2007, p. 9) “[. . .] a faculdade de imaginário (aqui a palavra é sinônimo de imaginação) é [. . .] o campo da imagem em geral, o conjunto de produtos dessa faculdade.”.

A história da conceituação de imaginário apresenta três fases distintas: a fase da sucessão, a fase da subversão e a fase da autorização. A fase da sucessão “Caracteriza-se pela atualização do pensamento racional e a potencialização da função imaginante do ser humano.” (BARBIER, 1994, p. 16), a partir da imposição do dualismo entre o real e o imaginário. Na fase de subversão, a potencialização será do real/racional, no sentido de que o imaginário não pode ser desfeito e, portanto, é necessário reconhecer o valor positivo do mesmo. A fase denomina-se subversão por que o “[. . .] imaginário permanecerá potencialmente subversivo mantendo-se ao mesmo tempo oculto e voluntariamente ignorado.” (BARBIER, 1994, p. 18). Já a fase de autorização pode ser considerada como uma fase de equilíbrio entre o real/racional e o imaginário. Nesta fase o imaginário é “[. . .] a capacidade elementar e irreduzível de evocar uma imagem, a faculdade originária de afirmar ou se dar, sob a forma de representação, uma coisa e uma relação que não existe.” (BARBIER, 1994, p. 20).

Porto (2000, p. 20-21) afirma que para Gilbert Durand, estudioso da fase da autorização,

[. . .] o estudo do imaginário permite a compreensão dos dinamismos que regulam a vida social e suas manifestações culturais. O imaginário

consiste-se [sic] do capital inconsciente dos gestos dos sapiens, mas é também o conjunto de imagens e de relações de imagens que constituem o capital pensado do homo sapiens e o universo das configurações simbólicas e organizacionais. Está, pois, subjacente aos modos de pensar, sentir e agir de indivíduos, culturas e sociedades.

O imaginário é expresso por meio de práticas e sistemas simbólicos, ou seja, por meio de “[. . .] produções imaginárias como o mito, os ritos, a linguagem, a magia, a arte, a religião, a ciência, a ideologia, as formas de organização e as demais atividades e criações humanas.” (PORTO, 2000, p. 20). A teoria de Durand propõe o enfrentamento do tempo e da morte, a partir da criação de imagens, estes dois pontos são considerados como elementos para o surgimento do imaginário já que as produções imaginárias têm o objetivo de ser um modo de enfrentá-los. Durand (1997) desenvolve em sua teoria duas estruturas que denomina de regime diurno, definido como regime da antítese luz-trevas, e regime noturno, regime este constantemente sob o signo da conversão e do eufemismo.

O imaginário é, portanto, baseado na faculdade de criação de imagens por parte da imaginação do ser humano. Estas imagens são construídas a partir das experiências visuais anteriores, a produção ocorre pelo fato de que as informações envolvidas no pensamento são de natureza perceptiva. Neste sentido “[. . .] a imagem que temos de um objeto não é o próprio objeto, mas uma faceta do que nós sabemos sobre esse objeto externo.” (LAPLANTINE; TRINDADE, 1997, p. 10).

Sartre (2008) propõe quatro características para a descrição da imagem. A primeira seria a de que a imagem é uma consciência da imaginação sobre um objeto ausente, porém previamente percebido; a segunda é o fato de que existe uma dualidade entre as consciências perceptiva e imaginante, a imagem da percepção pode ser considerada como síntese das aparições do objeto e a imagem produzida pela imaginação pode ser considerada como uma evidência. A terceira característica considera o fato de que a consciência imaginante “[. . .] coloca o objeto como nada.” (ARRUDA, 1994, p. 80); este nada no sentido de que permite a criação de significados que levam ao desencadeamento de ações. E a quarta característica é a espontaneidade pelo fato de que é esta a responsável pela produção e conservação da imagem de um objeto.

2.1.2 Senso comum

O senso comum pode ser definido como a compreensão de todos os conhecimentos do saber social, ou seja, os saberes necessários para a vida cotidiana na sociedade como os costumes, as tradições, as normas, as práticas, os hábitos e a ética. É um saber adquirido através das experiências tanto vividas quanto ouvidas no cotidiano da vida em sociedade.

Araujo (2003, p. 75) afirma que: “O termo senso comum tem origem na filosofia e refere-se, no geral, aos saberes e conhecimentos originados na prática cotidiana e voltados para ela [. . .]”. E, segundo Japiassu e Marcondes (2006, p. 245), o senso comum é “[. . .] um conjunto de opiniões e valores característicos daquilo que é correntemente aceito em um meio social determinado.”. Compreende-se então que é o conjunto dos saberes das rotinas cotidianas compartilhado entre os sujeitos de um mesmo meio social e estruturado de forma a ser conveniente às relações sociais.

É, portanto, um saber informal, subjetivo, heterogêneo e acrítico, adquirido de forma espontânea através das relações sociais entre os pares e dos mesmos com os objetos. É simples e imediatista por não buscar o conhecimento científico para fins de comprovação.

Ferraretto (2006, p. 31) apresenta as

[. . .] características essenciais do senso comum: é partilhado por um grupo, entre cujos membros se estabelece uma espécie de consenso; está vinculado a um contexto; é formado, mais do que processos racionais, pelas emoções, percepções e valores; constitui um universo simbólico, mediado pela linguagem; e encontra-se em permanente formação e reformulação.

Como complemento a este pensamento, pode-se explicar o senso comum através das diferentes características vinculadas ao mesmo. Neste sentido o senso comum seria empírico por ser um saber derivado da experiência cotidiana; acrítico por não necessitar de uma elaboração racional, ou seja, não preceder uma crítica à sua transmissão e execução; ametódico pelo fato de não seguir um conjunto de regras formais e métodos para o conhecimento ser adquirido; ilusório por não se

preocupar com a busca por eventuais erros. Além de ser coletivo, pelo fato de ser compartilhado pelos membros de uma mesma sociedade e ao mesmo tempo particular e fragmentário, por não ser um saber universal, mas sim um saber adaptado à realidade de cada cultura e sociedade. É primordialmente prático, por nascer na vida cotidiana. O senso comum é, portanto, composto pelas informações mais diretas e simples possíveis e é orientado para o desempenho das atividades cotidianas.

2.1.3 Representações sociais

As representações sociais são uma forma de expressão do senso comum, como um conjunto de pensamentos e sentimentos, e de compartilhamento do conhecimento social, por intermédio das tradições, da educação e da comunicação entre os membros de uma comunidade. Estas representações são concebidas e desenvolvidas em um espaço social e, portanto, funcionam como elemento da vida em sociedade. Em resumo, constituem uma maneira de compreender e comunicar diferentes grupos sociais e fenômenos.

A representação social pode ser vista como um processo de construção da realidade. No sentido de que, como componente da realidade social, contribui para configurá-la, produzindo com isto uma série de efeitos específicos. A origem das representações sociais está na cultura acumulada pelo grupo social ao longo de sua história e sua determinação ocorre pelas condições, sejam sociais ou econômicas, e das crenças e valores desta sociedade.

Segundo Nitschke(2008), Émile Durkheim foi precursor do estudo das representações sociais. Partiu das representações coletivas com enfoque para os elementos que mantinham a coesão social no sentido de sua preservação e conservação. Para o sociólogo, as representações são “impostas” ao indivíduo pela sociedade através de suas manifestações religiosas, morais, jurídicas e das crenças. A partir do conceito de Durkheim, Serge Moscovici atualizou a teoria das representações

coletivas. Passou a denominar de representações sociais os fenômenos da sociedade com ênfase no caráter dinâmico das representações e no fato de que considera as mesmas como fruto dos processos de interação e comunicação dos membros de um grupo social.

Em outra vertente, Nitschke (2008) afirma que Roger Chartier estuda as representações sociais sob o ponto de vista das concorrências e competições, no sentido de que as mesmas sofrem influência das classificações, divisões e delimitações de um meio social, de modo a comparar o campo das representações a um campo de batalha. Outra abordagem de estudo é a de Erving Goffman, na qual cada indivíduo emprega uma fachada, seja consciente ou inconsciente, para a representação de seu papel na sociedade. A fachada é constituída do cenário do contexto, no que concerne mobília e decoração e de aspectos sociais como vestuário, idade, aparência, linguagem, gestos corporais que auxiliam a revelar o status social e o papel de interação.

A teoria das representações sociais se constitui “[. . .] de uma abordagem psicossocial do conhecimento que busca uma compreensão do homem na sua totalidade, ou seja, enquanto um ser que pensa, age e sente por meio de uma relação dialética com o meio circundante.” (COSTA; ALMEIDA, 1999, p. 250).

Para fins deste estudo será utilizada a representação social sob a perspectiva de Serge Moscovici cuja teoria

[. . .] parte da compreensão dos indivíduos acerca de sua visão de determinado fenômeno, ou grupo social e de sua expressão a respeito. Segundo esta teoria, aquilo que um indivíduo entende como retrato de si mesmo provavelmente está coerente com o pensamento coletivo sobre esse grupo, seus modos, comportamentos e estruturas sociais. (WALTER; BAPTISTA, 2009, p. 24).

Para Moscovici (2003), as representações sociais constituem uma organização psicológica, sob a forma de um conhecimento específico da sociedade e que não pode ser reduzida a nenhuma outra forma de conhecimento, podendo ser considerada como a versão contemporânea do que se conhece por senso comum. Com isto, pretende diferenciar as representações sociais das outras formas de pensamento social como os

mitos, ideologias, visões de mundo e a própria ciência. Porém, estas apresentam aspectos comuns entre si devido ao fato de que todas atuam na realidade social.

Além disso, existem três eixos em torno dos quais se estruturam os componentes de uma representação social: a atitude, a informação e a imagem ou campo de representação (SILVA, 2000). A atitude, no que tange à tendência de uma determinada pessoa sobre um objeto da representação, sendo, portanto, uma forma de avaliação que acaba por orientar as condutas acerca do objeto representado. A informação, no que tange a informar ou comunicar o conhecimento sobre o objeto. E a imagem, que exerce uma função organizadora de forma que o fato de estabelecer uma imagem, elemento figurativo do objeto, permite que se forme uma visão menos abstrata do mesmo.

Moscovici (2003) afirma que os indivíduos são pensadores ativos, e não meros processadores de informações ou portadores de ideologias coletivas que, mediante a interação social, produzem e comunicam as representações sociais. Para o autor, as representações sociais possuem duas funções: a de criação de convenções a objetos, pessoas ou fatos, de forma a definir fronteiras, distinguir as mensagens, se significantes ou não, ligar cada parte ao todo e colocar cada indivíduo em uma categoria distinta. Além disso, a de “[. . .] prescrever situações através da combinação de uma estrutura presente, muitas vezes inéditas, com a tradição que decreta o que deve ser pensado.” (NITSCHKE, 2008, p. 14).

Costa e Almeida (1999, p. 253) afirmam que, para Moscovici, “[. . .] se as representações são geradas no social e reelaboradas pelo indivíduo, não são os substratos que devem nos interessar, mas a ação, o movimento, ou seja, as interações entre o individual e o social.”. Foi desta dialética entre o individual e o social que surgiu o ponto de partida para a formulação da teoria das representações sociais. E o diferencial desta teoria, para as existentes anteriormente, é a de que o enfoque desta teoria é a interface dessa relação/interação do sujeito com o meio social, no sentido de que as representações têm origem e destino no meio social.

Denise Jodelet, estudiosa e difusora da teoria de Moscovici, afirma que dois processos são os responsáveis para que o social se transforme em representação e para que esta transforme o social: a objetivação e a ancoragem. Para Jodelet² (1984, *Apud* COSTA; ALMEIDA, 1999) a objetivação é processo de construção formal do conhecimento por parte do indivíduo e a ancoragem é o processo que permite a compreensão de que elementos de uma representação não só manifestam as relações sociais como também contribuem para a sua construção.

Além destas funções, Abric³ (2000, p. 28-30, *Apud* WALTER; BAPTISTA, 2009, p. 24) afirma que as representações sociais apresentam ainda quatro funções consideradas essenciais nas relações sociais, sendo elas:

- Função de saber: que possibilita compreender e explicar a realidade [. . .];
- Função identitária: que permite a proteção das especificidades dos diferentes grupos [. . .];
- Função de orientação: relacionada com os comportamentos e as práticas, o que implica num caráter prescritivo [. . .];
- Função justificadora: que explica as tomadas de posição e os comportamentos [. . .].

Portanto, as representações sociais são uma forma de pensamento e interpretação, por parte do indivíduo, de seu cotidiano e de seu contexto social. Podem ser consideradas como os conhecimentos adquiridos na experiência e transmitidos no convívio social.

² JODELET, Denise. Représentations Sociales: phénomènes, concepts et theories. In: MOSCOVICI, Serge. **Psychologie sociale**. Paris: PUF, 1984. p. 357-378 .

³ ABRIC, Jean Claude. A Abordagem Estrutural das Representações Sociais. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. de (Org.). **Estudos Interdisciplinares de Representação Social**. 2. ed. Goiânia: AB, 2000. p. 27-38.

2.2 IDENTIDADE PROFISSIONAL DO BIBLIOTECÁRIO

Identidade é o conjunto de características próprias de uma pessoa e que permite o reconhecimento de seus semelhantes, sendo, portanto, a qualidade do idêntico, do semelhante. Neste sentido, cada sujeito possui mais de uma identidade, para cada aspecto de sua vida na sociedade, isto porque, segundo Miranda (2000), a identidade não é estática, fixa, mas sim é construída e desenvolvida nos diferentes contextos nos quais o sujeito vive, trabalha, atua e se relaciona. Esta diferenciação ocorre pelo fato de que existe a necessidade da busca de semelhantes entre os pares que compartilhem opiniões, ideais e valores comuns.

Este compartilhar também pode ser associado à questão profissional no sentido de que é com a escolha da profissão que o indivíduo, ao questionar sua vocação, no que tange aos seus atributos e habilidades pessoais, busca o grupo ocupacional que possua características comuns às suas expectativas. Essa busca se realiza através do conhecimento dos reflexos da própria profissão e de seus profissionais na sociedade.

É esta identificação e o posterior seguimento da profissão que constituem a identidade profissional que, no caso reúne, na formação e na atuação no mercado, “[. . .] pessoas que guardam mesmos valores, competências, habilidades, visões e perspectivas sobre propósitos semelhantes ou comuns.” (WALTER, 2004, p. 287). Portanto, os valores de uma profissão é que servem como atrativos para que indivíduos semelhantes se unam como um grupo profissional.

A identidade profissional pode, portanto, ser definida como “[. . .] um conjunto de funções interrelacionadas executadas por pessoas que as adquirem como habilidades intelectuais e/ou operativas com base em preparação acadêmica ou por meio de treinamento e estágios de aprendizagem.” (SOUZA, 2004, p. 93).

A imagem de uma profissão constrói-se a partir das atitudes e do comprometimento de seus profissionais e de como estes se refletem na percepção da sociedade. Conforme afirma Souza (2006, p. 30-31):

Reconhecimento social de campo de saber parece ter conexão direta com visibilidade social profissional e com identidade social profissional,

pelo fato de que são os saberes teóricos, produzidos pela consolidação e transformação das práticas, ou os saberes científicos, produzidos com o emprego de estratégias exploratórias ou experimentais sob critérios de verificação de confiabilidade, de explicação ou de compreensão, que dão suporte para o exercício profissional e, por isso, para assegurar um ponto de partida aceitável para sua visibilidade social e identidade profissional.

No caso da Biblioteconomia:

Sabe-se que para a maioria das pessoas Biblioteca e o Bibliotecário fundem-se em uma só imagem. Consequentemente o equipamento físico e a aparência da Biblioteca, bem com a natureza e a qualidade de seus serviços, são identificados como o pessoal que são, por sua vez, os Bibliotecários que atuam na instituição. (MACEDO, 1988, p. 36).

A percepção de Lara Macedo demonstra claramente que a imagem do bibliotecário está amparada e atrelada ao espaço da biblioteca. Porém com o advento das tecnologias de comunicação e informação os profissionais estão em um período de mudanças, em um contexto conhecido como Sociedade da Informação. A mudança do suporte físico para o digital e os novos espaços de trabalho exigem do profissional atitudes e características condizentes com a realidade atual. Porém percebe-se que:

No caso dos profissionais da informação, focalizando mais especificamente os bibliotecários, em cuja sociedade da informação deveriam, em tese, ter um papel de destaque, observa-se, em vários textos, que sua identidade é difusa, seus contornos modificam-se paulatinamente e seus valores ainda se constroem. (WALTER, 2004, p. 289).

A identidade profissional da Biblioteconomia baseia-se, fundamentalmente, no seu espaço de atuação e no seu objeto de trabalho: a informação e a forma de mediação, organização e tratamento da mesma. Isto pode explicar porque os valores da profissão ainda estão em construção, pois a sociedade sofreu mudanças organizacionais e paradigmáticas. A mudança nos currículos dos cursos de Biblioteconomia e a discussão entre os profissionais estão ocorrendo para permitir a “construção” da nova identidade demandada. Tanto que há correntes que acreditam que existam outras denominações mais adequadas ao novo profissional do que o termo bibliotecário, como gestor da informação ou cientista da informação. Porém fica claro

que a comunidade acredita que o que deve ocorrer é a mudança das práticas, das percepções e dos discursos e não da denominação.

Souza (2004, p. 101) afirma que:

Nesse complexo comunicativo, relacional, interativo, em que o exercício de uma atuação profissional suporta a busca do sentido desejado por cada pessoa, os portadores do papel social de bibliotecário têm uma ampla demanda e uma intensa participação, sobretudo se for considerado que o papel social de bibliotecário carrega a expressão de duas missões básicas: a) Conhecer e utilizar os meios que levam a localização de qualquer fonte de informação cujo conteúdo possa a qualquer momento ser pedido por qualquer pessoa; b) produzir informação sintética, descritiva e analítica de todo o acervo físico, ou não, que constituído pelo conjunto de todas as fontes conhecidas tenha conteúdo que possa a qualquer momento ser pedido por qualquer pessoa. É a capacidade operativa do papel social de bibliotecário em atender a essas duas missões, cumulativa e simultaneamente, que faz com que as pessoas que são bibliotecárias sejam reconhecidas como prestadoras de serviços relevantes.

A identidade profissional da Biblioteconomia, apesar de estar em construção, reúne pessoas com características e capacidades comuns cuja identificação inicia na escolha profissional, se constrói durante a graduação e se consolida com a obtenção do título acadêmico e com o exercício profissional.

2.3 PERFIL DO BIBLIOTECÁRIO

A profissão de bibliotecário sofreu modificações, ao longo da história, para se adaptar às mais diferentes realidades. Os profissionais exerceram, portanto, diferentes papéis, cada qual adequado à realidade da instituição a qual se encontrava vinculado. Em uma retrospectiva da história deste profissional, destacam-se três papéis representativos, sendo eles o de sábio, o de guardião e o de disseminador.

2.3.1 Bibliotecário como sábio

A instituição biblioteca existe desde os tempos remotos das grandes civilizações antigas. Na Antiguidade podem-se dividir as bibliotecas de acordo com a matéria prima utilizada para o armazenamento das informações. Existiam, portanto as bibliotecas “minerais”, cuja coleção era constituída de tabletas de argila; as “vegetais”, cujo acervo estava no formato de rolos de papiro e as “animais”, bibliotecas estas cujo acervo era composto por rolos de pergaminho (MARTINS, 2002).

Dentre as bibliotecas “minerais” considera-se a de Assurbanípal, culto rei da Assíria, como a maior do mundo antigo surgida antes da Biblioteca de Alexandria. Sua biblioteca possuía “Cerca de 30.000 tabuinhas de argila gravadas em cuneiforme [. . .].” (CAMPOS, 1994, p. 36) e nesta biblioteca

[. . .] os textos eram submetidos à crítica de um grupo de estudiosos que avaliavam sua autenticidade e procediam a correções, acrescentando ou suprimindo partes e determinando se deviam ou não ser copiados. Graças às novas edições feitas sob o patrocínio de Assurbanípal foi que muito do que se sabe sobre as antigas civilizações da Mesopotâmia chegou até os nossos dias. (CAMPOS, 1994, p. 36).

A biblioteca mais famosa da Antiguidade foi, sem dúvida, a de Alexandria, constituída inicialmente de rolos de pergaminho, na qual dizem ter existido mais de setecentos mil volumes.

As atividades da biblioteca [de Alexandria], porém, não se resumiam a comprar e guardar livros. Seus doutos bibliotecários desenvolveram obras muito mais importantes: compilaram e salvaram textos esparsos de grandes autores [. . .] promoveram traduções comparadas, organizaram concursos de poesia, denunciaram plagiadores e recuperaram manuscritos deteriorados. (CAMPOS, 1994, p. 107).

Os bibliotecários, portanto, exerciam importante papel na instituição e, segundo Schilling (2002)⁴: “Para qualquer intelectual grego ser convidado para o cargo de bibliotecário-chefe em Alexandria era atingir o Olimpo.” “Era o tipo de oferta que

⁴ Documento eletrônico.

nenhum intelectual em sã consciência recusaria.” (FLOWER, 2002, p. 67). Estas afirmações mostram que, neste contexto, o profissional, para exercer a atividade de bibliotecário, deveria ser culto, estudioso e intelectual. O status do profissional na sociedade era o de sábio, sendo, portanto, este o perfil do profissional bibliotecário na Antiguidade, o de um respeitado intelectual. Até porque:

As atribuições do bibliotecário-chefe transcendiam as funções habituais, pois eles eram também humanistas e filólogos encarregados de reorganizar as obras dos autores antigos [. . .]. Além disso, ele também era encarregado da tutoria dos príncipes reais, a quem devia orientar nas leituras e no gosto. (SCHILLING, 2002).⁵

Os principais bibliotecários-chefes da Biblioteca de Alexandria foram: Demétrio de Faléreo, Zenôdoto de Éfeso, Calímaco de Cirene, Apolônio de Rode, Eratóstenes de Cirene, Apolônio Eidógrafo e Aristarco de Samotrácia. Dentre estes destaca-se Eratóstenes que “Poeta, filósofo, filólogo, matemático, astrônomo, cientista, geógrafo, crítico literário, gramático e inventor, [. . .] comandou a cultura alexandrina durante quarenta anos como bibliotecário-chefe, posto que assumiu em 245 a. C., com apenas 31 anos [. . .].” (FLOWER, 2002, p. 66).

A Biblioteca de Pérgamo também ocupou um lugar de destaque na história das bibliotecas da Antiguidade. Nesta biblioteca foi inventado o novo “formato” de armazenamento da informação, o pergaminho, feito de pele de animais. Além disso,

[. . .] a Biblioteca de Pérgamo desempenhou importante papel na recuperação e reprodução de muitas obras trazidas de todas as partes do mundo helenístico. Mas ao contrário de seus colegas do Egito, os mestres e bibliotecários de Pérgamo não tinham como preocupação fundamental a fixação de textos sobre os quais trabalhavam, mas sim a fidelidade às nuances e singularidades das línguas em que as obras haviam sido escritas. (CAMPOS, 1994, p. 108-109).

Os bibliotecários da Antiguidade eram, portanto, homens reconhecidos pela sua intelectualidade. De forma a concluir que exercer a atividade de bibliotecário, era ser considerado de grande relevância para a sociedade, no sentido de que apenas intelectuais com reconhecido saber e conhecimento poderiam exercê-la.

⁵ Documento eletrônico.

2.3.2 Bibliotecário como guardião

No período medieval, as bibliotecas eram distinguidas não mais pelo formato de armazenamento das informações como na Antiguidade, mas sim pela instituição/entidade mantenedora da mesma. Existiam então bibliotecas monacais ou monásticas, continuaram existindo as bibliotecas particulares, e começaram a surgir, no final do período, as bibliotecas universitárias.

Monacais eram as bibliotecas mantidas pela Igreja, cuja localização era no interior de mosteiros, conventos, abadias e outras construções de congregações religiosas. Neste contexto Martins (2002, p. 83) cita Thomas Kempis⁶ que afirmava que:

A biblioteca é o verdadeiro tesouro de um mosteiro; sem biblioteca, ele seria como uma cozinha sem panelas, uma mesa sem alimentos, um poço sem águas, um rio sem peixes, uma capa sem roupas, um jardim sem flores, uma vinha sem uvas, uma torre sem guardas, uma casa sem mobília. E da mesma forma por que se conserva cuidadosamente uma jóia num escrínio bem fechado, ao abrigo da poeira e da ferrugem, a biblioteca, suprema riqueza do convento, deve ser atentamente defendida contra a umidade, os ratos e os bichos.

As bibliotecas adquirem o status “[. . .] de espaço privilegiado, para a organização, preservação e difusão de toda aquela materialidade simbólica capaz de representar uma cultura. Eram espaços fechados sobre si mesmos [. . .].” (SILVEIRA, 2007, p. 86). Esta informação é complementada Manguel (2006, p. 19) quando afirma que as bibliotecas eram formadas “[. . .] por um universo de regras próprias que pretendiam substituir ou traduzir as do universo informe ao redor.”.

Neste contexto a figura do profissional bibliotecário “[. . .] menos se caracterizou como um organizador que existia para facilitar as incursões dos curiosos pelo universo do conhecimento e mais se firmou como um devotado e estranho guardião do saber [. . .].” (MILANESI, 2002, p. 16). Esta “função” de guardião pode ser demonstrada pelos

⁶ Obra não referenciada.

termos expressos no Regulamento da Biblioteca do Monastério Beneditino de Admont, no século XVIII, apresentado por Oliveira (1987, p. 292):

O primeiro dever de um bibliotecário consciencioso é consagrar o seu tempo e o seu trabalho ao crescimento da biblioteca que lhe foi confiada. Se não o faz, que ao menos seja vigilante para evitar que os livros se percam ou se arruïnem. Cumpre-lhe, pois, estar sempre alerta com relação aos dois inimigos dos manuscritos: o fogo e a água. É seu dever reparar, no mesmo estilo, as encadernações danificadas pela idade, mantendo-as em lugar seguro e determinado.

É possível concluir que os profissionais que exerciam o ofício de bibliotecário eram, de maneira geral, filósofos, cientistas, poetas ou religiosos cujo trato com os livros lhes confiava o papel de zelador e guardião do conhecimento armazenado no espaço da biblioteca.

As bibliotecas universitárias iniciam neste período com a fundação das primeiras universidades. No princípio, as primeiras universidades poderiam ser consideradas como prolongamentos das ordens religiosas dos franciscanos e dominicanos. O acervo destas bibliotecas era constituído, inicialmente, pelo acervo do fundador da universidade e, posteriormente, por meio de doações de benfeitores ou de antigos alunos. Os conteúdos deste acervo eram geralmente relacionados às disciplinas ministradas na universidade. Os acervos eram restritos devido ao fato de que os livros eram manuscritos e a reprodução dos mesmos era realizada de forma artesanal. A mudança desta situação somente ocorreu com a criação dos tipos móveis por Gutenberg, no sentido de que, segundo Milanesi (2002, p. 25): “Essa nova situação de acessibilidade dos livros – de papel e impresso – acabou sendo um estímulo ao conhecimento das letras e à absorção de conhecimento.”

As regras para utilização das bibliotecas universitárias eram rígidas, e podem ser demonstradas por um antigo regulamento da Biblioteca da Universidade Sorbonne, em Paris, apresentado por Martins (2002, p. 90-91):

- I- Nenhum membro da sociedade entrará na biblioteca sem beca e sem boné;
- II- É proibida a entrada às crianças e aos iletrados;
- III- Se as pessoas recomendáveis e instruídas solicitarem a entrada, um dos membros da sociedade deverá servir-lhes de introdutor, mas os seus criados permanecerão à porta;

- IV- Cada membro conservará a sua chave da biblioteca com todo o cuidado e não poderá emprestá-la a ninguém;
- V- Em tempo algum será permitido trazer a biblioteca fogo ou luz;
- VI- Nenhum volume será retirado da biblioteca sem consentimento da sociedade;
- VII- Antes de colocar um volume na estante, para a leitura, deve-se começa por limpá-lo do pó; deve manuseá-lo com cuidado e depois recolocá-lo fechado no seu lugar;
- VIII- É proibido escrever nos volumes, fazer-lhes rasuras ou dobrá-lhes as folhas;
- IX- Que se escreva ou se leia, não se deve interromper ninguém, seja conversando, seja andando;
- X- Tanto quanto possível, o silêncio deve reinar na biblioteca como num lugar augusto e sagrado.

É no contexto das bibliotecas das grandes universidades que a instituição biblioteca começa a adquirir os moldes das bibliotecas atuais. No sentido de ser uma instituição que armazena e organiza as obras para atendimento das necessidades de seus usuários. Não somente as bibliotecas adquirem o início de sua “atual” natureza, como espaço de disseminação da informação em detrimento da antiga natureza de depósito de livros, mas também é neste período que o exercício do bibliotecário começa a considerado enquanto profissão.

2.3.3 Bibliotecário como disseminador

Foi com o Renascimento que a biblioteca atingiu o status atual; a partir de então a distinção entre os seus tipos é realizada de acordo com o conteúdo dos materiais, que compõem seu acervo. Surgem, portanto, quatro tipos de bibliotecas: pública, escolar, universitária e especializada.

Até a Renascença, as bibliotecas não estão à disposição de profanos: são organismos mais ou menos sagrados, ou pelo menos, religiosos, a que têm acesso apenas os que fazem parte de uma certa ordem, de um “corpo” igualmente religioso ou sagrado. [. . .] A biblioteca foi assim, desde os seus primeiros dias até os fins da Idade Média, o que seu nome indica etimologicamente, isto é, um depósito de livros, e mais o lugar onde se esconde o livro do que o lugar onde se procura fazê-lo circular ou perpetuá-lo. (MARTINS, 2002, p. 71).

A principal mudança refere-se à democratização do acesso à informação, porque tanto a instituição quanto os livros perderam o caráter sagrado para tornar a biblioteca um espaço de disseminação do conhecimento registrado. A mudança ocorreu também com o profissional vinculado à biblioteca, que não é mais considerado guardião das obras, passou a ser disseminador das informações nela contidas. Isto porque a preocupação do profissional passou de adquirir os materiais e mantê-los em ordem para a de que estes materiais fossem lidos e utilizados.

A partir da Renascença é possível distinguir, ainda, duas fases do profissional bibliotecário. A primeira ainda muito ligada à figura do sábio, mas já mesclada com a figura de guardião.

[. . .] da Renascença até os meados do século XIX, o bibliotecário é um profissional contratado por instituições particulares, sem formação especializada, quase sempre um erudito ou um escritor a quem se oferecia a oportunidade de realizar em paz a sua obra, livre de preocupações materiais [. . .]. (MARTINS, 2002, p. 332).

Já “[. . .] a partir de meados do século XIX, o Estado reconhece o bibliotecário como representante de uma profissão socialmente indispensável.” (MARTINS, 2002, p. 332). Considerada como profissão, foi necessária a criação de cursos para formação destes profissionais. Os cursos eram considerados, de maneira geral, tecnicistas, pois a preocupação básica era com a organização, tratamento, guarda e preservação do acervo e sua execução deveria partir de regras e normas estabelecidas em códigos específicos.

Para o final do século XX, ocorreu uma mudança de paradigma, uma mudança de foco. O foco da profissão que se direcionava para o acervo passou para a informação. Nesse sentido, estando mais centrada nas necessidades dos usuários do que exclusivamente a organização dos acervos. Esta mudança ocorreu com os progressos ocorridos nas esferas social, econômica e cultural, com o advento de novas tecnologias para a comunicação, com a globalização e com a exigência maior, por parte dos usuários de unidades de informação, com relação ao atendimento de suas necessidades.

Mercadante (1995, p. 35) afirma que

[. . .] a introdução da informática, as facilidades de telecomunicações e a aceleração do uso de meios eletrônicos no acesso e tratamento da informação mudaram o conceito da biblioteca, criaram necessidades de novas formas de mediação para obtenção e transferência de informação e documentos, e passaram a exigir um profissional com perfil um tanto diferente daquele com o qual se saiu das escolas.

Esta nova realidade é denominada sociedade da informação e, segundo Rubi, Euclides e Santos (2006, p. 79): “Esse cenário exige profissionais cada vez mais qualificados, com um perfil profissional diferenciado, inovador, empreendedor, crítico, reflexivo, criativo, apto a realizar a organização e disseminação eficiente da informação.”. A exigência, portanto, é a de que o profissional seja

[. . .] atuante, dinâmico e flexível, com postura e condutas éticas, consciente do seu papel na sociedade e no mundo. Nessa perspectiva, além de uma formação sólida, é necessário que os profissionais tenham a consciência da necessidade de buscar novos conhecimentos, de desenvolver novas competências que permitam uma atuação realmente efetiva. (RUBI; EUCLIDES; SANTOS, 2006, p. 88).

O impacto provocado pelo advento das novas tecnologias exige um profissional “[. . .] capaz de atuar como um agente social que possa dar impulso à evolução dessa nova sociedade do século XXI.” (AMARAL, 2009, p. 12). Além disso, Amaral afirma que:

O profissional que trabalha em biblioteca necessita entender que a informação não pode ser considerada somente como um bem econômico, já que não se limita a um simples produto ou matéria prima de uso doméstico. A informação deve ser estudada como fator essencial que permite o salto para a verdadeira transformação da sociedade. (2009, p. 14-15).

No contexto da sociedade da informação, o “[. . .] papel do profissional bibliotecário é indispensável, pois é ele o profissional capacitado a filtrar informação, organizar, analisar e disseminar essa informação.” (RUBI; EUCLIDES; SANTOS, 2006, p. 82). Porém, surge também neste contexto, uma nova categoria, os chamados profissionais da informação que, segundo Santos (1996, p. 5), podem ser entendidos como

[. . .] todos aqueles indivíduos que, de uma forma ou outra, fazem da informação o seu objeto de trabalho, entre os quais, arquivistas, museólogos, administradores, analistas de sistemas, comunicadores,

documentalistas e bibliotecários, além dos profissionais ligados à informática e às tecnologias da informação e das telecomunicações.

Para Amaral (2009), o perfil deste profissional da informação é o de um profissional ativo com relação à tomada de decisões e que seja capaz de contribuir para a evolução da sociedade pelo tratamento consciente e competente da informação. Já Santos (1996, p. 12) consegue delinear, de forma mais específica o que se espera do profissional que lida com a informação no século XXI, visto que segundo a autora

[. . .] o perfil desejado para o profissional da informação da atualidade contém, pelo menos, os seguintes elementos: habilidades gerenciais, capacidade de comunicação efetiva, habilidades no tratamento de pessoas e habilidades pedagógicas. Como conhecimentos fundamentais, além da teoria da informação, encontram-se as técnicas ligadas ao controle bibliográfico, estudos de usuários e comunidades, elementos de pedagogia. A complementação desse conjunto efetiva-se pelo conhecimento de línguas estrangeiras, estatística, metodologias de pesquisa e informática.

Rubi, Euclides e Santos (2006) apresentam quatro competências deste profissional; são elas as competências: de comunicação e expressão, concernentes à utilização do marketing e ao atendimento e conhecimento das necessidades dos usuários; técnico-científicas concernentes à utilização de normas e regras para a execução das tarefas de tratamento, armazenamento e disseminação das informações; gerenciais, concernentes às atividades de gestão; e, por fim, as competências sociais e políticas, no sentido da necessidade do profissional ser ativo na sociedade para participar da formulação de políticas de informação.

Fica evidente, portanto, que o profissional bibliotecário, inserido no contexto da sociedade da informação, inclui-se no conjunto de profissionais denominados profissionais da informação. O perfil necessário e desejável do profissional bibliotecário, passa a não ser mais o de guardião do conhecimento, e sim o de disseminador da informação. Disseminador, no sentido de ser uma profissão que utiliza as tecnologias de informação e comunicação (TICs) para a criação, compartilhamento, organização e utilização das informações, de forma que seja possível o acesso por parte dos usuários e o conseqüente atendimento de suas necessidades informacionais.

2.4 ESTEREÓTIPO DO PROFISSIONAL BIBLIOTECÁRIO

A percepção social dos diferentes grupos que compõem a sociedade sobre um outro grupo pode ser denominada de estereótipo. Estereótipo, portanto pode ser compreendido como “[. . .] um conjunto de crenças, de conceitos interrelacionados que informam as percepções de membros de um certo grupo; ou ainda como a representação específica de um grupo particular [. . .].” (MCGARTY; YZERBYT, SPEARS⁷, 2002, p. 6 *Apud* WALTER; BAPTISTA, 2007, p. 28).

Uma vez formado o estereótipo, este vai ser composto de um conjunto de visões, por um lado, dos membros que integram um grupo e por outro lado, dos não pertencentes a este grupo, o que explica a influência, tanto interna quanto externa, na formação de um estereótipo. Porém, o elemento principal para a sua consolidação é o seu compartilhamento, pois só serão considerados estereótipos os aspectos compartilhados tanto pelos percebidos (componentes do grupo observado) quanto pelos que os percebem (sociedade em geral). Em resumo, o conceito pode ser sintetizado como tudo o que pelo senso comum é compreendido e expresso e que é, portanto, fruto de um processo que pretende reduzir o complexo ao simples através da seleção e generalização de alguns aspectos em detrimento de outros.

Walter e Baptista (2007, p. 27) afirmam que: “Os estereótipos costumam ser associados a conceitos negativos manifestados quando é emitido julgamento acerca de algum tema, de determinada pessoa, de um grupo, ou mesmo relacionado a ações.”. Isto porque, a partir do momento que um grupo é associado a um ou mais aspectos, isto acaba por se tornar significativo aos que os percebem, e conseqüentemente refletir-se nas práticas e percepções do próprio grupo em questão. O fato de os estereótipos estarem associados comumente a conceitos negativos pode ser explicado pelo destaque que a sociedade dá a esses aspectos negativos.

⁷ MCGARTY, Craig; YZERBYT, Vincent Y; SPEARS, Russell. Social, Cultural and Cognitive Factors in Stereotype Formation. In: _____. **Stereotypes as Explanations: the formation of meaningful beliefs about social groups**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 1-15.

Os estereótipos estão presentes em todos os contextos da sociedade, mas quando se trata de imagens ligadas a profissionais, os bibliotecários possuem um papel de destaque, tanto que servem até mesmo de exemplos em estudos a respeito do assunto. Os profissionais bibliotecários possuem mais de um estereótipo os quais abrangem os pontos de vista tanto físicos quanto comportamentais. O mais consolidado destes estereótipos foi expresso por Walter e Baptista (2007, p. 30) quando mencionam que:

É muito interessante como o aspecto visual e comportamental dos bibliotecários realmente permeia o imaginário popular, associando a profissão a mulheres, em geral idosas e, especialmente, com dois adereços principais, como uma espécie de marca registrada, que são os indefectíveis óculos e o famigerado coque nos cabelos, além de uma postura geralmente antagônica e pouco receptiva para os usuários, provavelmente em gesto que indique um enfático pedido de silêncio.

Este estereótipo diverge do perfil apresentado pelos autores da imagem do bibliotecário anterior ao século XX. Esta descrição representa apenas uma das facetas do estereótipo, que se formou posteriormente, do profissional bibliotecário. Para compreender o porquê desta imagem específica é necessária uma breve revisão histórica do profissional.

Roggau (2006) apresenta um pequeno histórico da profissão, afirmando que a criação da atividade do profissional surgiu como resposta a uma necessidade da sociedade. Primeiramente no sentido da preservação dos manuscritos, depois com a criação da imprensa e a crescente produção de livros para a execução do registro dessas obras e para facilitar o acesso às mesmas e com o advento das tecnologias de comunicação e informação com o intuito do processamento da informação para sua disseminação.

O perfil do profissional bibliotecário teve de se adaptar a esses diferentes contextos. Os primeiros eram estudiosos cuja atuação na Biblioteconomia era considerada “complementar” à sua especialidade acadêmica. Na Idade Média os monges, como guardiões do acervo, acrescentaram à faceta de estudioso a de conservador. Mas foi no Renascimento que se iniciou a trajetória do bibliotecário como profissional, e também como disseminador da informação, além de ainda ser considerado guardião.

Porém, alguns aspectos que compõem o estereótipo atual do profissional remetem aos tempos medievais, época de proibições e restrições. Estas proibições e restrições foram associadas aos profissionais e não à instituição representada pelos mesmos. O que explica, por exemplo, o gesto de solicitar silêncio presente no estereótipo como exemplifica Barros (2005, p. 15), quando diz que o “[. . .] dedo em riste, frente à boca [. . .].” para a exigência de silêncio na biblioteca, pode ter origem nos mosteiros “[. . .] onde a conversação entre os monges escriturários era estritamente proibida.”, sendo permitida apenas a comunicação por sinais.

Em termos de temperamento, Roggau (2006) afirma que o associado ao profissional bibliotecário é o de uma pessoa reservada, moderada e tímida, que é pouco comunicativa em sua relação com os usuários; além disso, que utiliza vestimentas antiquadas e muito formais. Já a mudança de gênero ocorreu quando da Revolução Industrial, na qual a mão-de-obra masculina foi ocupada pelas novas estruturas, deixando alguns postos de trabalho disponíveis, dentre eles o de bibliotecário. Neste contexto é que a figura feminina se inseriu neste campo de trabalho, que passou a ser ocupado inicialmente por mulheres de classe média ou alta que deveriam ter uma formação cultural e que exerciam com um caráter de gratuidade esta atividade, no sentido de que estariam trazendo com isto benefícios à sua comunidade. O diferencial entre os gêneros fica claro, então, quando se percebe que os homens exerciam a profissão como consequência de sua formação literária e científica; e as mulheres, geralmente solteiras, devido a possuir alguma formação humanística e pertencer a classes da sociedade, o que lhes permitiam exercer sua atividade sem remuneração. O que se percebe, entretanto, é que algumas das características identificadas anteriormente se mantêm e são transferidas para as mulheres, principalmente as descritas em relação aos monges bibliotecários.

Para as mulheres:

O trabalho em bibliotecas era aceito porque os livros eram vistos como um caminho para o desenvolvimento intelectual e elevação da moral. O trabalho das bibliotecárias em bibliotecas públicas era uma tentativa de se recriar o ambiente de um lar de classe média, com livros decentes, para resgatar as massas da pobreza moral e intelectual, da mesma maneira que enfermeiras e assistentes sociais procuraram reduzir a pobreza física e material. (BARROS, 2005, p. 15).

Este breve relato teve por finalidade tentar traçar a origem do estereótipo anteriormente citado, reconhecido como o mais comum relacionado ao profissional bibliotecário. Porém a literatura especializada apresenta que podem ser identificados além deste quatro outros estereótipos do profissional: o de um bibliófilo esperto, o de uma senhora simpática, o de um velho estranho e desalinhado e o de uma “[. . .] jovem inteligentíssima, bonita e aventureira que usa óculos, acessório normalmente utilizado quando se pretende demonstrar que aquela pessoa é uma intelectual.” (WALTER; BAPTISTA, 2007, p. 34) e não necessariamente como sinal de velhice.

2.5 FUNÇÕES DA LITERATURA DE FICÇÃO

A conceituação de literatura não pode ser realizada de maneira uniformizada devido a polivalência da chamada arte literária. Porém é possível distinguir duas “eras” no histórico de conceituação da mesma, histórico este proposto por Soares Amora, seriam elas a era clássica e a era moderna (TAVARES, 1981).

Na era clássica, havia o conceito estrito de que “A arte literária consiste na realização dos preceitos estéticos da invenção, da disposição e da elocução.” (TAVARES, 1981, p. 30), no sentido de que a arte literária se utilizava dos preceitos para que o texto fosse lógico e harmonioso. No sentido estrito, a arte literária era “[. . .] a arte que cria, pela palavra, uma imitação da realidade.” (TAVARES, 1981, p. 31).

Na era moderna o sentido lato da literatura é de que esta pode ser considerada como o conjunto da produção escrita de uma determinada área do conhecimento, um conceito amplo que determina a doutrina das áreas especializadas como literatura, esta seria a literatura considerada não ficção. Já no sentido estrito, Tavares (1981, p. 33) afirma que “A arte literária é, verdadeiramente, a ficção, a criação duma supra-realidade com os dados profundos, da intuição do artista.” Neste sentido, a arte literária é a criação por parte da imaginação do autor, que é afetada, em maior ou menor grau, pelo imaginário da sociedade na qual ele se insere. Esta definição de literatura contempla a literatura considerada de ficção, e é o tipo de literatura que será objeto de análise neste

trabalho. Literatura de ficção, portanto, como a transfiguração do real, é a recriação da realidade realizada por um artista transmitida por meio da linguagem.

Além do conceito, é necessário verificar quais as funções da literatura de ficção. Os estudiosos da área apresentam como quatro as funções da literatura (GIACON, 2009): estética, lúdica, cognitiva e catártica. A estética, pelo fato de ser a arte da palavra e a expressão do belo, no sentido de que uma obra literária é produzida com o objetivo de ser em primeiro lugar apreciada, mas também analisada pois “Considera-se um texto como literário se ele cumprir a função de representar de forma artística o real.” (GIACON, 2009, p.5). A função lúdica “[. . .] ocorre por meio de um jogo, no qual o artista executa a literatura por prazer, que pode ser como forma de trabalho ou até mesmo como um passatempo, e o leitor sente o prazer de ler um texto.” (GIACON, 2009, p.5-6). Cognitiva no sentido de que a literatura produz conhecimento, não que ensine através de fundamentos teóricos, mas sim pelo fato de que, sendo uma fonte de disseminação do senso comum, da cultura popular, o leitor acaba por incorporar no seu fazer cotidiano as experiências repassadas através dos relatos dos autores. E finalmente, a função catártica que é a que faz com que a obra literária seja um meio para a purificação dos sentimentos do leitor.

Antonio Candido, em seu artigo *A Literatura e a Formação do Homem* (1972) apresenta, além das anteriormente citadas, três funções exercidas pela literatura: psicológica, formadora e social. A função psicológica no sentido de contemplar a capacidade e a necessidade do homem de fantasiar. A função formadora na qual a literatura tem a função de servir também como instrumento para a formação e educação do seu leitor, não se reduzindo apenas à transmissão de ideias. É possível entender esta função a partir da afirmação de Candido (1972, p. 805) de que:

A literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial. [. . .]. Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica, [. . .], ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela. [. . .]. Dado que a literatura ensina na medida em que atua com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta. E a sociedade não pode senão escolher o que em cada momento lhe parece adaptado aos seus fins, pois mesmo as obras consideradas indispensáveis para a formação do moço trazem frequentemente aquilo que as convenções desejariam banir. [. . .]. É um dos meios por que o jovem entra em contato com realidades que se tenciona escamotear-lhe.

A função social diz respeito ao leitor e a sua identificação perante o universo representado na obra literária, no sentido de que a literatura possibilita ao leitor o reconhecimento da realidade ficcional e que o mesmo possa incorporar as informações da realidade das obras às suas próprias experiências.

Silveira (2007, p. 84) afirma que a grande lição de Roland Barthes⁸ foi a ideia de que

[. . .] o signo linguístico não se encontra preso a um conteúdo apenas, visto ser capaz de, e esta é condição própria de sua existência, dialogar com os vários vértices (o cultural, o social, o político, entre outros), que possibilitam ao leitor mobilizar a gama de impressões, sentimentos e conhecimentos necessários para interpretar o mundo que o cerca e, ao mesmo tempo, tornar-se verdadeiramente membro deste. [. . .] defende que a literatura realiza, por meio da escritura, a façanha de conceber redes variadas de saberes e transformar conceitos estanques em fronteiras móveis que se potencializam e adquirem sentido pelo aspecto múltiplo da palavra .

A partir desta afirmação é possível verificar a grande relevância da literatura de ficção para o indivíduo, no sentido de que a mesma permite, através dos ensinamentos indiretos presentes no texto literário, a compreensão da realidade e das diferentes situações da vida cotidiana. Isto porque, apesar de ser uma transfiguração, todo autor expressa de alguma forma sua visão de mundo e as imagens que ele tem daquilo que coloca na sua obra, entre elas, como vê os profissionais personagens de suas histórias.

2. 6 FUNÇÕES DA ILUSTRAÇÃO NA LITERATURA INFANTIL

A ilustração é uma forma de comunicação realizada por meio ou com o apoio de um desenho. Distingue-se de uma imagem, que tem um caráter independente, pelo fato de que a ilustração deve estar relacionada a uma ideia, texto ou conceito e representar o mesmo de forma que facilite a sua compreensão.

⁸ BARTHES, Roland. **Aula**. 12 ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

Além disso, na ilustração “[. . .] existe uma mensagem clara e definida, que precisa ser comunicada e recebida [. . .].” (ANTUNES, 2007, p. 4). Portanto serve para elucidar o texto o qual acompanha. Segundo Camargo (2006)⁹ :

Poderíamos pensar que o papel da ilustração seria o de transformar palavras em linhas, formas, cores, personagens, lugares, objetos etc., ou seja, traduzir o texto para a linguagem visual. Esse conceito é útil, mas é insuficiente.

O mesmo autor afirma ainda que:

As ilustrações não explicam nem ornamentam o texto; as ilustrações também não traduzem o texto, não buscam equivalências entre o verbal e o visual. Mais do que coerência ou convergência de significados, parece que se trata da *co-laboração* dos discursos verbal e visual, constituindo um discurso duplo, um *diálogo*. As características semióticas, semânticas, cognitivas e emocionais de cada linguagem criam necessariamente um discurso híbrido, em vários níveis. (CAMARGO, 2006A, p. 114).

Conclui-se que o papel da ilustração vai além da mera tradução da linguagem verbal para a visual, no sentido de que permite expressar em outra linguagem o que está escrito no texto, facilitar o entendimento do mesmo, mas não apenas isso, pois uma boa ilustração pode ir além do texto, sem desvirtuá-lo ou deturpá-lo. Constitui-se um diálogo entre as linguagens verbal e visual pelo fato de que os significados, tanto do texto como da ilustração, se projetam mutuamente de forma a permitir a ambas uma complementação ao entendimento e uma forma de interação.

A ilustração elucidada, representa, simboliza, expressa, descreve, enfatiza e até mesmo destaca certos aspectos do contexto, do diálogo ou de um personagem. As funções da ilustração podem ser divididas, de forma mais específica, pela seguinte classificação: função representativa, função descritiva, função narrativa, função simbólica, função expressiva, função lúdica, função conotativa, função metalinguística, função fática e função de pontuação.

A função representativa imita a aparência do personagem; a função descritiva detalha aspectos da aparência do personagem. A função narrativa situa no contexto de

⁹Documento eletrônico.

ação do texto as ações e as transformações do personagem; a função simbólica sugere significados sobrepostos ao que está referenciado. Já a função expressiva revela e ressalta os sentimentos e emoções do personagem. A função estética enfatiza a forma pela qual a mensagem visual é representada, no caso o estilo seguido pelo ilustrador. A função lúdica ocorre nos casos em que a obra está orientada para ser utilizada na forma de jogo, diferente da função conotativa, que está orientada ao leitor e visa influenciar o comportamento do mesmo. Na função metalinguística a ilustração atua como uma forma de linguagem. A função fática enfatiza o papel de seu próprio suporte e a função de pontuação objetiva orientar o texto no qual se insere, de forma que sinaliza as partes, como início, meio e fim, cria pausas e destaca alguns elementos.

Ramos e Panozzo (2004, p. 2) afirmam que:

A ilustração na literatura para a infância aparece, portanto, como uma linguagem de acesso mais imediato, auxiliando o leitor mirim a interagir com a palavra. As duas linguagens compartilham o mesmo suporte, e na ilustração, geralmente, predomina o figurativo, referindo modelos da natureza ou figuras fantásticas oriundas do imaginário. A natureza figurativa é de reconhecimento rápido e permite ao leitor estabelecer conexões com o mundo e elaborar redes interpretativas.

A ilustração, portanto permite, principalmente no contexto da literatura infantil, a visualização de forma clara e direta, da atuação destas funções. O leitor infantil está na fase de desenvolvimento de suas percepções do mundo. O contato com as ilustrações dos livros infantis e a presença de muitos dos elementos representados nos livros em seu contexto social permite que o leitor possa estabelecer relações entre os objetos e os sentimentos representados nos desenhos ou nas imagens, seja por meio da associação ou por meio da comparação do que o mesmo presencia em seu contexto.

3 METODOLOGIA

Nesta pesquisa, a metodologia utilizada foi do tipo documental de cunho exploratório. Segundo Gil (1999), o objetivo desse tipo de pesquisa é o de proporcionar uma visão geral sobre um determinado fato em documentos. No caso específico deste trabalho, a pesquisa visa verificar e analisar a imagem do profissional bibliotecário na literatura de ficção, ou seja, é uma pesquisa de cunho exploratório especificamente em textos literários.

A abordagem da pesquisa foi do tipo quanti-qualitativa, por utilizar trechos do discurso literário como fonte para a análise e por apresentar alguns dos dados analisados na forma quantitativa com o objetivo de complementar a análise qualitativa. Já o método de pesquisa utilizado foi baseado na análise de conteúdo, no sentido de que utilizou as premissas da análise, porém não foram cumpridas todas as etapas e especificações deste tipo de análise.

A análise de conteúdo segundo Bardin (c1977, p. 42) é o

[. . .] conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens [. . .].

A escolha da análise de conteúdo prende-se a fato de ter duas características que a diferenciam - a sistematicidade e a confiabilidade (FONSECA JÚNIOR, 2009). É sistemática e confiável/objetiva no sentido de que aplica um mesmo conjunto de técnicas para analisar de forma semelhante todo o conteúdo das mensagens.

O método utilizado estruturou-se nas três etapas básicas que constituem a análise de conteúdo, que segundo Triviños (2008) são: a pré-análise, que consiste na organização do material a ser analisado; a descrição analítica, que consiste na análise propriamente dita; nesta etapa ocorre o processo de transformação dos dados brutos para uma forma sistematizada, por meio da categorização; finalmente, a última etapa envolve a interpretação inferencial, que consiste na identificação das questões consideradas relevantes no conteúdo analisado. A inferência, de acordo com Bardin

(c1977), tem o objetivo do reconhecimento de duas questões no conteúdo do texto analisado: as causas ou antecedentes e os efeitos ou consequências.

3.1 SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos da pesquisa foram 25 obras de literatura de ficção, produzidas em português ou traduzidas para a língua portuguesa, as quais apresentam o profissional bibliotecário como personagem. Os gêneros literários variam entre romance, novela, conto e peça teatral. O corpus da pesquisa abrange a literatura infantil, juvenil e adulta.

Para a definição do corpus da pesquisa foi estabelecida uma data limite para elaboração da lista de obras para análise. O corpus da pesquisa foi constituído a partir informações contidas em *sites* de livrarias e editoras, *sites* de resenhas de livros, por meio de sugestões de obras por bibliotecários e por leituras anteriormente realizadas pela autora. As sugestões, por parte dos bibliotecários, ocorreram tanto de forma pessoal quanto de forma virtual, esta realizada por meio de troca de informações em listas de discussão de bibliotecários em nível nacional.

3.2 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

O instrumento de coleta de dados utilizado foi uma ficha de leitura (APÊNDICE A). Após a leitura na íntegra de cada um dos itens do corpus documental, foi preenchida uma ficha de leitura para cada personagem bibliotecário da obra.

A ficha de leitura abrange informações consideradas pertinentes para a análise das obras tais como: os dados da obra (a referência do item), a identificação do personagem a ser analisado, o contexto de sua atuação, as características físicas, da personalidade e das ações do personagem; e a transcrição dos trechos, nos quais o personagem aparece na obra.

3.3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

As informações obtidas através da coleta de dados e registradas no instrumento de coleta de dados específico foram analisadas por um método de pesquisa baseado na análise de conteúdo. A análise constitui-se basicamente de duas etapas: a descrição analítica, no qual os dados coletados foram analisados de forma individualizada para cada tipo de característica do personagem (física, personalidade e ação), e no caso das características físicas e de personalidade, de acordo com as categorias estabelecidas para a análise. No caso destas categorias, a análise foi realizada através do uso do percentual, mesmo o número de sujeitos da análise sendo inferior a 50, pelo fato de facilitar a visualização dos resultados obtidos com a análise. A outra etapa, além da descrição analítica, foi a de interpretação inferencial. Esta etapa foi realizada, de forma mais significativa, na análise das características de ação das personagens. Esta decisão foi tomada devido ao fato de que a análise das ações realizadas facilita a inferência de dados relevantes, pois foi realizada em trechos específicos das obras analisadas.

4 APRESENTAÇÃO DAS OBRAS

As obras que compõem o corpus da pesquisa podem ser divididas de acordo com o tipo de literatura, ou seja, pela faixa etária a que se destinam. Neste sentido as obras podem ser divididas em três tipos: obras de literatura infantil, obras de literatura juvenil e obras de literatura adulta.

4.1 LITERATURA INFANTIL

Compõem o tipo literatura infantil cinco obras: o conto “Memórias de um Herói Caduco” da obra **Ana de Salto Alto**, de Sergio Caparelli; **O Bibliotecário que Mediu a Terra**, de Kathryn Lasky; **Era Uma Vez Outra Vez**, de Gláucia Lewicki; **Monstros e Medos**, de Tatiana Belinky e **Pânico na Biblioteca**, de Eion Colfer.

4.1.1 Ana de Salto Alto, de Sergio Caparelli

Obra composta de diversos contos dentre os quais foi utilizado, para a análise, somente um intitulado Memórias de um Herói Caduco. Este conto trata das memórias de um senhor sobre uma de suas visitas à Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul. Apresenta apenas um personagem bibliotecário, representado por uma senhora idosa que realiza o atendimento na biblioteca.

4.1.2 O Bibliotecário que Mediu a Terra, de Kathryn Lasky

Obra que narra a vida de Eratóstenes, desde a infância até sua descoberta de

uma forma para medição da circunferência da Terra. O protagonista da obra foi matemático, geógrafo e bibliotecário-chefe da Biblioteca de Alexandria.

4.1.3 Era Uma Vez Outra Vez, de Gláucia Lewicki

Esta obra trata de um livro de contos de fadas escolhido por uma leitora e a tentativa do narrador da história em organizar a narrativa antes do início da leitura. O profissional bibliotecário nesta obra aparece apenas como mediador entre a obra e a leitora.

4.1.4 Monstros e Medos, de Tatiana Belinky

Nesta obra são realizadas duas narrativas, a do narrador principal situando os protagonistas no contexto e a do narrador-personagem o qual conta uma história às crianças protagonistas da história. A história apresentada pelo narrador-personagem, uma espécie de conto de fadas, permite o enfrentamento de medos comuns do mundo infantil, como os monstros. O personagem bibliotecário, nesta narrativa, apresenta o livro como um objeto mágico de modo a instigar a imaginação dos usuários da biblioteca.

4.1.5 Pânico na Biblioteca, de Eion Colfer

Esta obra narra as aventuras de dois irmãos que, segundo os mesmos, são condenados a passar as férias na biblioteca. A bibliotecária desta biblioteca foi apelidada pelos irmãos como Dona Batata, por acreditarem que a mesma possuía um lançador de batatas que utilizava contra os usuários. A bibliotecária impõe regras com relação à utilização do espaço da biblioteca aos meninos, os dois somente estão

autorizados a ler os livros da seção infantil, ficando restritos ao espaço demarcado por um tapete. De certa forma, essa restrição acabou por instigar os irmãos à leitura das obras da seção infantil e também estimulou a busca por novas obras. A partir de então, a personagem passa a ser denominada por seu nome, Dona Ângela, quando, ao perceber o interesse de seus usuários, permite que os mesmos tenham mais liberdade com relação ao acervo da biblioteca.

4.2 LITERATURA JUVENIL

Compõem o tipo literatura juvenil sete obras: o romance **Assassinato na Biblioteca**, de Helena Gomes; a novela **A Biblioteca Mágica de Bibbi Bokken**, de Jostein Gaarder e Klaus Hagerup; a novela **Calvina**, de Carlo Frabetti; o romance **Dona Casmurra e seu Tigrão**, de Ivan Jaf; o romance **O Incrível Livro de Hipnotismo de Molly Moon**, de Georgia Byng; a novela **O Mundo é dos Canários**, Luiz Antonio Aguiar e quatro dos sete livros de Joanne Kathleen Rowling, que apresentam o personagem Harry Potter como protagonista.

4.2.1 Assassinato na Biblioteca, de Helena Gomes

A obra é uma história de mistério na qual o protagonista, Igor, tem de decifrar o assassinato da bibliotecária do tradicional colégio onde estuda. O contexto da narrativa é a cidade de Santos, no Estado de São Paulo, e divide-se em dois momentos históricos da história brasileira, o período da ditadura militar e o período atual. A personagem bibliotecária desta obra denominada Conceição participa, no contexto da biblioteca do Colégio Santa Maria, dos dois períodos distintos da narrativa.

4.2.2 A Biblioteca Mágica de Bibbi Bokken, de Jostein Gaarder e Klaus Hagerup

A obra conta a história Nils e sua prima Berit que, por morarem em cidades diferentes, decidiram escrever um diário a quatro mãos, enviando-o de uma cidade a outra por correio, com o objetivo de não perderem o contato. A história, portanto, é narrada através de um livro de cartas escritas pelos dois primos, em que ambos têm a pretensão de descobrir quem é a misteriosa Bibbi Bokken. Bibbi Bokken é bibliotecária, e cria uma biblioteca, intitulada de mágica, em sua casa. O diferencial da biblioteca é possuir obras ainda não publicadas, produzidas por crianças, partindo do pressuposto de que estas vão compor a língua do futuro. Nesta obra são duas as personagens bibliotecárias, Bibbi Bokken, como protagonista e a bibliotecária da biblioteca pública local que é procurada por uma das crianças em busca de informações sobre a Classificação Decimal de Dewey.

4.2.3 Calvina, de Carlo Frabetti

A obra trata de um mundo à parte vivenciado pela protagonista, uma criança calva que se veste ora como menino, ora como menina. Inicia com a “captura” de Lucrécio, um ladrão que tenta entrar na casa da menina, e que a menina obriga a passar-se por seu pai. Narra as diversas situações em que estes personagens interagem. A personagem bibliotecária desta obra, Emelina, atua no contexto de uma biblioteca manicômio especializada em “livros ambulantes”, isso porque os leitores se identificam com as obras ou determinados personagens e passam a agir e se vestir como tal.

4.2.4 Dona Casmurra e seu Tigrão, de Ivan Jaf

O protagonista da obra é Barrão, lutador de jiu-jitsu, que por problemas de ciúme acaba utilizando a violência. Respondendo a um inquérito policial, a única forma encontrada para minimizar os danos causados, é passar de ano na escola, mas para isso precisa de uma boa nota em português e a prova final envolve a leitura do romance Dom Casmurro de Machado de Assis. Para conseguir realizar a leitura, Barrão conta com o auxílio de Lu, estudante de Biblioteconomia e estagiária da biblioteca da escola.

4.2.5 O Incrível Livro de Hipnotismo de Molly Moon, de Georgia Byng

Esta obra trata da vida de Molly Moon, menina órfã, moradora de um orfanato no interior da Inglaterra. No orfanato, a menina sofre com o mau humor e os maus tratos da diretora. Porém a vida da menina sofre uma reviravolta por causa de um velho e curioso livro de hipnotismo que descobriu por acaso na biblioteca da cidade e do poder ensinado através das lições apresentadas no livro. A personagem bibliotecária desta obra denomina-se Lucy Logan, atua na biblioteca pública local da cidade do orfanato de Molly e é responsável pela reviravolta da história por conduzir, de forma indireta, a usuária ao livro.

4.2.6 O Mundo é dos Canários, de Luiz Antonio Aguiar

A obra trata do estímulo à leitura de contos de Machado de Assis pela bibliotecária Carolina. Carolina descobre os contos em um espaço cultuado por sua falecida avó e, a partir da leitura dos mesmos, passa a interessar-se pelo autor. A

personagem reúne sete adolescentes, usuários da biblioteca pública em que atua, em um clube de leitura. A ideia do clube é a leitura dos textos de Machado de Assis e o debate sobre os mesmos, para ir além do texto de forma a decifrar as ambiguidades do texto de Machado. O objetivo de Carolina é estimular a leitura, a reflexão, a interpretação dos textos pelos adolescentes para romper os preconceitos em relação à escrita rebuscada de Machado de Assis.

4.2.7 Harry Potter, de Joanne Kathleen Rowling

Narrativa, composta por sete livros, que relata a vida de Harry Potter, dos 10 aos 17 anos. A obra narra as aventuras, as descobertas e os sentimentos experimentados pelo personagem desde o seu ingresso na Escola de Magia e Bruxaria Hogwarts. No contexto da escola, a bibliotecária Madame Pince aparece nos livros “Harry Potter e a Pedra Filosofal”, “Harry Potter e a Câmara Secreta”, “Harry Potter e o Cálice de Fogo” e “Harry Potter e o Enigma do Príncipe”.

4.3 LITERATURA ADULTA

Compõem o tipo literatura adulta treze obras: o romance **O Azul da Virgem**, de Tracy Chevalier; o conto **A Biblioteca de Babel**, de Jorge Luís Borges; a peça de teatro **Crime na Biblioteca**, de Ivo Bender; o romance **O Fantasma**, de Danielle Steel; o romance **O Físico: a epopéia de um médico medieval**, de Noah Gordon; a trilogia **Fundação**, de Isaac Asimov; o conto **Um General na Biblioteca**, de Ítalo Calvino; o romance **O Jogo do Anjo**, de Carlos Luiz Zafon; o romance **Memórias do Livro**, de Geraldine Brooks; o romance **O Nome da Rosa**, de Umberto Eco; a novela **Onze Minutos**, de Paulo Coelho; a novela **A Televisão**, de Jean Philippe Toussaint e a novela **Veronika Decide Morrer**, de Paulo Coelho.

4.3.1 O Azul da Virgem, de Tracy Chevalier

A autora alterna na sua narrativa a história de duas mulheres: Isabelle du Moulin, que viveu no século 16 na França e Ella Turner, uma americana que se muda para a França. A trama narra a vida de Isabelle e a busca de Ella por informações sobre os seus antepassados. Nesta obra três personagens são profissionais bibliotecários: uma bibliotecária da biblioteca local de Lisle-sur-Tarn, o bibliotecário Jean-Paul e a bibliotecária Mathilde.

4.3.2 A Biblioteca de Babel, de Jorge Luís Borges

Conto que trata de uma realidade na qual o universo seria constituído por uma infindável biblioteca, suas estantes e seus livros. A narrativa descreve esta biblioteca, a constituição de seus livros e estantes e o profissional bibliotecário e suas percepções.

4.3.3 Crime na Biblioteca, de Ivo Bender

A obra é uma peça de teatro que narra a investigação sobre a morte da bibliotecária-chefe Dona Itália, desde a descoberta de sua morte até a constatação da causa mortis. Participam da investigação duas bibliotecárias que atuavam na mesma biblioteca, denominadas Andréa e Clóris.

4.3.4 O Fantasma, de Danielle Steel

A obra narra duas histórias paralelamente: a da vida de Sarah Ferguson e a de Charlie Watson. Charlie Watson, ao se mudar de Londres, acaba por ir morar numa

antiga mansão pertencente anteriormente a Sarah. A trama se desenvolve a partir do interesse de Charlie em conhecer a história da vida de Sarah e nas leituras dos diários deixados por ela. A obra apresenta uma profissional bibliotecária, Francesca Vironette, que trabalha na biblioteca local.

4.3.5 O Físico: a epopéia de um médico medieval, de Noah Gordon

A obra narra a vida de Robert Jeremy Cole, jovem inglês, que descobre na medicina a sua vocação. A narrativa apresenta passagens de sua infância, a descoberta da vocação e os estudos na Pérsia. Em sua passagem pela Pérsia interage com o personagem Yussuf-ul-Gamal, bibliotecário da Casa da Sabedoria.

4.3.6 Fundação, de Isaac Asimov

A obra é composta por uma trilogia que consiste numa série de oito contos. A trilogia conta a história da humanidade e a investigação sobre o futuro da mesma em um futuro distante. A narrativa se desenvolve sob a perspectiva da visão do cientista Hari Seldon o qual prevê a destruição total do que chama de império humano e de todo o conhecimento por este acumulado. Além da tentativa de um grupo de cientistas de preservar estes conhecimentos à medida que a civilização ao seu redor começa a regredir. Dentro deste contexto, um dos personagens é Homir Munn, um bibliotecário que trabalha com livros-filmes.

4.3.7 Um General na Biblioteca, de Ítalo Calvino

A obra narra as ações de uma comissão de inquérito, comandada pelo general Fedina, cujo objetivo era examinar todos os livros da maior biblioteca da Panduria, isto

porque os livros poderiam conter opiniões contrárias ao prestígio militar, e produzir um relatório. Para auxiliar na tarefa, foi recrutado o bibliotecário Crispiano para explicar a organização dos livros. Porém Crispiano foi além da mera explicação e apresentou aos oficiais um mundo de descobertas.

4.3.8 O Jogo do Anjo, de Carlos Luiz Zafón

A narrativa, que decorre na cidade de Barcelona nos anos 30, conta a história de David Martin. David inicia sua carreira de escritor em um jornal local e, após ser despedido, vai trabalhar em uma editora. O trabalho na editora é considerado como seguro e garante uma renda, porém os sonhos de David são escrever o que ele chama de um romance legítimo e conquistar Cristina. A vida do personagem sofre uma reviravolta com o aparecimento de um misterioso editor, que oferece uma quantia enorme para que ele lhe escreva um certo livro sem precedentes no mundo literário. Na busca de informações para a composição deste livro, o personagem conhece Eulalia, bibliotecária da biblioteca local.

4.3.9 Memórias do Livro, de Geraldine Brooks

Esta obra conta a história do Hagadá, um código judaico do século XV que havia desaparecido durante a guerra da Bósnia, a partir de elementos encontrados por Hanna Heat, uma conservadora e restauradora de livros, responsável pela restauração do mesmo. A narrativa se desenvolve a partir de cada um dos elementos, ou pode se dizer pistas, encontradas no manuscrito como uma asa de inseto, manchas de vinho e um pêlo branco de forma a reconstruir as Memórias do Livro, de seus guardiões e dos artistas que o realizaram. Nesta obra o profissional bibliotecário é representado por três

personagens: Ozren Karaman e Serif Kamal ambos *kustos*, ou seja, responsáveis pelos cuidados com o livro e uma bibliotecária assistente.

4.3.10 O Nome da Rosa, de Umberto Eco

A obra narra os acontecimentos ocorridos em um mosteiro, na Itália, na última semana de novembro do ano de 1327. A narrativa apresenta a investigação da morte de monges, em meio a debates religiosos. A biblioteca do mosteiro é descrita como a maior biblioteca do mundo cristão, e seus livros são os pontos centrais da investigação de Guilherme de Baskerville, frade franciscano, e de seu jovem auxiliar Adso de Melk. Os monges responsáveis pela biblioteca, construída sob a forma de labirinto, são o bibliotecário Malaquias de Hildesheim e Berengário de Arundel, o ajudante-bibliotecário.

4.3.11 Onze Minutos, de Paulo Coelho

A obra narra a história de uma jovem brasileira que com a promessa de uma vida melhor parte para a Suíça, mas acaba por se tornar prostituta. A obra apresenta todas as percepções da personagem com relação à profissão e a relação desta com o amor. A personagem utiliza a biblioteca pública municipal para estudar a língua local e assuntos de seu interesse e tem o auxílio de Heidi, a bibliotecária e uma de suas poucas amigas na Suíça.

4.3.12 A Televisão, de Jean Philippe Toussaint

Nesta obra o protagonista e narrador é um intelectual francês cujo ofício era escrever um livro sobre a vida de Ticiano. Utiliza a biblioteca para a busca de informações para a composição de seu trabalho, e é atendido por dois bibliotecários.

4.3.13 Veronika Decide Morrer, de Paulo Coelho

A obra narra a história de Veronika, uma jovem bibliotecária eslovena que, não aceitando a ideia de viver uma vida sem sentido, decidiu cometer o suicídio com uma overdose de calmantes. Porém o suicídio fracassa e a personagem é internada por seus pais em um lugar chamado de asilo para loucos. Alertada pelo médico de que tem apenas sete dias de vida, a personagem faz uma reflexão sobre a vida e a morte, de forma a recuperar o amor à vida.

5 O PERSONAGEM BIBLIOTECÁRIO

Nas 25 obras analisadas, o bibliotecário é representado em 34 personagens. Para a análise dos personagens foi realizada uma divisão entre as características físicas, as características de personalidade e as características de ação. Além disso, foi considerada a apresentação do contexto de atuação do profissional, na figura de seu personagem.

Dentre as características físicas encontradas nos personagens das obras analisadas, foram seis as características recorrentes. Para a análise destas foram criadas seis categorias específicas: gênero, idade, peso, altura, presença de óculos e, para o gênero feminino, a presença de coque.

A categoria gênero foi dividida em duas subcategorias: feminino e masculino. A categoria idade foi dividida quatro subcategorias: jovem, meia idade, idoso e indefinido. Esta última foi utilizada nos casos em que a informação sobre idade do personagem não foi citada no texto, o que faz supor que não tenha sido considerada relevante pelo autor. A subcategoria jovem compreende personagens de até 30 anos; a subcategoria meia idade compreende personagens com idades entre 31 e 59 anos; e a subcategoria idoso, inclui personagens de 60 anos em diante.

A categoria peso compreende as seguintes subcategorias: gordo, magro e indiferente. A subcategoria indiferente foi utilizada, como na categoria idade, nos casos em que esta informação foi considerada indiferente ou irrelevante pelo autor, ou seja, não foi mencionada no texto.

A categoria altura foi dividida em três subcategorias: alto, baixo e, assim como nas categorias idade e peso, a subcategoria indiferente. Finalmente, as categorias de presença de óculos e de coque, esta última sendo utilizada apenas para os personagens do gênero feminino, foram identificadas separadamente, por sim e não. Sendo 'não' utilizada em todos os casos em que não são apresentadas informações sobre estes itens no texto.

Dentre as características de personalidade analisadas, foram recorrentes duas grandes características: a empatia e o interesse no usuário que, para fins de análise,

foram transformadas em categorias. Para a análise destas categorias foram utilizados tanto os trechos em que o autor descreve o personagem quanto os trechos em que o personagem desenvolve uma ação. A categoria empatia compreende as seguintes subcategorias: simpático, antipático e indiferente. A subcategoria indiferente, neste caso, se aplica aos personagens não descritos pelo autor, ou cujas ações na história não demonstrem aspectos de sua personalidade.

Para a categoria 'interesse no usuário' são três as subcategorias: sim, não e indefinido. A análise desta categoria se baseia nas ações do personagem com relação aos usuários da biblioteca em que atua, ou em alguns casos com relação aos outros personagens com os quais interage. Esta categoria visa analisar se o personagem mostra-se prestativo e demonstra ter interesse nas necessidades do usuário. Neste caso a subcategoria 'indefinido' aplica-se aos personagens cujas ações não permitem inferir esta característica.

As características de ação não foram categorizadas. Para a análise foram utilizados trechos das obras com as ações principais do personagem na obra. No que tange ao contexto de atuação foi feita a identificação deste contexto e para isso foram utilizadas seis subcategorias: biblioteca pública, biblioteca escolar, museu, arquivo, biblioteca monástica e indefinido.

Além das características e do contexto de atuação, foram levadas em conta as seguintes informações nas obras: posição do personagem e data de *copyright* da obra. A posição do personagem foi categorizada de forma a explicitar a participação do mesmo na obra; para tanto foram utilizadas as subcategorias: protagonista, secundário e interage com o protagonista. Esta última subcategoria utilizada quando o personagem não tem relevância no enredo da história, no sentido de aparecer apenas interagindo com o protagonista, sem influenciar o enredo com sua ação. A data de *copyright* da obra da obra foi verificada para auxiliar na identificação ou não de características comuns entre os personagens em relação à época de produção de cada obra.

Para melhor visualização dos dados coletados, os resultados das categorizações e subcategorizações foram apresentados por meio do uso de percentuais e de gráficos. Apesar da teoria estatística estabelecer o não uso de percentual para análises com

menos de 50 resultados, a utilização justifica-se pelo fato de que esta forma de apresentação facilita a compreensão e a visualização dos dados.

5.1 CARACTERÍSTICAS FÍSICAS

Conforme mencionado introdutoriamente, entre os personagens analisados foram identificadas características físicas que foram organizadas nas categorias: gênero, idade, peso, altura, além da presença de óculos e para o gênero feminino, presença de coque. Na análise dos dados, os resultados de cada categoria serão apresentados separadamente.

Com relação à categoria gênero, os resultados obtidos foram de que a categoria gênero feminino representa 22 dos 34 personagens, ou seja, 64,70% do total. Já o gênero masculino representa 35,3% dos personagens, com o total de 12 personagens.

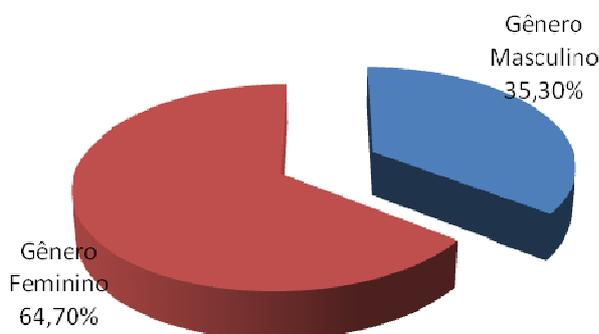


Gráfico 1 – Categoria gênero

Fonte: Dados da pesquisa

Percebe-se, portanto, o predomínio de personagens no gênero feminino, no sentido de que mais do que a metade dos personagens analisados são mulheres. Esta característica confirma as informações do histórico apresentado por Roggau (2006) quando menciona o fato de que ocorreu uma mudança no gênero na profissão de bibliotecário quando da Revolução Industrial. A maior parte das obras analisadas estão ambientadas no contexto histórico pós Revolução Industrial, o que explica o predomínio

de personagens femininos apresentados nas obras. Fica claro o fator temporal com relação ao gênero, se analisado que o contexto, em que a maioria dos personagens do gênero masculino atua, pertence ao momento histórico em que as mulheres não ocupavam postos de trabalho, como no caso dos personagens que atuavam em um mosteiro por volta do século XIV, por exemplo.

A categoria idade envolve cinco subcategorias: jovem, meia idade, idoso e indefinido. Os resultados mostraram onze personagens descritos como jovens, representando 32,36% do total; os personagens de meia idade apresentam-se em número significativo, representando 41,18% do total com quatorze personagens.

A subcategoria idoso apresenta cinco personagens num percentual de 14,70% dos personagens, dentre os quais a “idosa” Conceição da obra **Assassinato na Biblioteca** e o “velhinho” Crispiano do conto **Um General na Biblioteca**. Já os presentes na categoria indefinido representam 11,76% do total, com apenas quatro personagens, e é importante a ressalva de que estes personagens não possuem a descrição de nenhuma outra característica física a não ser o gênero.

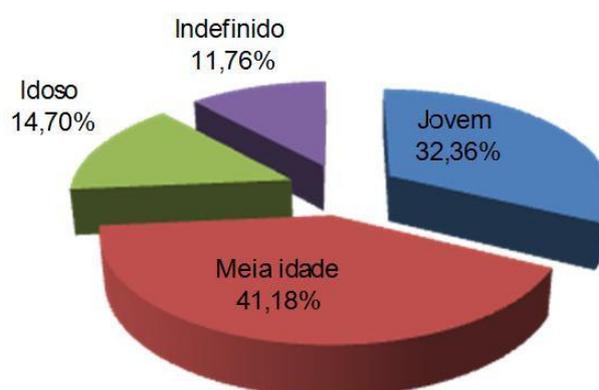


Gráfico 2 – Categoria idade
Fonte: Dados da pesquisa

Com relação à idade percebe-se, portanto, que este elemento é considerado relevante para a descrição do profissional, visto que aparece na maioria dos personagens analisados. E que a questão da idade aparece inclusive no estereótipo do profissional como no apresentado por Walter e Baptista (2007) que afirmam que a profissão está associada geralmente a mulheres idosas. Porém, a partir dos dados

coletados nas obras, percebe-se que não há a predominância de personagens na categoria idoso, mas sim nas categorias cujos profissionais são mais jovens, como é o caso dos de meia idade e dos jovens, propriamente ditos.

Os autores descrevem, em alguns casos, aspectos da aparência física de seus personagens, como no caso da personagem do conto ‘Memórias de um Herói Caduco’ da obra **Ana de Salto Alto**, cuja descrição é a de uma “[. . .] velhinha de nariz curvo como um anzol querendo fisgar o queixo.” (CAPARELLI, 1981, p. 8). Pode-se perceber, nesta descrição, além da referência à idade, uma conotação negativa na escolha das palavras utilizadas pelo autor em relação à aparência da personagem.

Outra passagem em que se evidencia uma conotação pejorativa é o trecho em que a personagem Dona Ângela é descrita na obra **Pânico na Biblioteca**:

Meu coração se acelerou ao som daquela voz. Era como dois pedaços de metal enferrujado sendo esfregados um no outro. Prendi a respiração e olhei para a sala enorme. Uma velha estava inclinada sobre uma mesa enorme de madeira, as juntas maiores que umas bolas. O cabelo grisalho estava preso tão apertado que as sobrancelhas foram para o meio da testa. Ela parecia ao mesmo tempo surpresa e irritada. Era dona Batata, sem dúvida nenhuma. [. . .]
Dona Batata olhou para baixo de uma altura enorme. Ela era grandona. Mais alta do que o meu pai, e mais larga do que a mamãe e minhas duas tias amarradas juntas. Os braços eram magros como de um robô e os olhos pareciam dois besouros pretos por trás dos óculos. (COLFER, 2005, p. 9).

Nota-se que cada detalhe é descrito de forma a intensificar a sensação negativa, de pânico até, que a bibliotecária causa no narrador e, por conseguinte, no leitor. Outro exemplo é a personagem Carolina, da obra **O Mundo é dos Canários** que é detalhadamente descrita:

Com cerca de quarenta anos, Carolina era uma mulher de pele da cor da noz-moscada, e que exalava permanentemente perfumes, sem que ela usasse nenhum. Mas era, por vez, o cheiro do gerânio, noutra o da canela, noutra o do grão de pimenta negra que se acaba de esmagar. Eram cheiros de terra e de água; mas terra hurnosa, cultivada; e água barrenta, o curso de um rio depois de chuva forte, jorrando, rasgando ainda mais seu leito. (AGUIAR, 2008, p. 20).

Já neste exemplo, também pela escolha das palavras que faz o autor cria-se uma imagem bastante positiva, ligando a personagem a elementos agradáveis da

natureza e promovendo uma atmosfera de bem-estar no leitor. A descrição das personagens, nestes casos, vai além das informações como gênero e idade para definir aspectos peculiares da mesma. Porém, é importante destacar o fato de que a descrição sempre aponta aspectos negativos ou positivos da personagem, intencionalmente construídos pelo autor. Não há a predominância, dentre os personagens analisados, da descrição de aspectos negativos dos personagens. Conclui-se, portanto, que o bibliotecário apresentado como personagem nas obras literárias não é visto somente por seus aspectos negativos; em alguns casos, os aspectos e as ações positivas se destacam no enredo da obra.

De forma geral os personagens não são descritos com o nível de detalhamento anteriormente apresentado, o que permite que categorias gerais sejam utilizadas para análise. Uma característica física que aparece nas obras é a informação sobre o peso da personagem.

Para apresentar esta informação de forma generalizada foram estabelecidas três subcategorias para a categoria peso: gordo, magro e indiferente. Dos 34 personagens, apenas dois personagens num percentual de 5,88% são descritos como gordos. Sendo que para a personagem Emelina da obra **Calvina** é usado o termo “rechonchuda” (FRABETTI, 2008, p. 30).

A subcategoria magro totaliza dez personagens, ou seja, 29,42% do total. São exemplos a personagem dos livros de Harry Potter descrita como “Madame Pince, a bibliotecária, era uma mulher magra e irritável que parecia um urubu subnutrido” (ROWLING, 2000, p. 142). Mais uma vez as palavras utilizadas pelo autor deixam transparecer uma conotação negativa em relação à personagem. O mesmo ocorre com a personagem Lu da obra **Dona Casmurra e seu Tigrão** que era estagiária de Biblioteconomia e considerada uma garota muito magra, sua descrição praticamente a apresentava como vítima de anorexia, ou seja, foi a forma utilizada pelo autor para descrever sua fragilidade.

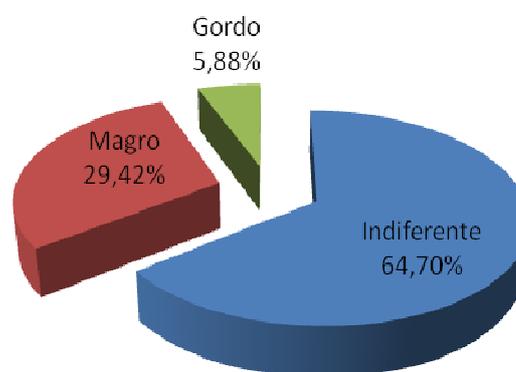


Gráfico 3 – Categoria peso

Fonte: Dados da pesquisa

O que deve ser destacado é que os outros 22 personagens não possuem nenhuma informação sobre o seu peso na obra. A subcategoria indiferente totaliza, portanto, 64,70% dos personagens. Este resultado demonstra que a questão do peso não é relevante para a descrição dos personagens, para a maioria dos autores.

Outra característica física é a altura. Para a análise desta categoria foram utilizadas três subcategorias: alto, baixo e indiferente. Dos personagens analisados apenas doze apresentaram esta informação, sendo que sete destes foram considerados altos representando 20,60% do total. E três pertencem à subcategoria 'baixo', ou seja, 8,82% dentre os quais o personagem Crispiano do conto **Um General na Biblioteca** descrito como “baixotinho”, com destaque para a o sufixo diminutivo utilizado pelo autor para representar o personagem. Neste caso o autor, ao usar um diminutivo normalmente associado a uma conotação pejorativa informa algo: ou como ele próprio vê o personagem, ou como o vêem aqueles que com ele interagem. É interessante notar que, como o bibliotecário Crispiano é um personagem que provoca uma substancial mudança no conto, obviamente se constitui como personagem-chave ou protagonista. Mesmo assim, é apresentado como alguém de aparência inexpressiva o que, por outro lado, pode ser uma intenção do autor, a de mostrar que nem sempre uma aparência física inexpressiva significa uma atuação inexpressiva.

A subcategoria indiferente, assim como na categoria peso, foi a de maior percentual com 24 personagens o que representa 70,58% do total. Este resultado na subcategoria indiferente permite a conclusão de que, assim como o peso, a altura não é

um aspecto considerado relevante para a descrição dos personagens e consequentemente, na imagem do profissional bibliotecário.

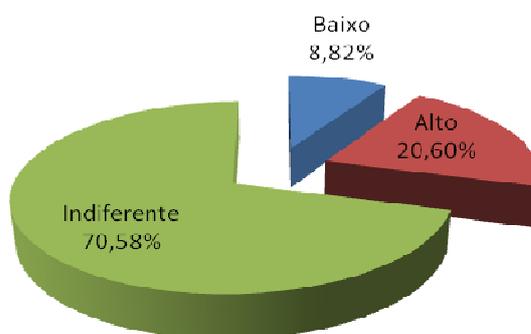


Gráfico 4 – Categoria altura

Fonte: Dados da pesquisa

Porém é importante a ressalva de que, se realizada a relação entre altura e peso dos personagens é perceptível a tendência de os mesmos serem altos e magros, como no exemplo do personagem Malaquias de Hildesheim, da obra **O Nome da Rosa**, cujo

[. . .] rosto procurava adquirir uma expressão de boas-vindas, mas não pude deixar de estremecer diante duma fisionomia tão singular. A sua figura era alta e, embora extremamente magra, os seus membros eram grandes e desajeitados. (ECO, 2004, p.77).

Assim como o personagem Malaquias, outros seis personagens descritos como altos também são descritos como magros. Percebe-se, portanto, que apesar de as categorias peso e altura possuírem valores significativos na subcategoria 'indiferente' existe a predominância, dentre os personagens descritos, deste tipo físico, ou seja magro e alto.

Em suma, é possível inferir que a questão da caracterização do bibliotecário, nas obras analisadas, não se relaciona significativamente aos aspectos de peso e altura. Estes aspectos não são considerados relevantes por que não interferem na ação e na personalidade do personagem.

Outro aspecto considerado na análise foi o uso de óculos pelo personagem, visto que a literatura especializada sobre o profissional bibliotecário apresenta este elemento como componente do estereótipo do profissional bibliotecário. A importância deste

elemento na literatura especializada é devido ao fato de que o mesmo aparece em mais de um dos estereótipos do profissional bibliotecário. O resultado encontrado na análise foi divergente do estereótipo no sentido de que apenas sete dos 34 personagens foram descritos com o elemento óculos, ou seja apenas 20,58%. E de que 27 personagens, ou seja 79,42%, não foram descritos como usuários de óculos, o que permite inferir que este elemento não é considerado relevante para os autores literários analisados assim como é considerado na literatura especializada. A “irrelevância” deste elemento, por partes dos autores, pode ser comparada ao aspecto do peso e da altura, visto que não interfere na ação e nas atitudes do personagem/profissional.

São exemplos de personagens que utilizam óculos um dos personagens da obra **A Televisão** descrito como um “[. . .] jovem bibliotecário de cabelos cacheados e de óculos [. . .].”(TOUSSAINT, 1999, p. 45) e a personagem Mathilde da obra **O Azul da Virgem** cuja descrição é a de que é uma jovem “[. . .] de cabelos louros e curtos, óculos amarelos. [. . .] os olhos azuis aumentados pelas lentes grossas dos óculos. Nunca tinha visto alguém usar lentes grossas com tanto estilo.” (CHEVALIER, 2007, p. 128). Vê-se aqui, claramente a conotação positiva para o uso dos óculos, o acessório parece atribuir até certo charme à personagem.

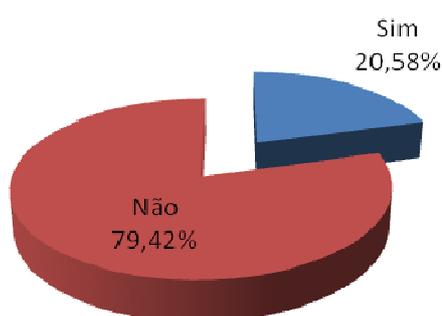


Gráfico 5 – Categoria presença de óculos

Fonte: Dados da pesquisa

O último aspecto analisado dentre as características físicas é o da presença de coque para o gênero feminino. Este elemento, assim como o anterior, foi analisado com base nas informações da literatura especializada. Os resultados com relação ao uso de

coque foram os de que 20 das 22 personagens femininas não fazem uso de coque, ou seja, 90,91% um resultado significativo que, em contraponto aos 9,09% das outras duas personagens, permite a conclusão de que esta não é uma característica, de acordo com os autores literários, como pertencente à imagem do profissional bibliotecário.



Gráfico 6 – Categoria presença de coque para o gênero feminino

Fonte: Dados da pesquisa

Embora o resultado com relação ao uso de óculos assim como o resultado sobre a presença de coque, nas personagens de gênero feminino, apresente dados conclusivos de que estas características não podem ser consideradas como pertencentes à imagem dos personagens bibliotecários, dois deles apresentam ambas as características. É relevante a descrição destes por apresentarem exatamente o descrito na literatura especializada: de que o estereótipo do profissional seria o de uma mulher que utiliza óculos e os cabelos arrumados em um coque.

As personagens são: Dona Ângela e Lucy Logan. A personagem Dona Ângela da obra **Pânico na Biblioteca** não tem seu coque descrito pelo autor, mas sim pelo ilustrador da obra. A figura abaixo é a representação da personagem, e permite a clara visualização dos dois elementos.



Ilustração 1 – Representação da personagem Dona Ângela
 Ilustrador: Tony Ross (COLFER, 2006, p. 24)

O que se percebe, neste caso, é que o ilustrador enriquece o texto, não o contradizendo, ao criar uma imagem que possivelmente reflete uma imagem que ele reteve como algo que faz parte do senso comum ou de sua própria experiência e que nos apresenta uma caracterização caricata do estereótipo do bibliotecário. Estereótipo este comumente reproduzido e reforçado pelo imaginário popular.

Já a personagem Lucy Logan da obra **O Incrível Livro de Hipnotismo de Molly Moon** é descrita como

[. . .] uma mulher de aparência estudiosa, mas agora que tinha tirado os óculos Molly viu que ela não era tão velha quanto parecera antes. Usava o cabelo num coque fora de moda e tinha alguns fios grisalhos, mas o rosto não combinava com isso. (BYNG, 2003, p. 358).

Neste caso, a presença de óculos e de coque acaba por envelhecer a personagem, ou seja, esses elementos parecem trazer ou lembrar conotações negativas, mas que são apenas marcas formais ou sinais falsos de características que acabam por nem sempre confirmar essa conotação negativa. No próprio trecho acima apresentado o elemento óculos, apesar de envelhecer a personagem acaba também por lhe atribuir um ar intelectual, o que não é um aspecto negativo.

Tendo em vista que os elementos óculos e coque podem causar esse efeito de envelhecimento na personagem, é possível refletir sobre o fato de que estes elementos são relacionados ao estereótipo do profissional bibliotecário, assim como o fato de que o mesmo é atribuído a uma senhora idosa. Estes elementos podem ter sido atribuídos ao profissional justamente por causar este efeito de envelhecimento, ou ainda pelo fato

de que se atribui o uso de óculos à pessoas com dificuldades visuais, o que geralmente ocorre na velhice.

5.2 CARACTERÍSTICAS DE AÇÃO

As ações dos personagens no enredo das obras analisadas não puderam ser categorizadas, como os aspectos físicos e de personalidade, devido às particularidades de cada ação e de cada personagem. As ações dos personagens e sua respectiva análise serão apresentadas de forma individualizada para cada um dos 34 personagens, na ordem alfabética dos títulos das obras em que aparecem.

O bibliotecário da obra **A Biblioteca de Babel** não realiza nenhuma ação direta. Porém, o relato do autor mostra as descobertas, observações e conclusões deste bibliotecário de maneira irônica.

Há quinhentos anos, o chefe de um hexágono superior deparou com um livro tão confuso como os outros, porém que possuía quase duas folhas de linhas homogêneas. Mostrou seu achado a um decifrador ambulante, que lhe disse que estavam redigidas em português; outros lhe afirmaram que em iídiche. Antes de um século pôde ser estabelecido o idioma: um dialeto samoiedo-lituano do guarani, com inflexões de árabe clássico. Também decifrou-se o conteúdo: noções de análise combinatória, ilustradas por exemplos de variantes com repetição ilimitada. Esses exemplos permitiram que um bibliotecário de gênio descobrisse a lei fundamental da Biblioteca. Esse pensador observou que todos os livros, por diversos que sejam, constam de elementos iguais: o espaço, o ponto, a vírgula, as vinte e duas letras do alfabeto. Também alegou um fato que todos os viajantes confirmaram: "Não há, na vasta Biblioteca, dois livros idênticos". Dessas premissas irrefutáveis deduziu que a Biblioteca é total e que suas prateleiras registram todas as possíveis combinações dos vinte e tantos símbolos ortográficos (número, ainda que vastíssimo não infinito), ou seja, tudo o que é dado expressar: em todos os idiomas. (BORGES, 2007, p. 72-73).

A partir do trecho é possível destacar algumas expressões utilizadas pelo autor para caracterizar o personagem, mas também sua ironia. O autor descreve um "bibliotecário de gênio", expressão que permite visualizar o tom irônico utilizado pelo autor ao considerar o bibliotecário como sábio, no sentido que afirma que o mesmo

descobriu “a lei fundamental da biblioteca” observando que as obras “constam de elementos iguais: o espaço, o ponto, a vírgula, as vinte e duas letras do alfabeto”. Atribuir a genialidade à observação de elementos vistos como banais, considerando o conhecimento do bibliotecário, confere o tom irônico à descrição feita pelo autor.

A obra **A Biblioteca Mágica de Bibbi Bokken** apresenta duas personagens bibliotecárias. Uma delas, denominada apenas como bibliotecária, atua na biblioteca pública local de Fjaerland e sua ação na história foi realizar o atendimento da protagonista Berit. Apesar de ser pouco extenso, o trecho demonstra o interesse da profissional em atender a usuária.

Acho que a bibliotecária ficou impressionada por eu ter ficado tanto tempo folheando os livros da seção de poesia. [. . .] Depois de um tempo, a bibliotecária veio me perguntar se eu estava procurando alguma coisa especial.

- Na verdade, não. – eu disse.

Mas depois acrescentei:

- Vocês têm alguma coisa de Díui?

Ela deu um sorriso muito expressivo. Então me levou até uma mesa e tirou um grande livro azul de uma gaveta. (GAARDER; HAGERUP, 2008, p. 45-46).

Esta personagem demonstra um perfil diferente do profissional anteriormente citado. Sua atuação configura-se como disseminador, e não mais como sábio. Percebe-se este seu papel, quando procura a usuária para auxiliá-la na sua busca e no atendimento de sua necessidade de informação, como demonstrado no trecho “a bibliotecária veio me perguntar se eu estava procurando alguma coisa especial”. A resposta da usuária provocou na bibliotecária como reação um “sorriso muito expressivo”, este sorriso parece demonstrar a satisfação em poder ajudar a usuária, e também, talvez porque soube identificar a necessidade da usuária e saber como supri-la.

Já a personagem Bibbi Bokken, da mesma obra, tem uma ação diferenciada. O enredo se desenvolve basicamente sobre as atitudes desta personagem, visto que são questões sobre o seu comportamento que instigam os dois primos, também protagonistas da história, a escreverem um livro de cartas. Este livro de cartas, o ponto central da história, narra cada observação dos dois jovens com relação à personagem Bibbi como, por exemplo, a descoberta de que esta estudou Biblioteconomia.

Bibbi Bokken foi definida, pelos primos, como uma mulher esquisita, pois demonstra uma estranha paixão pelos livros. Esta informação fica clara no trecho “Ficava passando na frente das estantes e olhando os livros. E ela babava, Berit! Pois é, não sei outro jeito de dizer isso, a mulher andava pela livraria e babava. Como se os livros fossem de chocolate, marzipã, ou coisa parecida.” (GAADER; HAGERUP, 2008, p. 9-10). Bibbi Bokken ao ser considerada apaixonada por livros mostra um aspecto exagerado, mas frequentemente presente do senso comum, quando se trata do profissional bibliotecário, o de que o mesmo goste muito de livros e de leitura.

A paixão de Bibbi pelos livros era tanta que a mesma resolveu criar uma biblioteca no que seria o porão de sua casa. Esta biblioteca era composta apenas de livros comuns, obras raras e edições especiais, e também por obras ainda não publicadas produzidas por crianças. O livro de cartas, que compõe boa parte desta obra é uma destas. O desenrolar da história e as ações de Bibbi Bokken estão voltadas ao que estes dois primos escrevem em seu livro. Bibbi “auxilia”, de forma indireta, na redação do livro de cartas, pois instiga a imaginação dos dois jovens escritores.

As ações desta personagem não ocorrem, como com a outra personagem bibliotecária da obra, no ambiente tradicional de uma biblioteca, mas sim nos mais diversos contextos durante o enredo, como em uma barca, em uma livraria, em um hotel e em sua própria casa. O fato de exercer ações em outros contextos é um ponto de análise no sentido de que a mesma não precisou estar atrelada a um ambiente de biblioteca convencional para pôr em prática os seus conhecimentos. Bibbi foi além dos processos técnicos designados à profissão, como a catalogação e a classificação buscando valorizar os documentos antes mesmo de sua publicação e seus escritores.

Assim como na obra anterior, a obra **A Televisão** apresenta dois personagens bibliotecários. O primeiro deles, um jovem bibliotecário, cuida do departamento de pintura da biblioteca. Sua ação na história foi a de auxiliar a busca por informação do protagonista da história. Apesar de o mesmo demonstrar impaciência com o usuário, realizou a busca por informações e indicou o local mais adequado à pesquisa.

[. .] dirigi-me ao departamento de pintura da biblioteca e perguntei ao jovem bibliotecário de cabelos cacheados e de óculos, que cuidava do setor, como poderia encontrar um texto de Musset no qual ele fazia alusão a um encontro que Carlos V teria tido com Ticiano. O moço

imediatamente fez um beicinho eloqüente para indicar sua total ignorância (certamente ele não tinha a menor idéia), mas mesmo assim pôs-se a batucar com preguiça no teclado do computador, talvez por desengano de consciência, até que finalmente na tela, como que por encanto, surgiu uma lista de nove Musset. Alfred? ele perguntou erguendo a cabeça. O quê? eu disse. Inclinei sobre o computador para olhar essa lista de nove Musset exposta na tela, classificados segundos os primeiros nomes (Edouard, Georges, Paul, Raoul), dizendo a mim mesmo que afinal só a informática capaz de fazer surgir desse modo, instantaneamente, essas atualizações fortuitas de ocorrências insuspeitas e sem interesse. Alfred? ele repetiu com o dedo ainda no ar, prestes a afundá-lo sobre o teclado. Alfred, eu concordei. O dedo apertou o teclado e apareceram diversos itens na tela, listas de obras classificadas em colunas e subcolunas. Alfred de Musset, segundo o computador do setor de pintura da biblioteca de Beaubourg, era o autor de uma quinzena de livros, nada de muito interessante para nós, de acordo com o meu interlocutor. Não, fico até sem jeito, não encontrei nada, eu disse a ele. O senhor deveria consultar o setor de literatura, ele disse, indicado-me o fundo da sala. Musset é literatura, ele acrescentou, é como Corneille. É, é, mas é que eu estava procurando um texto sobre Ticiano, eu disse a ele. Um texto de Musset, não é? ele disse. É, eu disse, eu comecei a explicar que se tratava, por incrível que pudesse parecer, de um texto em que Musset [. . .]. Mas Musset não é pintura, ele disse com uma voz quase extenuada. E o que ele faria para me convencer? Pensamos ainda um minuto, os dois, cada qual de um lado do computador. E Carlos V por acaso é pintura? ele disse – o golpe de misericórdia.” (TOUSSAINT, 1999, p. 45-46).

Este trecho traz aspectos interessantes para a análise. Logo no início, o trecho “fez um beicinho eloqüente para indicar sua total ignorância (certamente ele não tinha a menor idéia), mas mesmo assim pôs-se a batucar com preguiça no teclado do computador” apresenta duas linhas de análise. A primeira referente ao “beicinho eloqüente” que indica, assim como o comentário, a total ignorância do assunto por parte do bibliotecário. Essa é a impressão que esse profissional passa ao usuário, narrador da obra e também ao leitor. É possível contrastar essa ação com o “sorriso muito expressivo” da bibliotecária da obra **A Biblioteca Mágica de Bibbi Bokken**. São duas situações semelhantes, em que o usuário solicita uma informação, e duas reações diferentes: o conhecimento e o desconhecimento do assunto solicitado. Interessante observar que ambos os trechos descrevem expressões faciais, e como estas podem ser significativas e reveladoras. E também mostram como a reação positiva obviamente provoca uma sensação melhor no usuário do que a expressão de desconhecimento ou de má vontade. A segunda linha de análise do trecho previamente apresentado refere-

se ao fato de utilizar com preguiça o teclado, este fato demonstra ao usuário certo descaso no atendimento, pelo menos é esta parece ser a impressão do usuário-narrador. Ambas as ações deste trecho demonstram a falta de profissionalismo do bibliotecário.

Outros dois pontos no trecho acima podem ser analisados de forma a inferir sobre a ação do profissional. O primeiro refere-se à parte em que o usuário afirma “fico até sem jeito”, que demonstra que o usuário sente-se constrangido em estar realizando a pesquisa, sente-se como se importunasse o profissional com a sua pesquisa. A reação do profissional não é a de amenizar esse sentimento de desconforto do usuário, mas sim o de secamente indicar outro local para a pesquisa, demonstrando assim, claramente, o seu descomprometimento com a sua função, bem como sua intenção de o mais rapidamente possível se desvencilhar do usuário.

O segundo se refere à parte final do trecho apresentado, no qual as expressões utilizadas pelo autor demonstram certa perda de paciência com o usuário por parte do profissional ao falar com o usuário com “uma voz quase extenuada”. Além de agir de forma irônica dando a entender para o usuário que o considera ignorante, tanto que o próprio usuário afirma, quando questionado pelo profissional, que aquele foi o “golpe de misericórdia”, ou seja, parece ter passado dos limites. As ações deste personagem demonstram sua falta de preparo profissional, pois embora o fato de ser jovem pudesse explicar sua falta de paciência, seu evidente esforço de se livrar do usuário atesta seu despreparo.

O outro personagem bibliotecário da obra **A Televisão** trabalha na mesma biblioteca do personagem anterior, a biblioteca de Beaubourg, mas no setor de literatura.

[. . .] vi-me na presença de um bibliotecário ascético de uns cinqüenta anos [. . .] e como expusera o tema de minhas pesquisas e as dificuldades em que estava esbarrando para encontrar o texto de Musset que eu procurava, perguntei se era ele a pessoa que podia me ajudar. Ficou pensando um bom tempo, um lápis preto na mão, que ele pôs na boca e começou a morder (esse era um bom sinal, um mau sinal, devia-se temer o pior). Era bom sinal, não apenas ele estava pronto a me ajudar como também estava disposto a consultar comigo o enorme computador central da biblioteca de Beaubourg, e ele aproveitaria a ocasião não muito corriqueira para complementar a instrução informática da assistente dele. Explicou enquanto levantava que esse era um

procedimento totalmente excepcional, é claro, e que em princípio o papel dos bibliotecários do Centro não era ajudar os leitores em suas pesquisas (não, é claro! eu disse) – usando a informática de Beaubourg, ele corrigiu – e, apoderando-se de uma chave minúscula numa gaveta, foi abrir um armário metálico diante do qual ajoelhou-se um instante, antes de se levantar com um finíssimo disquete na mão, que ele sacudiu lentamente diante de meus olhos com uma expressão sagaz de mistério misturado com conivência. Musset, ele confirmou, abaixando as pálpebras. Todo Musset, ele acrescentou. Todo Musset! gritei. Eu gaguejava um pouco (como se nunca tivesse visto um disquete). Mas queria agradá-lo, e ele pareceu ficar sensibilizado, batendo com os dedos no disquete que estava na palma da mão. Uma verdadeira criança. Fomos até o computador central da biblioteca de Beaubourg e ele foi logo introduzindo o Musset na máquina, que começou a ronronar. [. . .] Com os braços sobre o peito, como se estivesse na Nasa, sem perder de vista a tela, que continuava a exibir os dados cifrados, o bibliotecário inclinou-se em minha direção para me dizer em voz baixa e aparte quem em breve poderíamos localizar Carlos Magno. Carlos V, eu disse. Carlos V, ele disse corando. Deixou Georgette localizar sozinha o imperador no aparelho, explicando-me enquanto isso que quando o computador tivesse feito o levantamento exaustivo de todas as ocorrências nas páginas de todas as obras de Musset, ele poderia nos dar as referências, e então bastaria copiar. Nada mais simples. Página virtual é claro, ele disse. É óbvio, eu disse, você me acha algum paspalho. Alguns instantes mais tarde, de fato, a impressora começou a soltar lentamente cinco folhas, que ele foi examinar pondo os óculos. Depois de atentamente percorrer com o olhar as cinco folhas, ele estendeu-as para mim para que eu mesmo pudesse avaliá-las. [. . .] Reclinados os dois sobre as cinco folhas, o bibliotecário e eu [. . .] chegamos à conclusão por simples justaposição das duas listas fornecidas pelo computador [. . .]. Chegamos ao nosso objetivo. O bibliotecário foi abrir um arquivo com uma tampa de plástico no qual estavam classificadas as obras de Musset e fez o dedo deslizar devagar de alto a baixo sobre toda a lista. Aqui está, ele disse. [. . .] Mil novecentos e oito, que chato, ele disse, infelizmente eu acho que não temos essa coleção. [. . .] Bastante cético, o bibliotecário me disse que, nesse caso, o meu texto não se encontrava no corpus das obras completas de Musset, com certeza tratava-se de alguma curiosidade não catalogada, de um inédito, de alguma curiosidade de um bibliófilo. (TOUSSAINT, 1999, p. 47-51).

Importante lembrar que nesta obra o protagonista, que interage com o bibliotecário, é também narrador da obra e que, portanto, exprime a visão e a opinião do mesmo na cena. No trecho acima apresentado o protagonista foi direcionado ao setor de literatura da biblioteca a fim de que encontre o material que procura. É recebido então por um profissional mais experiente do que o anterior, no mínimo em termos de experiência de vida. Logo no início do encontro entre protagonista e

bibliotecário, a reação do bibliotecário neste caso contrasta com a do jovem bibliotecário que atua na mesma biblioteca. Não utilizou expressões faciais; sua reação foi a de morder um lápis. A diferença é que a reação de morder representou para o usuário apenas um simples ato, talvez inconsciente, num momento de dúvida do bibliotecário enquanto analisava a situação, ou seja, não foi um gesto definitivamente negativo como foi o ‘beicinho eloqüente’ do outro profissional.

A confirmação de que o profissional realmente ajudaria o usuário na sua busca por informação não apresenta nada de incomum, porém um comentário no meio do trecho chama a atenção. O comentário de que esta consulta era um “procedimento totalmente excepcional” visto que não era o papel dos bibliotecários ajudar os usuários em sua pesquisa, revela uma posição totalmente equivocada. Há ainda o agravante que revela o total desconhecimento do usuário em relação ao papel de um bibliotecário.

Realizando, então, o que chamou de procedimento excepcional, o bibliotecário ajudou o usuário na consulta de um disquete com informações sobre as obras do autor o qual era o objeto de pesquisa do usuário, explicando as etapas da pesquisa. Interessante que o autor, mesmo mencionando que o papel dos bibliotecários naquela biblioteca não seria o de ajudar os usuários, apresenta um personagem que dá atenção ao usuário, porém que não resolve o problema dele.

Na obra **Ana de Salto Alto**, especificamente no conto Memórias de um Herói Caduco, a personagem, também realiza uma ação de atendimento. Neste caso a personagem bibliotecária não demonstrou o mínimo interesse no usuário justificando sua pouca atenção pelo fato de estar ocupada, como se o usuário não fosse a primeira preocupação e ocupação de um bibliotecário, além de ainda criticá-lo. As ações desta personagem demonstram sua impaciência e seu desinteresse pelo usuário. A impressão do usuário com relação à biblioteca e ao atendimento da mesma e, inclusive, o resultado de sua pesquisa podem ser conferidos no trecho abaixo:

Me atendeu uma velhinha [. . .]. Acho que foi desamor à primeira vista, pois nem se aproximou do balcão:
- Vê aí no fichário porque estou muito ocupada.
Ela disse assim meio pra dentro, como se estivesse falando com sua própria nuca. E afastou-se como veio, mancando. [. . .] Pensava nisso quando ouvi uma voz:

- Tira a mão do nariz. Onde já se viu vir a uma biblioteca pra tirar meleca e limpar no fichário.

Levei um susto, pois jurava que ela olhava pro outro lado entretida com a gaveta emperrada. Bem que merecia uma resposta. Ela afastou-se novamente, até sumir num dos corredores, entre as prateleiras.

Pois bem, fiquei tão nervoso que acabei pedindo os livros mais estranhos. Ela lia meu pedido em voz alta e anotava, abrindo o volume na primeira página, a fim de conferir: Vida do Conde de Porto Alegre, História de Porto Alegre, Triste Portalegre. Quando leu Portalegre, assim junto, resmungou que não entendia como alguém pudesse pedir livro sobre cidade portuguesa.

- Por quê? - perguntei. Pelo que sei, Porto Alegre é a capital do Rio Grande do Sul.

- Mas não Portalegre - alfinetou ela -, que é uma cidade portuguesa. (CAPARELLI, 1981, p. 8-9).

Apesar de curto, o trecho acima se mostra significativo por apresentar elementos para a análise da ação da personagem. O trecho inicia já com o usuário afirmando que a reação da personagem deve ter sido “desamor à primeira vista”, pois a mesma não se mostra interessada em atender o usuário, nem tem a intenção de ser prestativa. Sua falta de vontade é expressa, ainda, pelo fato de que nem se mexeu para ir ao encontro do usuário, pois alegou, de longe, que não atenderia por estar ocupada.

Não bastasse a falta de atenção para com o usuário, a personagem ainda faz uma crítica ao mesmo quando o repreende por um comportamento julgado inadequado para o ambiente da biblioteca. Este fato deixou o usuário mais desconfortável ainda com relação à bibliotecária, pois parece que a mesma não gosta de sua presença na biblioteca.

O usuário teve, então, que realizar a pesquisa sozinho, mas como ele próprio afirma, as situações com a bibliotecária acabaram por deixá-lo nervoso, o que atrapalhou e confundiu. Porém, pior do que não ter sido solícita e não ter ajudado o usuário foi tê-lo repreendido e criticado o seu erro ao invés de ter explicado de forma didática o erro e ajudá-lo a repetir a pesquisa.

Já a obra **As Memórias do Livro** apresenta três personagens bibliotecários, uma mulher e dois homens. A mulher, identificada como bibliotecária assistente, tem pouca participação no enredo da obra. Sua ação restringe-se ao atendimento do telefone para fornecer informações sobre outro profissional. Porém, mesmo sendo um

trecho curto fica explícita a forma de tratamento impaciente e o mau humor da personagem.

[. . .] quando telefonei para o museu, a bibliotecária assistente respondeu com um ríspido "não aqui".
 - Quando ele volta?
 - Exatamente, não sei. Talvez aqui depois de amanhã. Talvez não.
 (BROOKS, 2008, p. 275-276).

A reação impaciente para com a usuária mostra que a personagem parece não gostar de atender o público. A usuária ligou para o local de atuação da bibliotecária por questões pessoais, mas este tratamento impaciente deve-se estender a todos os usuários atendidos por ela e não é este tipo de reação e tratamento que se espera de um profissional cuja atuação deve priorizar o bom atendimento das necessidades dos usuários.

O primeiro, dos dois personagens masculinos desta obra, denomina-se Serif Kamal, é um muçulmano que atuou como bibliotecário-chefe no Museu Nacional da Bósnia. Sua ação no contexto da história foi o de ser o primeiro *kustos*, ou seja protetor e responsável, do Hagadá de Sarajevo, ponto principal da obra. Serif era um intelectual que percebeu, devido aos seus conhecimentos sobre manuscritos antigos, o valor do manuscrito tornando-se, portanto, protetor do mesmo. Mas as ações do personagem não se restringem à proteção do manuscrito, porque ele salvou também diversos judeus que eram perseguidos.

Este personagem, apesar de não apresentar ações propriamente ditas no ambiente da biblioteca mostra um lado mais humano da profissão; pela sua preocupação em salvar um livro pelo “[. . .] compromisso para com a história da Bósnia e do amor pela diversidade que moldara essa história.” (BROOKS, 2008, p. 93) e em salvar pessoas. Boa parte das ações do personagem mostra sua relação com a família, apresentando o lado humano de uma pessoa culta, intelectual.

O segundo dos personagens é Ozren Karaman, também *kustos* do Hagadá. Ozren, assim como Serif, também demonstra um lado mais humano do profissional ao mostrar-se preocupado com a preservação do livro e a saúde de seu filho.

- Eu era o *kustos*; e o museu estava sendo atacado. Nós não estávamos preparados. Tudo lá era exposto. Havia dois quilômetros de livros no

museu, que se encontrava apenas a vinte metros das armas do Chetnik. Eu temia que uma bomba de fósforo derrubasse todo o prédio [. . .]

- [. . .] Nós chamávamos os inimigos de "cascos" [. . .].

Temia que, se eles entrassem no museu, pisoteariam tudo, procurando ouro, e destruiriam coisas cujo valor eram ignorantes demais para sequer imaginar. Fui à delegacia. A maior parte da polícia tinha saído para defender a cidade da melhor maneira possível. O oficial de plantão perguntou: "Quem vai arriscar a cabeça só para salvar umas coisas antigas?". Mas quando percebeu que eu arriscaria sozinho, ele chamou dois "voluntários" para me ajudar. Disse que não podia deixar as pessoas dizerem que um bibliotecário empoeirado tinha mais coragem que a polícia.

Algumas coisas maiores tiveram de ser levadas às salas internas. Objetos valiosos menores foram escondidos onde os saqueadores não pensariam em procurar, como o quartinho de produtos de limpeza. [. . .]

- E, por fim, tentei encontrar a Hagadá - ele disse. (BROOKS, 2008, p. 38-39).

Neste trecho a ação do personagem apresenta o mesmo exercendo a atividade de *kustos*, no sentido de que realiza tudo o que está ao seu alcance para proteger o acervo da biblioteca. O personagem demonstrou ser, portanto, um legítimo "guardião" do acervo da biblioteca em que atua no momento em que se preocupa com o acervo em um momento complicado da história de seu país.

Além de ter que lidar com adversidades para proteger o acervo da biblioteca, o personagem ainda se depara com a opinião do oficial de que ele era um "bibliotecário empoeirado", e que, portanto, não poderia ser mais corajoso do que a polícia. Esta expressão "empoeirado" parece compor o senso comum sobre o bibliotecário, ligando-se provavelmente à imagem de estantes e livros empoeirados, visto que é expresso pelo policial e não é apresentado no texto nenhuma justificativa para o uso do termo.

Porém não é somente nesta passagem do enredo que o personagem tem de lidar com conotações negativas com relação à sua profissão. Outra situação é representada no trecho abaixo:

- Seis anos na solitária - comentei. - Não sei como alguém pode agüentar isso.

Ozren ficou em silêncio por um instante.

- Eu também não - disse.

- Quero dizer, ele não era soldado nem ativista político... essas pessoas... bem, elas sabem os riscos que correm. Mas ele era só um bibliotecário...

Tão logo disse isso, eu me senti uma idiota. Ozren, afinal de contas, era "só" um bibliotecário, e nem por isso deixara de agir com coragem da forma como agiu.

- Eu quero dizer...

- Eu sei o que você quer dizer, Hanna. (BROOKS, 2008, p. 110-111).

O personagem enfrentou de forma educada a afirmativa de que seria "só um bibliotecário". A personagem Hanna faz esta afirmativa com certa conotação negativa, no sentido de que afirma que um bibliotecário não seria corajoso e forte psicologicamente para enfrentar situações adversas. De certa forma, sua afirmação vai ao encontro do que diz o policial, quando não quer que um bibliotecário seja considerado mais corajoso do que a polícia.

Interessante notar que na obra **Memórias do Livro** temos a figura do bibliotecário com diferentes posturas em relação a seus usuários, o que mostra uma percepção da autora da obra de que profissionais bons e maus, interessados e desinteressados existem entre os bibliotecários assim como em qualquer profissão.

A narrativa da obra **Assassinato na Biblioteca** transcorre em dois momentos históricos distintos. A primeira parte da obra ocorre durante os tempos da ditadura militar no Brasil e a segunda parte ocorre nos dias atuais. A diferença de tempo entre uma parte e outra é de 38 anos. Em ambos os momentos históricos retratados, a bibliotecária Conceição tem participação relevante. No início da trama, sua ação foi a de tentar proteger a personagem Lara, para que não testemunhasse seu irmão sendo torturado dentro da biblioteca. Para que a menina não visse a cena, teve que mostrar sua autoridade, de forma que pediu que a menina se retirasse do ambiente da biblioteca, porém sua atitude não surtiu efeitos. Nesta parte da trama a bibliotecária tenta agir de forma a evitar o sofrimento de Lara, porém a mesma não respeitou o seu pedido. Nesta situação, no caso de alguém estar sendo torturado dentro da biblioteca, a reação da personagem não foi a de correr, mas sim ficar próxima ao balcão de atendimento de forma a evitar que os alunos do colégio, ao qual pertencia a biblioteca, visualizassem tal cena. Interessante observar que mesmo em um momento adverso a profissional pensou nos usuários da biblioteca, revelando uma bibliotecária preocupada com seu usuário como ser humano, indo além das atribuições precípuas da profissão.

Já no segundo momento histórico da trama, a bibliotecária continua atuando na mesma biblioteca escolar de 38 anos antes. Neste contexto atual interage com o aluno

Igor mostrando-se compreensiva, interessada por seus gostos pessoais e consciente do uso da Internet como ferramenta de pesquisa por parte dos alunos. É interessante visualizar a preocupação com os usuários, no sentido de que a bibliotecária percebe que para realizar um melhor atendimento, e suprir as necessidades informacionais dos seus usuários e estimular a leitura, o melhor a fazer é conhecer esses usuários, seus hábitos e gostos.

Resmungou um oi para a idosa Conceição, a bibliotecária simpática que sempre o recebia com um sorriso. [. . .] Já a compreensiva Conceição o recebia sem qualquer preconceito. Ela parecia gostar do garoto que só pegava algum livro na biblioteca quando não conseguia achar o que procurava na internet e utilizar os infalíveis Control C + Control V para preparar algum trabalho escolar. [. . .]

- Chegou um livro novo de André Vianco - avisou a mulher, que conhecia os gostos de todos os alunos, principalmente daquele bauruense estranho no ninho. - E já verifiquei na internet: não há cópias piratas para download.

- Livro novo, é?

- Exato.

- E porque você acha que eu pego download de livro? – perguntou o garoto, cínico. - Pirataria é crime!

- Ora, rapazinho, em nenhum momento eu achei que você fizesse isso- sorriu a velhinha, girando a caneta que não tirava dos dedos nem para digitar no teclado.

- Agora vá buscar logo o livro. E não demore! Você já perdeu a primeira aula, mas não vou deixá-lo perder a segunda. (GOMES, 2008, p. 21-22).

A bibliotecária desta obra mostra-se perspicaz, ao perceber que o usuário deve ser o ponto central de sua atuação na biblioteca e que, portanto, a melhor forma de atender as suas necessidades informacionais é conhecê-lo e se preocupar com ele. É interessante ressaltar no segundo momento da obra que a personagem, mesmo sendo descrita como idosa, procurou se atualizar das novas tecnologias, como o uso da Internet e de sistemas de biblioteca informatizados, a fim de melhor atender os seus usuários. Outro ponto de análise é o bom atendimento realizado pela bibliotecária, que segundo o trecho sempre recebia o usuário com um sorriso e “sem qualquer preconceito”. Esta forma agradável de receber o usuário representa o oposto do apresentado no conto Memórias de um Herói Caduco no qual a bibliotecária nem ao menos se aproxima do usuário para conversar, indica de longe o fato de estar ocupada, não o auxilia a realizar a pesquisa e ainda o critica.

Emelina é a bibliotecária personagem da obra **Calvina**. A personagem atua em um local que intitula “manicômio biblioteca” ou “biblioteca manicômio”. A ação da personagem na história é explicar ao personagem Lucrecio o que é este espaço, quem são as pessoas que estão naquele local e porque agem e se vestem de determinada maneira (imitando personagens).

Na manhã seguinte, Lucrecio se levantou muito cedo e foi ao manicômio biblioteca. Emelina, a bibliotecária, recebe-o com um grande sorriso.

- Querido Calvino!-exclamou ao vê-lo no portão que dava acesso ao pátio do palacete. - Que alegria encontrá-lo de novo por aqui! [. . .]

Venha, levarei você à biblioteca manicômio.

-Mas...não é aqui?

- Não querido. Este é o manicômio biblioteca, onde estão os loucos livrescos. E agora vamos à biblioteca manicômio, onde estão os livros malucos. Livros escritos por loucos maravilhosos ou que tratam daquilo que as pessoas vulgares chamam de loucura.

Emelina conduziu Lucrecio até um campo próximo. Era um campo normal, comum, exceto pelo fato de que estava repleto de camas. Ao lado de cada cama havia um criado-mudo com um abajur e um livro. E no meio do campo havia um velho poço coberto de pedras.

- Não faça essa cara de espanto, Lucrecio - disse Emelina.- É normal que no campo haja coisa de quatro patas: vacas, cavalos, ovelhas...

- Sim, mas aqui são camas.

- Todas têm quatro patas, como os criados-mudos. Pode contar se quiser.

- E a biblioteca?

- Está diante de seus olhos. Não há maior prazer do que ler na cama, já que ler e sonhar são atividades tão complementares como costurar e cantar.

- Mas são poucos livros...

-O que importa não é a quantidade, mas a qualidade. Escolha o lugar que quiser, ninguém chega muito cedo.

- E livro de que você falou?

- Você o encontrará sobre o criado-mudo.

- Mas...

- Você não para de dizer “mas, querido - Emelina interrompeu-o com um gesto de impaciência. – Por que não relaxa e começa a ler?

Lucrecio se jogou na cama mais próxima e pegou o livro que havia sobre o criado-mudo. Estava em branco. Ia comentar com a bibliotecária, mas de imediato as páginas que tinha diante dos olhos começaram a se encher de letras. (FRABETTI, 2008, p. 115-116)

Esta personagem representa a ideia apresentada por Macedo (1988) de que o profissional está atrelado ao ambiente biblioteca porque a atuação da personagem Emelina não realiza ações no contexto da biblioteca, mas parece sim ser considerada bibliotecária porque o autor determinou aquele espaço como manicômio biblioteca e

que, portanto, este espaço deve possuir um bibliotecário. Apesar de ser um contexto fora do comum, a ação da personagem neste trecho demonstra sua preocupação com o usuário, a maneira educada e gentil de lidar com ele, apresentando uma forma de estímulo à leitura. Refere-se ainda, uma questão mais simbólica do que o estímulo à leitura, a de que a bibliotecária vê os livros e a leitura de uma forma completamente nova, não convencional, o que nos mostra a imagem de uma profissional que enxerga além das tradicionais quatro paredes de uma biblioteca.

A obra **Crime na Biblioteca** apresenta três personagens bibliotecárias: Andréa, Clóris e Dona Itália. O enredo da obra é a descoberta da morte da Dona Itália e a investigação policial para descobrir a causa de sua morte.

Clóris

- [. . .] Olha o que eu te digo, você vai terminar como a Dona Itália – chata, antipática e, ainda por cima, bibliotecária-chefe: pode haver coisa pior?

Andréa

- Falando em Dona Itália, você notou que ela ainda não veio?

Clóris

- Isso que ela é de madrugar.

Andréa

- Coisa mais estranha. Vou ligar para a casa dela. (Disca)

Clóris

- Não perca o seu tempo. Não demora ela entra por aí.

Andréa (depositando o fone)

- Ninguém responde.

Clóris

- Vai ver ela já está enfurnada no depósito dos livros.

Andréa

- Vou até lá. (Sai)

[. . .] (grito agudo de Andréa, fora)

Andréa

- Ai Clóris, socorro, água, chama um médico!

Clóris

- Mas o que foi que houve Andréa!

[. . .]

Andréa

- A Dona Itália...ali entre as estantes.Morta.

Clóris

- Mas que prateleiras, criatura! Onde? (faz menção de sair)

Andréa

- Ai, não me deixa sozinha! Que coisa horrível [. . .]

Clóris

- Primeiro a polícia, depois a água. (BENDER, 1984, p. 20).

As ações de Andréa na história demonstram a sua preocupação com a idosa Dona Itália. Já a personagem de Clóris não demonstra sequer alguma preocupação com a Dona Itália, preocupando-se mais em fazer críticas à sua pessoa. Suas ações no enredo são a realização do contato com a polícia para a investigação da morte e responder as perguntas do delegado. Dentre as duas personagens percebe-se que as atitudes de Andréa levam mais em consideração a questão humana da situação e que Clóris somente pensa nos aspectos práticos da situação, como chamar a polícia.

Por fim Dona Itália, a personagem, não atua na obra, mas é possível identificar suas ações nos diálogos dos outros personagens. Foram identificadas informações principalmente sobre a dedicação da bibliotecária para com o serviço, como com conotações de que esta madrugava na biblioteca, que costumava fazer serões e enfurnar-se no depósito de livros. Porém essa dedicação ao trabalho mostra também, no fundo, uma pessoa que aparentemente não tem vida particular e de certa forma, o perigo disso. Possivelmente por causa dessa dedicação integral é que ela se tornou “chata”, “antipática” e ainda “azedada”, conforme a descrição de Clóris. Interessante observar que quem qualifica Dona Itália com esses adjetivos é também uma bibliotecária, que considera negativo o fato de tornar-se “bibliotecária-chefe”, o que representa uma auto-imagem negativa que Clóris tem da profissão.

A personagem Lu, da obra **Dona Casmurra e seu Tigrão**, é estagiária de Biblioteconomia. A obra apresenta a história de um menino, Barrão, que estuda na escola onde a estagiária atua. Para passar de ano, ele precisa estudar para a prova de português que será sobre a obra Dom Casmurro, de Machado de Assis. O enredo da obra deixa claro que a personagem percebe a necessidade do usuário da biblioteca e decide, com isto, ajudá-lo no estudo e em alguns de seus problemas pessoais.

Lu pegou na estante um dos três exemplares de Dom Casmurro que havia na biblioteca, mandou Barrão sentar num canto afastado e começar a ler. Ela estaria ali, para tirar as dúvidas e dar algumas explicações.

- E eu começo por onde?- ele disse, com o livro nas mãos, assim que sentou.

- Pela página 1.

-Sério. Esse livro trata de quê?

-Você quer que eu conte a história?

- Tudo não. Mas dá só uma idéia, para eu saber onde to me metendo.

- Tudo bem. Dom Casmurro não parece, mas é um romance sobre um amor adolescente. É passado no século XIX.
 - Que saco.
 - Não começa com ignorância, cara. Presta atenção. Resumindo: é um romance que começa na adolescência, atravessa a vida toda e termina muito mal, por ciúmes do tal Dom Casmurro. Você acaba o livro com dúvida, sem poder dizer se Capitu traiu ou não. Começa a ler. Tô ali trabalhando.
- Lu voltou para suas fichas. (JAF, 2008, p. 32-33).

A preocupação com o usuário e sua necessidade vai além do simples alcançar o livro que estava na estante porque a personagem incentiva a leitura do livro e compara situações da história do livro com situações da realidade do usuário para facilitar a compreensão do texto. Além da preocupação com o usuário, a personagem mostra disponibilidade para o atendimento e explicação das possíveis dúvidas que surgirem; que também é uma pessoa informada quando fala sobre o livro para o usuário e que utiliza do linguajar do usuário com o objetivo de aproximar-se dele. As ações desta personagem são interessantes, pois demonstram que esta preocupação com o usuário e que o atendimento de suas necessidades, sejam informacionais ou não, já podem ser enfatizadas e realizadas por estudantes em período de formação profissional.

A personagem da obra **Era Uma Vez Outra Vez** foi identificada apenas como bibliotecária. Sua participação na obra é curta, porém importante. O enredo se desenvolve com a tentativa do narrador, que fala em lugar dos personagens da obra que é foco da narrativa em questão, em reorganizar a história antes da leitura da mesma.

- Quer este livro?- perguntou uma voz conhecida.
- A bibliotecária! [. . .]
- Quero, sim! – respondeu a menina. – Achei a capa bonita! [. . .]
- Mas ele está tão velho! – exclamou a bibliotecária. – Há anos ninguém o lê. Tem certeza? Quer mesmo tomá-lo emprestado?
- Ora, o que essa mulher está dizendo? Pela primeira vez, em muitos anos, alguém quer ler a nossa história. E ela desencorajando a leitora! [. . .]
- Eu tenho certeza! Vou levar este mesmo – ela respondeu.
- Com um suspiro, a bibliotecária abriu o livro pela contracapa. Tirou uma ficha, anotou o nome da menina e a data. Então, nos entregou na mão dela. (LEWICKI, 2007, p. 5-7).

Apesar de breve, a passagem na qual a personagem atua tem relevância para análise porque demonstra claramente uma tentativa da bibliotecária de direcionar as

escolhas do usuário segundo suas próprias opiniões ou mesmo preconceitos, o que vai diretamente de encontro ao que se espera do profissional, ou seja, que estimule a leitura e respeite a opinião dos usuários em detrimento de seus gostos pessoais.

A partir dessa ação da bibliotecária, percebe-se duas reações: a do narrador do livro em questão e a da usuária. A reação do narrador foi a de afirmar que a atitude da bibliotecária estaria desencorajando a leitura do livro e a da menina foi a não pestanejar frente à contrariedade da profissional e afirmar claramente que queria realizar sim o empréstimo e a leitura da obra que a bibliotecária havia considerado como velha. Não bastasse o preconceito e a tentativa de desencorajar da leitura, a bibliotecária ainda reage “com um suspiro”, como se mostrando vencida realizando, por fim, o empréstimo.

Na trilogia **Fundação**, o personagem Homir Munn não é apresentado em nenhuma ação que envolva sua atuação em uma biblioteca, apenas é mencionado o fato de que atua com livros-filmes. Sua atuação na obra envolve a exploração da chamada Segunda Fundação.

- [. . .] Precisamos de mais informações sobre a Segunda Fundação. É necessário. [. . .]
- E o senhor, Munn, é precisamente a pessoa que pode conseguir as informações de que precisamos.
- Eu? - Foi um grito de espanto. Munn olhou de uns para os outros. - Não posso fazer uma coisa dessas. Não sou um homem de batalha nem herói de filme de televisão. Sou um bibliotecário. Se puder ajudá-los dessa maneira, muito bem, e exporei à Segunda Fundação, porém não irei ao espaço para qualquer coisa qui... quixotesca como essa.
- Ouça, - disse Anthor, pacientemente - o Dr. Darell e eu concordamos em que o senhor é o homem ideal. É a única maneira de fazê-lo naturalmente. O senhor diz que é um bibliotecário. Ótimo! Qual é o seu campo principal de interesse? Muliana! Já tem a maior coleção da Galáxia de material sobre o Mulo. É natural que queira mais, mais natural para si do que para qualquer outra pessoa. (ASIMOV, 1975, p. 422).

O trecho acima representa o momento em que explicam a situação para o bibliotecário e o designam para a missão de conseguir informações sobre a Segunda Fundação. Os pontos para análise neste trecho são dois. O primeiro é a informação de que Munn, por ser bibliotecário, seria a pessoa ideal para realizar a exploração em busca de informação; também pelo fato de que já tem interesse pessoal em um dos aspectos concernentes à exploração, Muliana, e que, portanto, sua exploração não

seria considerada suspeita, visto que seu interesse no assunto já é de conhecimento geral. O segundo ponto de análise é a reação do profissional que afirma ser ‘apenas’ um bibliotecário, e não um “homem de batalha”, visto que à missão a qual o designavam poderia incluir riscos; o fato de que o mesmo chega a gaguejar de nervosismo com a possibilidade de realizar a tarefa. Conclui-se que o senso comum apresentado na obra é o de que um bibliotecário seja curioso o bastante para sempre buscar novas informações sobre seu assunto de interesse e que, portanto, mesmo em situações complicadas como a da obra, não levantaria suspeita se estivesse em busca de informações mesmo essas sendo sigilosas.

Nas obras **Harry Potter e a Pedra Filosofal**, **Harry Potter e a Câmara Secreta**, **Harry Potter e o Cálice de Fogo** e **Harry Potter e o Enigma do Príncipe**, a personagem Madame Pince foi comparada com um urubu, como anteriormente citado na página 63, devido à forma como age com os usuários. Suas ações ao longo das obras demonstram impaciência e desconfiança para com os mesmos. Nos trechos em que a personagem atua, fica claro que a mesma não tem interesse em ser agradável para cativar o usuário como forma de estimular o uso da biblioteca.

- O que é que você está procurando, menino?
- Nada - disse Harry.
- Madame Pince, a bibliotecária, apontou-lhe um espanador de penas.
- Então é melhor sair daqui. Vamos, fora! (ROWLING, 2000, p. 170).

Além de ser impaciente e, ao que parece, não gostar de usuários, a bibliotecária ainda desconfia dos mesmos, tentando descobrir o que estão pesquisando na biblioteca, restringindo áreas do acervo e verificando até mesmo autorizações dos professores, como se a presença dos usuários ou as suas buscas de alguma forma a ameaçassem.

- Pociones Muy Potentes? - repetiu ela desconfiada, tentando tirar a autorização da mão de Hermione; mas a garota não deixou.
- Eu pensei que talvez pudesse guardar a autorização - disse Hermione ofegante.
- Ah, qual é? - protestou Rony, arrancando a autorização da mão dela e entregando-a a Madame Pince. - Nós lhe arranjamos outro autógrafo. Lockhart assina qualquer coisa que fique parada tempo suficiente.
- Madame Pince ergueu o papel contra a luz, como se estivesse decidida a descobrir uma falsificação, mas a autorização passou no teste. Ela desapareceu silenciosamente entre as estantes altas e voltou vários

minutos depois trazendo um livro grande de aparência mofada. (ROWLING, 2000A, p. 142).

Esta personagem, com suas ações, só consegue afastar os usuários de sua biblioteca, com gestos de desconfiança ou mesmo agressivos, como quando aponta um espanador de penas à Harry, praticamente expulsando-o do ambiente.

Em contraponto a Madame Pince, a personagem da obra **Monstros e Medos**, identificada apenas como bibliotecária, tem como foco de sua ação o estímulo à leitura. No enredo da obra, a personagem participa apenas de uma ação em que apresenta aos protagonistas o livro como um objeto mágico, instigando com isto a imaginação dos personagens e, conseqüentemente, promovendo um estímulo à leitura.

- Vocês sabiam que o livro é um objeto mágico? - disse a bibliotecária, entregando um livro a cada criança que escolhera um título para levar para casa.

- Mágico, é? Como assim? – perguntou o Dudi.

- Mágico de que jeito? – ecoou a Luli, sua irmã gêmea.

- Mágico, sim! Mágico, porque é maior por dentro do que por fora; é um objeto pequeno, leve, que você pode carregar e levar de um lado para outro; e no entanto, dentro dele, entre duas capas, cabe um mundão de coisas, de todos os feitios e tamanhos: casas, castelos, navios, aviões e até dinossauros, tão grandes!

- É mesmo – concordou Dudi -, cabem até monstros!

- E coisas de meter medo! – acrescentou a Luli.

- E tem mais – disse a bibliotecária. – O livro é mais mágico ainda porque ele, o mesmo livro, é tantos livros quantos os seus leitores!

- Como assim? – espantaram-se os irmãozinhos.

- Simples! É que cada cabecinha é bem diferente da outra, mesmo de irmãos gêmeos. E cada um entende a história de seu jeito particular! (BELINKY, 2006, p. 8-9).

A personagem não é descrita fisicamente na obra, aparece apenas sua ilustração. A ilustração não evidencia qualquer sinal de preconceito por parte do ilustrador para com a bibliotecária, no sentido de que não destaca características negativas na mesma. A personagem é representada de forma a parecer uma pessoa serena, calma e atenciosa. Os outros personagens da ilustração, no caso o casal de crianças, que estão no contexto de atuação e interação com a personagem, também não apresentam feições com características negativas com relação a mesma.



Ilustração 2 – Representação da bibliotecária e dos personagens Luli e Dudi
 Ilustrador: Jean Galvão (BELINKY, 2006, p. 7).

Esta ilustração permite a visualização da personagem e destaca as funções expressiva e metalingüística da ilustração, funções estas apresentadas na contextualização teórica. A função expressiva porque revela através dos rostos dos personagens os sentimentos dos mesmos, como no caso da personagem Luli representada com um sorriso de satisfação no rosto, de forma a inferir que está satisfeita possivelmente com as informações fornecidas e o atendimento recebido. E a função metalingüística por esta atuar como uma forma de linguagem diferente da que se expressa apenas com palavras. No caso, a personagem não tem suas características físicas determinadas no texto da obra, as mesmas só aparecem na ilustração. De maneira que a ilustração neste caso atua como uma outra forma de linguagem.

Assim como nas obras **As Memórias do Livro** e **Crime na Biblioteca**, a obra **O Azul da Virgem** apresenta três personagens bibliotecários, duas mulheres e um homem. A primeira das mulheres atua na biblioteca pública de Lisle-sur-Tarn e sua ação na história é realizar o primeiro atendimento à protagonista Ella na biblioteca.

Dei uma olhada e fui ao balcão principal pedir um cartão de sócia. Uma simpática senhora de meia-idade, que usava um bonito vestido verde-oliva, disse que eu precisava trazer algum documento com meu endereço na França como prova de residência. Discretamente, indicou onde estava um dicionário Francês-Inglês em vários volumes e uma pequena seção de livros em inglês. (CHEVALIER, 2007, p. 56-57).

A personagem antecipa a necessidade da usuária quando indica “discretamente” os dicionários em inglês. Esta profissional mostra-se à frente das necessidades do usuário, o que pode ser visto de forma positiva, se analisado o fato de que era a primeira vez que a usuária utilizava a biblioteca. Além disso, a imagem positiva, neste caso, é reforçada pela descrição de “simpática senhora” e “bonito vestido verde-oliva”.

A segunda personagem feminina desta obra chama-se Mathilde, sua atuação ocorre em um arquivo. Suas ações no enredo são variadas, visto que se torna amiga pessoal da protagonista, porém as ações realizadas no arquivo permitem visualizar as ações da personagem enquanto profissional.

[. . .] Uma mulher alta que estava no balcão principal me olhou e sorriu. Devia ter a minha idade, de cabelos louros e curtos, óculos amarelos. [. . .]

- Não sei o que estou fazendo aqui, pode me ajudar, por favor?

O riso dela era inesperadamente alto para um lugar tão quieto.

- Alors (Bem), o que procura? – perguntou ela, ainda rindo[. . .].

- Tenho um antepassado Étienne Tournier que deve ter morado em Cévennes no século XVI. Quero saber mais sobre ele.[. . .]

Ela não me deu chance. – Você quer olhar certidões de batismo, casamento, óbito – concluiu ela. E talvez *compoix* também, que são os registros de impostos. [. . .]

A bibliotecária percorreu uma lista de documentos de Mende e de outros arquivos do *departement*. Tinha razão: toda a região dispunha de só de alguns documentos do século XVI. [. . .]

Pedi os registros importantes que estavam guardados ali [. . .] Cinco minutos depois, a bibliotecária trouxe algumas caixas de microfichas, um livro encapado com papel pardo e outra enorme caixa. Sorriu para me encorajar e foi embora. [. . .]

A bibliotecária apareceu vinte minutos depois para ver como ia a pesquisa. (CHEVALIER, 2007, p. 128-130).

Este trecho apresenta Mathilde, a bibliotecária, realizando uma espécie de entrevista de referência com a usuária, com o objetivo de coletar o maior número de informações possíveis para então realizar sua pesquisa. A protagonista Ella chega no arquivo um tanto perdida com relação à sua busca, é interessante notar que este fato não afetou em nenhum momento a paciência da profissional.

Além disso, é importante destacar a agilidade, a presteza e a eficiência desta bibliotecária, e sua habilidade para rapidamente identificar o objeto da pesquisa da usuária e para rastrear, dentro do seu acervo, os materiais que poderiam ser relevantes para a usuária. As ações da personagem delineiam a imagem de um profissional

interessado e apto em atender as necessidades informacionais do seu usuário e a sua preocupação com a continuidade de seu trabalho ao procurar acompanhar o andamento da pesquisa.

E por fim, o personagem masculino da obra, Jean-Paul. Este bibliotecário tem uma participação importante no enredo porque foi ele quem suscitou a pesquisa da protagonista em busca de informações sobre seus antepassados, que é o ponto central da história. Porém, Jean-Paul não apenas suscitou a pesquisa como também ajudou a realizá-la, primeiramente no acervo da biblioteca em que atua e posteriormente em outros locais a que poderia recorrer para complementar a pesquisa, como arquivos.

- Mas seria interessante eu me aprofundar. Pesquisar. Eu poderia procurar documentos ou alguma coisa assim.
- Ele parecia achar graça. - Que tipo de documentos, Ella Tournier?
- Bem, certidões de nascimento. De óbito. Casamentos. Essas coisas.
- E onde vai encontrar isso?
- Joguei as mãos para o alto. - Não sei. Esse é o seu trabalho. Você é bibliotecário!
- Certo. - Falar na vocação dele pareceu acalmá-lo; ele se ajeitou na cadeira. - Você pode começar pelos arquivos de Mende, capital de Lozère, um dos *departements* (províncias) da região de Cévennes. (CHEVALIER, 2007, p. 66-67).

Interessante observar neste trecho que a usuária espera que o profissional saiba a resposta ao ser questionada sobre onde encontraria os materiais para sua pesquisa. A personagem parece entender as atribuições do profissional ao expressar “Esse é o seu trabalho. Você é bibliotecário!”, ou seja, espera que este conheça quais as fontes necessárias para a sua pesquisa e saiba onde encontrá-las. Outro ponto de observação pode ser o fato de que o mesmo se ‘acalmou’, segundo a narrativa, quando ela mencionou sua vocação, parece que neste momento o personagem assumiu o seu papel de bibliotecário e de certa forma provou que sim sabia a resposta para o questionamento da usuária, assim como ela esperava.

Além de realizar e acompanhar a pesquisa, Jean-Paul auxiliou a protagonista a se situar melhor no contexto em que vivia, visto que a mesma tinha se mudado para França, vinda dos Estados Unidos, havia poucas semanas. Estas ações mostram um profissional preocupado com os usuários e cuja atuação não se limita ao espaço da biblioteca.

O trecho abaixo apresenta um dos primeiros diálogos entre Jean-Paul e a protagonista Ella fora do ambiente da biblioteca, é importante ressaltar que o personagem passa por uma situação parecida como a de Ozren da obra **As Memórias do Livro**, quando tem que lidar com conotações com relação a sua profissão.

Poucos dias depois de o cartão chegar, eu estava andando à margem do rio e vi o bibliotecário ao sol, no café ao lado da ponte [. . .]

- Como você se chama?

- Jean-Paul

- Obrigada pelo cartão da biblioteca Jean-Paul. Foi muito gentil.

Ele deu de ombros e preferi não me estender no assunto. [. . .]

- Porque não está na biblioteca? – perguntei, de repente.

Ele levantou os olhos.

- Hoje é quarta, a biblioteca não abre.

- Ah. Há quanto tempo trabalha lá?

- Três anos. Antes, fui da biblioteca de Nilmes.

- É a sua profissão? Bibliotecário?

Ele me olhou de soslaio, enquanto acendia um cigarro.

- É. Por que pergunta?

- Porque... não parece bibliotecário.

- Pareço o quê?

Examinei-o. Estava de jeans pretos, uma camisa macia de algodão cor-de-rosa e um blazer preto dependurado no encosto da cadeira. Os braços eram bronzeados, cobertos de pêlos negros.

- Gãnsgrter – respondi. – Só faltam os óculos.

Jean-Paul sorriu de leve e soprou a fumaça do cigarro, formando uma cortina em volta do rosto. – Como é que se diz nos Estados Unidos?

“Não julgue um livro pela capa” [. . .]

- Morei dois anos em Nova York. Formei-me em Biblioteconomia na Columbia University. (CHEVALIER, 2007, p. 59-61).

O trecho acima apresenta o diálogo em que a protagonista Ella conhece melhor Jean-Paul. O encontro anterior dos dois ocorreu no espaço da biblioteca onde o bibliotecário atua. Este trecho apresenta alguns aspectos interessantes para a análise. O primeiro aspecto é o questionamento de porque o profissional não se encontrava, naquele dia, na biblioteca. Parece que a personagem esperava que o mesmo se encontrasse sempre no ambiente da biblioteca, ou talvez também fosse apenas uma forma de iniciar um diálogo.

O segundo aspecto envolve a imagem do bibliotecário; a personagem afirma que Jean “não parece bibliotecário”, surge desta afirmativa o questionamento de qual então seria a imagem que se espera de um bibliotecário. O autor apresenta a imagem do bibliotecário Jean-Paul, cujas características não apresentam aspectos incomuns,

porém para a personagem Ella, e talvez para o autor, se não faltasse o acessório óculos o mesmo pareceria um “gângster”. A resposta do bibliotecário em relação a esta afirmativa foi a clássica frase “não julgue um livro pela capa” no sentido de evidenciar que sua atuação e personalidade não podem ser julgados por sua aparência.

Já a obra **O Bibliotecário que Mediu a Terra** tem apenas um profissional representado e este ainda é protagonista da obra. A obra narra a vida do personagem Eratóstenes, incluindo o seu nascimento, a forma como foi educado, as descobertas que realizava e sua atuação na Biblioteca de Alexandria. Eratóstenes desde menino destacava-se por sua curiosidade, pois vivia fazendo perguntas, o que o levou a estudar matemática, filosofia e ciências. E pelo fato de ser organizado, o que demonstrava fazendo listas de informações que julgava importantes para si e que poderiam ser importantes para as outras pessoas.

Eratóstenes encarou a oportunidade de tornar-se bibliotecário-chefe de Alexandria como uma forma de “[. . .] encontrar respostas para todas as suas perguntas.” (LASKY, 2001, p. 26). Como bibliotecário, ficava ocupado auxiliando outros estudiosos e pesquisadores a encontrarem as informações desejadas, porém o seu interesse maior era a geografia. Para tanto utilizou-se do acervo da biblioteca com o objetivo de começar suas pesquisas, as quais o auxiliaram a escrever um livro sobre geografia. Foi a partir das pesquisas que descobriu uma forma de realizar a medição da circunferência da Terra.

As ações de Eratóstenes, embora pareçam resumir-se à busca por respostas às suas necessidades informacionais pessoais, também evidenciam seu constante desejo de aprendizagem e seu trabalho enquanto bibliotecário-chefe. São suas características intelectuais que o fizeram bibliotecário em Alexandria. Foi por causa de seu espírito investigativo, de sua curiosidade, de sua intelectualidade e de sua organização que realizava o trabalho de auxílio aos pesquisadores de forma satisfatória. Fica assim reforçada, por uma autora contemporânea, a imagem de excelência intelectual, pré-requisito essencial para as pessoas que ocupavam o cargo de bibliotecário na Antiguidade.

A bibliotecária da obra **O Fantasma** denomina-se Francesca Vironette. Esta personagem participa de várias ações no enredo, porém em todas as ações mostrou-

se, como a própria autora afirma, “fria”. No trecho abaixo, fica claro, pelas atitudes da personagem, que esta tem dificuldades de relacionamento interpessoal e que parece não gostar de atender ao público. O atendimento, quando feito a contragosto, acaba por ser realizado com impaciência, o que afeta a visão do usuário sobre o profissional ali atuante. Isso pode ser percebido claramente no trecho abaixo:

[. . .] sua resposta ao seu boa-tarde foi curta e seca, beirando a grosseria. Dava a impressão de que estava furiosa com ele meramente por ter entrado, e era óbvio que não queria que ele a perturbasse.

- Sinto muito - ele se desculpou com um sorriso caloroso, mas nada em seus olhos ou em seu rosto demonstrou qualquer reação. [. . .]

Eu estava procurando algum livro sobre Sarah Ferguson e François de Pellerin, caso vocês tenham alguma coisa. [. . .] Está familiarizada com eles? - perguntou, inocentemente, e ela o surpreendeu novamente quando, quase rosnando para ele, anotou os nomes de dois livros num pedaço de papel, que lhe passou.

- Vai encontrá-los ali. - Apontou friamente para uma estante de livros do outro lado da sala, logo atrás dele. - Neste exato momento estou muito ocupada. Se não conseguir encontrá-los, diga-me.[. . .]

- Está havendo algum problema? - Não conseguiu resistir a lhe perguntar.

Parecia-lhe impossível que ela fosse tão desagradável sem haver um motivo.

- Porquê? - Ela o fitou com olhos que pareciam gelo verde. [. . .]

- Você parece aborrecida - disse ele com gentileza [. . .]

- Não, não estou. Só estou ocupada.

Voltou-lhe as costas de novo e Charlie afastou-se, encontrando então os dois livros e folheando. [. . .]

E sentiu-se apenas um pouquinho culpada por ser tão seca com ele. Mas era incomum que alguém aparecesse, exceto de vez em quando, na temporada turística. (STEEL, 1999, p. 61-62).

O trecho mostra o constrangimento do usuário pelo tipo de atendimento recebido, procurando até mesmo questionar a profissional se haveria algum problema. Este é o típico comportamento que afasta os usuários da biblioteca, pois não há alguém que queira voltar ao ser mal recebido em algum lugar.

O trecho apresenta diversos pontos para análise. O primeiro corresponde à resposta da bibliotecária ao ‘boa-tarde’ do usuário que foi realizado de forma “curta e seca, beirando a grosseria”. A impressão do usuário naturalmente foi a de que a mesma ficou furiosa com sua presença na biblioteca. Francesca não aparenta ter a mínima postura profissional, que demanda tato para relações interpessoais. Inicia o

atendimento ao usuário, que deveria ser o melhor possível, pois é a prioridade de atuação, da pior maneira possível, fazendo com que o mesmo se sinta constrangido em estar num espaço o qual deveria ser agradável e receptivo. A falta de receptividade chegou a fazer com que o usuário pedisse desculpas por estar no ambiente. E pior do que o pedido de desculpas foi a falta de uma reação positiva, ou melhor, de qualquer reação, por parte da bibliotecária.

Sendo pedido de desculpas, veio a solicitação da pesquisa, por parte de Charlie. A receptividade continuou sendo negativa, pois a profissional anotou a indicação de duas obras para o usuário, segundo o narrador “quase rosnando”, em um pedaço de papel e apenas apontou o local onde este poderia encontrar as obras, alegando estar ocupada. A atuação desta personagem assemelha-se à personagem da obra **Ana de Salto Alto**, pois ambas demonstram desinteresse no usuário, dando a entender que qualquer atividade poderia ser mais importante do que realizar aquele atendimento.

Outro aspecto para análise é o fato de que o usuário ficou, de certo modo, incomodado com o tipo de atendimento recebido, procurando até mesmo questionar a profissional se haveria algum problema. O questionamento ocorreu pelo fato de que o mesmo não conseguia explicar o tratamento recebido e resolveu, portanto, questionar a bibliotecária. O trecho “Parecia-lhe impossível que ela fosse tão desagradável sem haver um motivo” retrata bem esse sentimento do usuário. É possível refletir com essa atitude do usuário quão a contragosto o atendimento estava sendo realizado. Porém, mais surpreendente é a reação da bibliotecária que ainda questiona o porquê da pergunta do usuário. Parece que a sua forma desagradável de agir lhe é tão familiar que não percebe nada de errado na forma como interage com o usuário, e continua utilizando a mesma alegação de que se encontra ocupada. Não bastasse novamente a alegação de estar ocupada, a profissional imediatamente vira as costas para o usuário e continua a exercer a atividade anterior.

Por fim, a bibliotecária se sente “apenas um pouquinho culpada” por sua atitude para com o usuário, afinal parecendo dar-se conta de sua atitude justificando-a com a informação sobre o fluxo usual de usuários na biblioteca naquela época do ano. Só que é este tipo de comportamento que afasta os usuários da biblioteca e esta é a imagem de bibliotecário que fica para o leitor desta obra.

Na obra **O Físico**, o bibliotecário é representado pelo personagem Yussuf-ul-Gamal. Yussuf atua na chamada Casa da Sabedoria e suas ações na história restringem-se à sua atuação nesta biblioteca.

Passou horas na biblioteca. Finalmente o prestativo Yussuf-ul-Gamal, zelador da Casa da Sabedoria, perguntou o que ele estava procurando com tanta assiduidade.

- O segredo da doença abdominal. Estou procurando relatórios dos antigos que abriram a barriga humana antes de ser proibido.

O bibliotecário piscou os olhos e fez um gesto de assentimento.

- Posso tentar ajudá-lo. Vamos ver o que consigo encontrar. [. . .]

Quase duas semanas passaram antes que Rob tivesse tempo de se encontrar com Yussuf-ul-Gamal na Casa da Sabedoria. [. . .]

- Eu recuei bastante no tempo - disse Yussuf. - Tanto quanto possível. Fui até a antigüidade. (GORDON, 2000, p. 499).

Neste trecho, assim como em outros em que o personagem aparece, fica clara a intenção do profissional em ajudar seu usuário. A pesquisa realizada não se restringe ao momento em que o usuário se encontra no espaço da biblioteca. O profissional despende mais tempo para poder realizar uma pesquisa mais completa, a fim de satisfazer a necessidade informacional de seu usuário.

Este trecho mostra-se relevante para a análise no sentido que apresenta a ação do bibliotecário realizando a pesquisa de modo a parecer que o mesmo executa com vontade esta ação. E que as expressões utilizadas pelo autor demonstram este aspecto visto que o mesmo é considerado “prestativo” e oferece ajuda para o usuário mesmo não garantindo o resultado. Interessante é o fato de que o mesmo pareceu fazer o que estava ao seu alcance para ajudar o usuário, isto representado pelo fato de que recuou o “quanto possível” nas obras escritas sobre o assunto, a fim de encontrar a informação para o usuário. O resultado disso é uma imagem positiva do bibliotecário, um profissional que se utiliza de todos os recursos a seu alcance para realizar a sua tarefa. Comparada com a personagem anterior, Francesca, que se mostrou fria, desagradável e que parecia não fazer questão do usuário na biblioteca, este autor mostra um bibliotecário com uma ação diferenciada, engajado no pensamento de que a prioridade é o atendimento das necessidades informacionais do usuário.

A Biblioteca de Briersville é o cenário da atuação de Lucy Logan, personagem da obra **O Incrível Livro de Hipnotismo de Molly Moon**. Lucy mostra-se uma pessoa

carismática, sorridente e “amável” para com a protagonista Molly em sua passagem pela biblioteca. A participação de Lucy, foi de certa forma, fundamental na história, visto que indiretamente foi ela quem indicou o livro de hipnotismo a Molly e foi este livro que desencadeou o enredo da obra. Porém, foi este mesmo livro sobre hipnotismo que gerou uma situação um tanto complicada para a bibliotecária. Esta situação está apresentada no trecho abaixo:

[. . .]Um homem - [. . .] estava num mau humor terrível, e sua voz rouca ia ficando mais alta a cada segundo.

- Não consigo acreditar nisso - gritava ele. - Puxa, isso é incrível. Eu fiz um trato com a senhora há alguns dias pelo telefone. Mande o dinheiro para alugar o livro, depois vim de avião de Chicago, para pegar. Atravessei quase cinco mil quilômetros, e a senhora, enquanto isso... a senhora perde o livro. Puxa, que tipo de instituição mal administrada é essa? [. . .]

A voz de cambaxirra da bibliotecária piava de nervosismo.

- Desculpe, professor Nockman, realmente não consigo imaginar o que pode ter acontecido com ele. Eu vi o livro com meus próprios olhos na semana passada. Só posso deduzir que foi levado por outra pessoa... apesar de ele sempre ter estado na seção restrita, de modo que não deveria... ah, minha nossa... deixe-me olhar nas fichas.

[. . .] Na mesa principal, a bibliotecária estava remexendo freneticamente numa caixa, olhando pasma para as fichas e implorando que uma delas explicasse para onde tinha ido o livro que faltava. [. . .]

- É de Logam, o senhor disse? - perguntou ela numa voz preocupada.

- Logan - corrigiu a voz irritada. - E o título começa com "H". [. . .]

- E então? - perguntou ele com jeito beligerante. - Ainda não encontrou?

- Hmm... ainda não, sinto muitíssimo, professor Nockman, parece que ele não foi emprestado. Ah, meu Deus. Ah, isso é muito embaraçoso. - As palavras da bibliotecária rolavam nervosamente para fora da boca. Ela começou a rabiscar sobre a mesa. - Professor Nockman, acho que por enquanto o senhor deveria pegar seu cheque de volta.

- EU NÃO QUERO PEGAR MEU CHEQUE DE VOLTA! - trovejou o homem feio. - QUE TIPO DE BIBLIOTECÁRIA CHINFRIM É VOCÊ? PERDENDO LIVROS!

O professor Nockman começou a berrar furioso: - Eu quero aquele livro. Eu paguei por aquele livro. Eu vou ter aquele livro! - Ele foi intempestivamente até o corredor do G ao I. - Algum idiota provavelmente colocou no lugar errado.

A bibliotecária se remexeu nervosa em sua cadeira, enquanto o homem andava por entre os corredores, bufando e suando. (BYNG, 2003, p. 34-36).

Neste trecho a personagem sofre com o descontrole emocional do usuário quando este percebe que o livro, que está procurando, não está disponível. Demonstra com isto que a personagem, mesmo sendo considerada amável, teve de se conter para

não perder a paciência e o controle emocional. Porém, o agravante da situação descrita é o fato da bibliotecária aparentemente não saber onde está o livro e nem poder explicar o que aconteceu com o livro. Situações como essa podem ocorrer em bibliotecas. O problema maior, neste caso, é que o usuário parece estar no controle da situação, quando quem deveria estar no controle é a bibliotecária. O narrador apresenta o nervosismo da bibliotecária em várias expressões do trecho como a voz de “cambaxirra da bibliotecária [que] piava”, comparando voz da personagem à de um pássaro e o fato de estar “remexendo freneticamente numa caixa, olhando pasma para as fichas e implorando que uma delas explicasse para onde tinha ido o livro que faltava”, criando uma imagem de falta de domínio ou de reconhecimento da situação por parte da mesma. Em suma, foi a bibliotecária, ao demonstrar para o usuário seu nervosismo e a falta de conhecimento da situação, quem provocou a reação negativa do usuário.

Porém esta situação ocorrida foi provocada, de certa forma intencionalmente pela bibliotecária. Ela sabia da existência do livro que o usuário pedia e conhecia seu conteúdo. Tendo conhecimento do conteúdo do livro e das consequências da utilização das informações ali contidas para fins negativos, que poderiam vir prejudicar outras pessoas, a personagem, ao perceber que o usuário em questão faria mau uso das informações presentes na obra, simulou a perda do livro, fazendo com isto que o usuário não tivesse acesso ao mesmo. Assim, fica claro para o leitor que se tratava, na verdade de uma situação provocada pela bibliotecária que apenas simulou uma situação a fim de evitar alguma tragédia posterior.

Já na obra **O Jogo do Anjo**, a personagem Eulalia não tem uma participação tão relevante quanto Lucy Logan. A ação da bibliotecária no enredo é a de auxiliar o usuário na busca por informações para a composição de um livro.

Dois dias depois, já tinha feito amizade com Eulalia, a bibliotecária-chefe, que selecionava textos e volumes para mim no oceano de papel que tinha sob sua responsabilidade. De vez em quando, vinha visitar a minha mesma de canto para perguntar se precisava de algo mais. [. . .] sua inteligência transbordava, geralmente em forma de alfinetadas penetrantes e vagamente venenosas.

- O cavalheiro realmente se dedica às coisas santas. Resolveu ser padre, agora, às portas da maturidade?
- E só uma pesquisa.

- Ah, é o que todos dizem.

As brincadeiras e a inteligência da bibliotecária eram um bálsamo inestimável para sobreviver no meio daqueles textos de composição pétrea e continuar minha peregrinação documental. Quando Eulalia tinha um tempo livre, aproximava de minha mesa e ajudava a arrumar todo aquele palavrório. [. . .]

- E o que faz lendo tudo isso sobre anjos e demônios? Não me diga é um ex-seminarista arrependido.

- Investigando sobre as origens das diversas religiões e mitos têm em comum – expliquei.

- E o que aprendeu até agora?

- Quase nada. Não quero aborrecê-la com ladainhas.

- Não aborrece. Conte. (ZAFÓN, 2008, p. 176-177).

Interessante observar na obra o fascínio do protagonista por Eulalia. Em várias partes do curto trecho em que aparece na trama, o protagonista enaltece a inteligência da personagem. Apesar das “alfinetadas penetrantes e vagamente venenosas” poderem inicialmente ser interpretadas negativamente, estas acabam por instigar a pesquisa do narrador. Outro ponto de observação é que a personagem participa não apenas da pesquisa no sentido de realizá-la e acompanhar seu andamento na biblioteca, a bibliotecária mostra-se interessada na pesquisa, questionando o que o usuário aprendeu até o momento. Além disso ela “ajudava a arrumar todo aquele palavrório” Suas ações demonstram sua preocupação com o usuário, uma forma de incentivo, no sentido de mostrar, com essa atitude, que não está ali apenas para alcançar os materiais, mas sim para compartilhar das descobertas do usuário, ajudá-lo a organizar e, talvez, até mesmo identificar possíveis dúvidas que possam gerar uma futura pesquisa.

A obra **O Mundo é dos Canários** traz uma personagem, denominada Carolina, apaixonada pelo serviço de referência e que realiza uma atividade de criação com um grupo de leitura, como se pode verificar no trecho abaixo:

Fora uma semana tão interessante, na Biblioteca. Apesar das suas muitas tarefas administrativas, o que mais agradava a Carolina era tirar um tempo para ficar no balcão de atendimento. Dali, podia espiar deliciada, por exemplo, quando entravam aqueles garotos e garotas que jamais haviam estado numa biblioteca, e em seu olhar se via que eles se sentiam intimidados por aquela quantidade de estantes, prateleiras, livros e mais livros.

Daí, ela sorria [. . .] os novatos se aproximavam, começavam a conversar. Ela perguntava o que tinham vindo procurar, ou se haviam vindo somente conhecer a Biblioteca, se queriam que ela os levasse para

uma visita guiada. E comemorava quando, na terceira visita, se tanto, eles já revoavam entre as estantes e ocupavam as mesas, abrindo livros, jornais e revistas à sua frente, como se fossem donos do pedaço. Ou quando ela passava os olhos e via as mesas de leitura, todas lotadas. Ou quando um garoto vinha ao balcão, feliz, por ter encontrado ou o que precisava, ou o que queria, ou algo que nem desconfiava que existia, mas que agora... Puxa! Esse livro deve ser um barato!!! Vou levar, tá? Tá?

Carolina precisava se segurar para não responder "Sim! Sim, por favor, leve! Leve!", e numa voz que provavelmente sairia esganiçada, de tanta ansiedade. Maravilhava-se também de perceber que a Biblioteca havia se tornado um lugar acolhedor para um público de todas as idades. Muita gente já vinha ali, naturalmente; era o tempo que se davam de presente no fim de um dia de trabalho, era o ponto de encontro, para fazer hora, para pensar na vida.

Carolina, tem aí um livro sobre,.. ?

Quando um menino ou menina, garoto ou garota, chegava ao balcão, com aquele olhar esperançoso, na expectativa de encontrar o que procurava, nada a alegrava mais do que responder "Tem sim!". Ou de sair procurando com eles. E como ficava chateada quando não encontrava coisa alguma ficava triste com a decepção do freguês! Nesses casos, lhe prometia fazer de tudo - e fazia mesmo! - para arranjar o mais rápido possível, por encomenda, o livro desejado. (AGUIAR, 2008, p. 80-81).

Este trecho demonstra claramente o interesse da personagem pelos usuários da biblioteca e sua paixão pelo fato de que os usuários faziam uso desta biblioteca. Este tipo de atitude demonstra que um profissional que tenha interesse em abrir as portas da biblioteca em que atua, pensando no usuário e em suas necessidades, que goste do relacionamento com outras pessoas e que seja agradável no atendimento vai estimular o uso desta biblioteca.

As ações e as percepções apresentadas neste trecho apresentam uma bibliotecária apaixonada por seu local de atuação, por seu trabalho e por seus usuários. Interessante observar o modo como o narrador retrata o entusiasmo da profissional diante das situações que ocorrem na biblioteca. No início do trecho o narrador afirma que "o que mais agradava a Carolina era tirar um tempo para ficar no balcão de atendimento", ou seja, realizar o serviço de referência, estar em contato com os usuários. Ao longo da narrativa deste trecho são apresentadas diversas expressões usadas pelo autor as quais confirmam a imagem da bibliotecária que ama o contato com os usuários, e que os mesmos utilizem a biblioteca e os livros e que tenham suas necessidades informacionais ou de lazer atendidas.

Porém não é apenas esta a ação da personagem na obra. A personagem tornou-se, por motivos pessoais, e sentimentais uma leitora e amante das obras de Machado de Assis e decide criar um grupo de leitura com os adolescentes. O objetivo de Carolina era o de estimular a leitura de Machado através da leitura acompanhada de contos do autor, a fim de que os termos diferentes, as possibilidades de interpretação fossem discutidas no grupo de modo a facilitar o entendimento do conteúdo do conto. O interessante em Carolina é o fato de que, além de realizar um trabalho exemplar na biblioteca em que atua, ela vai além do atendimento na biblioteca, criando uma atividade extra, mas que também está relacionada ao seu trabalho como bibliotecária.

Um mosteiro medieval é o contexto de atuação de Malaquias de Hildesheim e de Berengário de Arundel, personagens da obra **O Nome da Rosa**. É necessário observar que a atuação, neste contexto, tem características peculiares, conforme descritas no trecho abaixo:

A biblioteca nasceu segundo um desígnio que permaneceu obscuro para todos através dos séculos e que nenhum dos monges é chamado a conhecer. Só o bibliotecário recebeu o seu segredo do bibliotecário que o precedeu, e comunica-o, ainda em vida, ao bibliotecário ajudante, de modo que a morte não o surpreenda privando a comunidade daquele saber. E os lábios de ambos estão selados pelo segredo. Só o bibliotecário, além de saber, tem o direito de se mover no labirinto dos livros, só ele sabe onde encontrá-los e onde repô-los, só ele é responsável pela sua conservação. Os outros monges trabalham no scriptorium e podem conhecer o elenco dos volumes que a biblioteca encerra. Mas um elenco de títulos freqüentemente diz muito pouco, só o bibliotecário sabe, pela colocação do volume, pelo grau da sua inacessibilidade, que tipo de segredos, de verdades ou de mentiras o volume encerra. Só ele decide como, quando e se o fornece ao monge que faz a sua requisição, por vezes depois de me ter consultado. Porque nem todas as verdades são para todos os ouvidos, nem todas as mentiras podem ser reconhecidas como tais por um espírito piedoso, e os monges, enfim, estão no scriptorium para levar a cabo uma obra precisa, para a qual devem ler certos volumes e não outros, e não para seguir qualquer insensata curiosidade que os colha, quer por debilidade da mente, quer por soberba, quer por sugestão diabólica. [. . .] O bibliotecário defende-os, portanto, não só dos homens, mas também da natureza, e dedica a sua vida a esta guerra contra as forças do esquecimento, inimigo da verdade.(ECO, 2004, p. 44-45).

O trecho apresenta as ações que são restritas aos bibliotecários dentro do ambiente de uma biblioteca em um mosteiro medieval. É relevante analisar o fato de

que os bibliotecários nas bibliotecas monásticas eram considerados guardiões do acervo, no sentido literal da palavra, pois eram os únicos monges dentro do mosteiro que poderiam e sabiam encontrar os livros no acervo da biblioteca. Percebe-se a importância e também o fator restritivo do conhecimento do bibliotecário, nesta época e neste contexto porque, se essas informações sobre a localização dos itens no acervo fossem perdidas, dificilmente alguém sem algum conhecimento prévio poderia revelar a forma peculiar de organização, ou mesmo encontrar um item.

Malaquias e Berengário eram os bibliotecários responsáveis por manter esse segredo intacto, sendo portanto, os únicos responsáveis pela guarda e organização da biblioteca. O trecho abaixo apresenta uma das ações de Malaquias de Hildesheim:

Finalmente Malaquias, vendo que meu mestre parecia seriamente disposto a ocupar-se das coisas de Venâncio, tinha-lhe dito claramente que talvez, antes de remexer entre os papéis do morto, era melhor obter a autorização do Abade; que ele próprio, não obstante fosse o bibliotecário, se absteria disso, por respeito e disciplina [. . .] Guilherme tinha-lhe feito notar que o Abade lhe tinha dado licença para indagar por toda a abadia; Malaquias perguntara, não sem malícia, se o Abade também lhe tinha dado licença para se mover livremente pelo scriptorium ou, Deus não o permitisse, pela biblioteca. (ECO, 2004, p. 153).

Interessante observar neste trecho a preocupação do bibliotecário com relação a consultas à biblioteca. O protagonista está realizando pesquisas na biblioteca e o bibliotecário o questiona se ele tem autorização do Abade para realizar a investigação sobre a possível causa da morte de um dos monges. Pode-se ressaltar do texto que o bibliotecário justifica que os materiais do monge não foram mexidos, até mesmo ele tinha evitado de realizar essa tarefa “por respeito e disciplina”. Isto mostra aspectos da conduta do bibliotecário nesse contexto, que só poderia realizar ações mediante autorização superior, no caso, do Abade. Outro aspecto interessante para análise é o final do trecho em que o bibliotecário questiona se o Abade tinha permitido que Guilherme pudesse andar livremente pela abadia e, que “não o quisesse Deus”, pelo ambiente do acervo da biblioteca, de modo a representar que aquele era um local sagrado pelo qual não poderia transitar qualquer pessoa.

O personagem Berengário de Anundel, ajudante-bibliotecário, também exerce este papel de guardião do acervo. Berengário:

No fundo, é co-responsável pela biblioteca, é roído pelo remorso de ter traído algum segredo dela, achava que Venâncio tinha tirado aquele livro e queria talvez quisesse repô-lo em seu lugar. Não conseguiu subir, agora está escondendo o volume nalgum lugar, e poderemos apanhá-lo pegá-lo em flagrante, se Deus nos ajudar, quando tentar repô-lo no seu lugar. (ECO, 2004, p. 163).

Observa-se neste trecho a importância que o personagem dava aos segredos que guardava, no sentido de que apenas uma atitude sua, considerada traição ao segredo, já o deixou “roído pelo remorso”. Essa mesma atitude, segundo o autor, faz com que o personagem tente de várias maneiras, de certa forma esconder, a prova de que violou um dos segredos. O personagem, ajudante-bibliotecário, tinha um papel relevante no contexto da biblioteca, pois era treinado e lhe era permitido conhecer os segredos porque seria sucessor do então bibliotecário. Interessante observar que o fato de serem conhecedores dos segredos da biblioteca e sua forma de organização e armazenamento das obras os investia do papel de guardiões. Estes personagens, portanto, representam bem este papel do bibliotecário, comum na época em que está ambientado o romance.

Já a personagem Heidi da obra **Onze Minutos**, diferente dos bibliotecários medievais e seus segredos, faz o papel de amiga da usuária. Sua ação na história é a de realizar o atendimento na biblioteca pública. Porém sua ação não se restringe ao mero repasse de material, vai além, no sentido de que se preocupa com a usuária e seu crescimento pessoal e incentiva a leitura.

A senhora encarregada de emprestar livros disse que ali não alugavam revistas, mas podia lhe sugerir alguns títulos que a ajudariam a dominar o francês cada vez mais. [. . .]

- Minha filha, você é jovem, tem a vida pela frente. Leia. Esqueça o que lhe disseram sobre livros, e leia.

- Já li muito. [. . .]

A bibliotecária à sua frente parecia alguém sensível, doce, alguém que poderia ajudá-la se tudo o mais falhasse. Precisava conquistá-la, sua intuição dizia que ali podia estar uma possível amiga. Rapidamente mudou de opinião:

- Mas quero ler mais. Por favor me ajude a escolher os livros.[. . .]

Maria passou a freqüentar a biblioteca, conversar com a mulher que parecia tão sozinha como ela, pedir sugestões, comentar sobre a vida e os autores. (COELHO, 2003, p. 54-55).

A participação da personagem é relevante na obra devido ao fato de que é considerada amiga pela protagonista e serve como fonte de apoio, tanto para assuntos pessoais quanto para assuntos de interesse geral. A protagonista é uma brasileira que foi tentar a vida na Suíça e foi com a ajuda do acervo da biblioteca e da bibliotecária que conseguiu superar a barreira da língua. Das personagens analisadas esta é a única que estabelece uma relação de amizade com uma usuária da biblioteca sem que essa relação ultrapassasse as paredes da biblioteca. Outros personagens também estabeleceram relação de amizade, mas não de forma restrita ao seu local de atuação como é o caso de Heidi.

A ação da personagem Dona Ângela na obra **Pânico na Biblioteca** é a sua atuação na biblioteca pública em que os dois irmãos são “condenados”, segundo eles mesmos, a passar as férias de verão como uma forma de realizarem “um passatempo educativo”. A bibliotecária estabelece limites aos meninos, com relação à utilização da biblioteca; os mesmos deveriam permanecer no tapete pertencente à seção infantil e sair de lá apenas para ir embora.

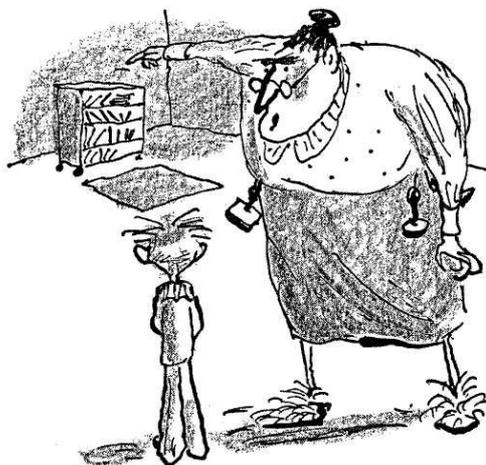


Ilustração 3 – Dona Ângela apresentando o local onde o usuário deveria permanecer na biblioteca
Ilustrador: Tony Ross (COLFER, 2006, p. 10)

Esta figura destaca as funções descritiva e expressiva da ilustração. A função descritiva porque apresenta a personagem de corpo inteiro, com destaque para a diferença de altura entre os personagens, o que demonstra a autoridade da bibliotecária. E a função expressiva porque revela e ressalta que a bibliotecária age de forma um tanto rude com seus usuários.



Ilustração 4 – Reação da personagem Dona Ângela ao perceber comportamento fora do padrão
Ilustrador: Tony Ross (COLFER, 2006, p. 13)

A bibliotecária exercia um certo tipo de controle sobre seus usuários, estando atenta a qualquer movimento que julgasse fora do padrão adequado de comportamento. Ao perceber qualquer comportamento fora do padrão, a primeira reação da bibliotecária era correr de encontro aos usuários, como ilustrado na ilustração acima, em que a personagem realiza a corrida de forma tão brusca que chega a sair fora dos limites do quadro que envolve a ilustração. A profissional é tão rígida com relação ao comportamento, que chega a fazer ameaças como no trecho “- Só tirem os pés do tapete para ir embora - alertou ela. - Qualquer idéia infantil que entre na cabeça de vocês, ignorem. Fiquem no tapete, ou haverá encrenca.” (COLFER, 2006, p. 10). O texto demonstra que a bibliotecária apresenta dificuldades de relacionamento interpessoal, ao estabelecer uma relação autocrática com o usuário, no sentido de que o mesmo deveria fazer na biblioteca apenas aquilo que ela designasse. Dentro do ambiente da biblioteca, o bibliotecário tem certa autoridade em relação aos usuários pelo fato de que administra aquele ambiente, porém no caso de Dona Ângela parece que esta passou dos limites, chegando ao ponto de intimidar os usuários.

Os dois irmãos protagonistas ao perceberem que infringir as regras da biblioteca não seria o melhor a fazer resolvem então ler os livros da seção infantil à qual foram destinados. A partir daí, descobriram que a leitura permite viajar por mundos e realidades diferentes. Porém, ao terminarem a leitura, os irmãos decidiram novamente

sair do tapete, agora em busca de outras leituras. Entretanto, a reação de Dona Ângela, desta vez, foi diferente.

- Eu queria um livro - eu disse numa voz tremida. - Já li todos os outros, a maioria deles duas vezes. Eu tinha que pegar um livro.

- Embora soubesse que eu podia te pegar?

Meu lábio inferior tremia feito uma gelatina vermelha.

- O risco valia a pena.

- Muito bem! - disse dona Batata. - Vá para a frente da minha mesa. Tenho uma coisa para você. E não é um carimbo.

Ah, não! O lança-batatas a gás. Eu ia ser embatatado. Hora de implorar.

- Mas...

Dona Batata ergueu a mão.

- Nada de mas. Você vai ter o que merece. Ande, para a frente da minha mesa.

Fui até a mesa, mais assustado do que nunca. [. . .]

Meus ouvidos continuaram trabalhando direto, fornecendo ruídos para minha imaginação. Atrás de mim, Marquinhos ainda fazia *tsc tsc* de desaprovção, como se eu o tivesse decepcionado. Na minha frente eu ouvia dona Batata vasculhando a gaveta da mesa. Ela provavelmente estava carregando o lança-batatas, pegando uma batata dura de verdade.

- Abra os olhos! - ordenou ela.

- Não - eu gemi. - Não posso.

- Vamos, Eduardo Medeiros. Olhe o que tenho para você!

Respirei fundo e abri os olhos. Em vez do cano de um lança-batatas, havia um cartão azul diante dos meus olhos. Atrás do cartão estava a cara de dona Batata. Ela sorria e os dentes não me lembravam mais pingentes de gelo. Pareciam amistosos. - Um cartão azul da biblioteca - disse ela. - Azul significa adulto. Azul significa que você pode ir aonde quiser na biblioteca. Só o que peço a você é que me mostre os livros de adultos que pegar, para que eu possa verificar se são adequados para sua idade.

Eu fiquei pasmo. Será que dona Batata estava me recompensando por quebrar as regras?

- P-p-por quê? - gaguejei.

Dona Batata sorriu novamente. Combinava com o rosto dela.

- Porque você saiu do tapete para pegar um livro, e não para fazer bagunça. É para os livros que esta biblioteca existe, às vezes até eu me esqueço disso.(COLFER, 2005, p. 22-23).

Em vez de repreender os usuários, a personagem percebeu que o interesse dos meninos não era a bagunça, mas sim a leitura de novas obras e que é para isto que a biblioteca existe, para que as obras sejam lidas pelos usuários. É interessante perceber a mudança na personagem no sentido de que o comodismo em apenas controlar as atitudes dos usuários pode fazer com que se esqueça para que fim aquele espaço

biblioteca existe. Mas é interessante também ver que ainda neste diálogo existiu certo tom de ameaça quando ela questiona “- Embora soubesse que eu podia te pegar?”, e quando afirma “- Nada de mas. Você vai ter o que merece. Ande, para a frente da minha mesa” são ambas atitudes que mais uma vez demonstram o caráter autoritário da bibliotecária. Não havia necessidade de amedrontar o usuário se a atitude que teria com ele seria positiva, ou seja, que daria mais liberdade ao usuário. Poderia ter simplesmente explicado ao usuário que para que pudesse ler os livros da seção adulta deveria ter um cartão de cor diferente do anteriormente recebido ao invés de ter assustado o menino antes de lhe dar o novo cartão. Porém, um aspecto interessante foi o de que depois das atitudes controladoras, por fim a personagem reconhece o crescimento do usuário e demonstra uma faceta mais amistosa de sua personalidade. Ao mesmo tempo, mostra-se preocupada com o usuário quando pede que o mesmo mostre as obras que tenha interesse em ler para que julgue se são adequadas ou não para a idade do usuário, concedendo-lhe maior liberdade, mas exercendo ainda uma certa vigilância, o que afinal demonstra seu cuidado com o usuário.

O conto **Um General na Biblioteca** traz um personagem peculiar. Denominado Crispiano, este personagem tem a tarefa de auxiliar os oficiais do Estado da Panduria na realização de um relatório sobre a situação dos livros da maior biblioteca do Estado. A análise das obras e os relatórios deveriam ser feitos sob a perspectiva de que os livros pudessem conter opiniões contrárias ao prestígio militar.

Para essa tarefa foi designada uma comissão e a Crispiano cabia indicar o local dos livros. Porém Crispiano ia além disso e, de maneira discreta, foi instigando a curiosidade dos oficiais que queriam ler cada vez mais.

O senhor Crispiano andava até o tenente Lucchetti, que fechava um tomo com raiva e dizia: - Essa não! Aqui eles têm a coragem de expressar dúvidas sobre a pureza dos ideais das Cruzadas! Sim, senhor, das Cruzadas! - E o senhor Crispiano, sorridente: - Ah, deve se fazer um relatório sobre esse tema, e posso lhe sugerir outros livros, nos quais é possível encontrar mais detalhes - e jogava meia prateleira em cima dele. O tenente Lucchetti se metia a lê-los, de cabeça baixa, e por uma semana o ouviam virar as páginas dos livros e murmurar: - Mas essas Cruzadas, quem diria! (CALVINO, 2001, p. 76).

Este trecho retrata uma das intervenções de Crispiano na leitura dos oficiais. Interessante é a forma discreta com que estimula a curiosidade e a busca por mais informações. A partir disso, o conhecimento, fruto das leituras, realiza mudanças nos pontos de vista dos oficiais. A atuação deste profissional rende a ele a participação na elaboração do relatório, visto que os oficiais não se julgaram competentes, sem seu apoio, para realizar tal tarefa, o que foi também uma forma de reconhecimento da sua ação. Além de render usuários assíduos à sua biblioteca, no sentido de que após a experiência os oficiais envolvidos não conseguiram mais se desvincular desta fonte de conhecimento.

Calvino retrata um bibliotecário que consegue com sua habilidade, astúcia e conhecimento mudar radicalmente os rumos e os resultados de uma investigação, a partir de uma mudança de mentalidades, que ele consegue através de suas sugestões de leitura. Sua ação mostra um exemplo de superioridade intelectual sobre os oficiais que representam inicialmente apenas a força instituída pelo poder vigente.

Na obra **Veronika decide morrer**, a protagonista Veronika é a bibliotecária. As ações da personagem na obra ocorrem, em grande parte, na clínica psiquiátrica para a qual a personagem é encaminhada após uma tentativa de suicídio frustrada. A bibliotecária, considerada anteriormente como possuidora de uma passividade natural, acaba por sofrer mudanças no modo de pensar quando é informada de que tem apenas sete dias de vida. Esta informação faz com que ela passe por experiências antes não vivenciadas e que a levam à reflexão sobre o valor da vida. Não são apresentadas no texto informações sobre sua atuação em alguma biblioteca, a única informação a respeito está contida no trecho abaixo:

Veronika fizera o que a mãe pedira, certa de que ela tinha experiência suficiente para entender o que era realidade. Terminou os estudos, entrou na faculdade, saiu da faculdade com um diploma e notas altas - mas só conseguiu um emprego de bibliotecária. (COELHO, 1998, p. 89)

Este trecho demonstra um certo desmerecimento do valor da profissão de bibliotecário por parte do autor, no sentido de que sugere que o autor veja a profissão como algo de menor valor, quase que de ínfimo valor. Quando o autor menciona a palavra “só” na frase “só conseguiu um emprego de bibliotecária” parece insinuar que este não seja um bom emprego, seria quase como um fracasso sair da faculdade com

notas altas, conforme descrito no texto, e conseguir ‘apenas’ o emprego como bibliotecária. Na obra não fica claro qual foi o curso superior que a personagem cursou, provavelmente não foi o curso de Biblioteconomia. Infere-se que o autor demonstra certo desconhecimento sobre a profissão no sentido que parece interpretar de acordo com o modo de pensar do senso comum: quem trabalha em biblioteca é bibliotecário.

Mas essa conotação negativa da profissão ocorreu também em outras obras como **As Memórias do Livro**, em que o personagem Ozren tem de lidar com a afirmativa de que é “só” um bibliotecário. Isso não ocorre tão somente na literatura. O livro **Veronika Decide Morrer** foi adaptado por Haruki Murakami para o cinema e, em uma matéria que divulga este filme foi afirmado que “No livro, a história se passa na Eslovênia, sobre uma bibliotecária que vive num convento. No cinema, a trama ficou mais moderna – uma executiva que vive sozinha em Nova York.” (EZABELLA, 2009, p. 9). Não bastasse a conotação do próprio autor da obra escrita, a adaptação para o cinema, nas palavras da comentarista, “ficou mais moderna”, ou seja, considerada antiga, e talvez até antiquada a profissão de bibliotecário. Seria esta outra forma, além do “só”, de desmerecer a profissão.

5.3 CARACTERÍSTICAS DE PERSONALIDADE

A partir dos diálogos e ações dos personagens nos enredos das obras foi possível estabelecer categorias para as características de personalidade dos personagens. Para a análise destas características foram criadas duas categorias: empatia e interesse no usuário.

A categoria empatia foi dividida em três subcategorias: antipático, simpático e indiferente. Dos personagens analisados, dez foram considerados antipáticos num total de 29,42%. As características de personalidade destes personagens foram definidas pela forma como interagem com os outros personagens do enredo ou pela forma como são definidos pelos outros personagens, como no caso da Dona Itália.

Em termos de empatia, exatamente metade dos personagens analisados pertencem à categoria 'simpático' são, portanto, 17 dos 34 personagens. Este resultado vai de encontro ao que Walter e Baptista (2007, p. 30) afirmam de que a postura do profissional é “[. . .] geralmente antagônica e pouco receptiva para os usuários [. . .]”. Não é possível ignorar os dez personagens considerados como antipáticos, pois estes confirmam este estereótipo apresentado. Porém é possível visualizar que, dentro do contexto das obras analisadas, esta postura não é predominante porque metade dos personagens analisados não se insere nesta subcategoria. É possível inferir destes dados, apesar do que se espera da representação do profissional, no sentido deste ser considerado pouco receptivo, que o profissional presente nas obras literárias analisadas não é apresentado apenas sob a ótica dos aspectos e atitudes negativas. Se analisado sob a ótica de que os autores constroem seus personagens a partir do senso comum da sociedade a qual pertencem, é com grata surpresa que se pode concluir que há um número significativo de percepções positivas do profissional bibliotecário.

A subcategoria 'indiferente' foi utilizada nos casos em que o personagem não possui ações no enredo pelas quais se possa inferir sua inclusão na categoria 'empatia', não significando, no entanto, que suas atitudes e ações sejam realizadas de forma indiferente. Foram sete as personagens, ou seja, 20,58%, que corresponderam a subcategoria 'indiferente'. As ações destes personagens no enredo não permitiram inferir nenhuma informação sobre a questão da empatia.

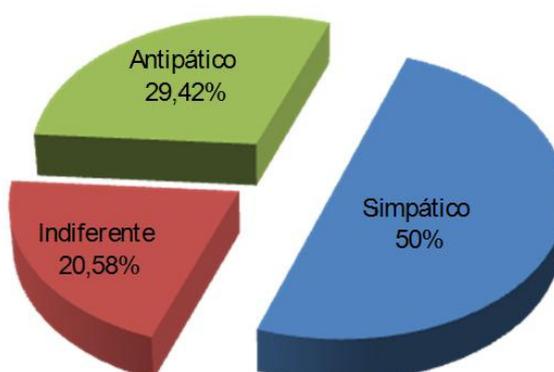


Gráfico 7 – Categoria empatia

Fonte: Dados da pesquisa

Pode-se verificar, portanto, que em termos de representação do profissional na literatura, a questão da empatia é recorrente e, portanto, infere-se que seja considerada importante. Esta afirmação é possível visto o significativo resultado obtido nas análises, nas quais a característica empatia, e o seu aspecto positivo principalmente, está representada em grande parte das obras. É, portanto, diferente das características de peso e altura por se constituir num ponto de destaque na representação e descrição do bibliotecário.

Além da empatia, outro aspecto analisado em termos de personalidade foi o interesse evidenciado por parte do profissional em relação ao usuário. Para analisar se o bibliotecário era prestativo e demonstrava interesse em prestar atendimento a seu usuário foram consideradas três subcategorias: sim, não e indefinido.

O resultado foi de que 22 dos 34 personagens, ou seja, 64,70% dos personagens demonstraram seu interesse em relação às necessidades informacionais dos usuários de seu local de atuação. E que apenas quatro personagens constituem o resultado da subcategoria 'não' correspondendo à 11,77%.

Na subcategoria 'indefinido' foram incluídos os personagens que não possuíam ações relacionadas ao atendimento de usuários. Foram oito os personagens nesta subcategoria, o que representa o percentual de 23,53% do total.

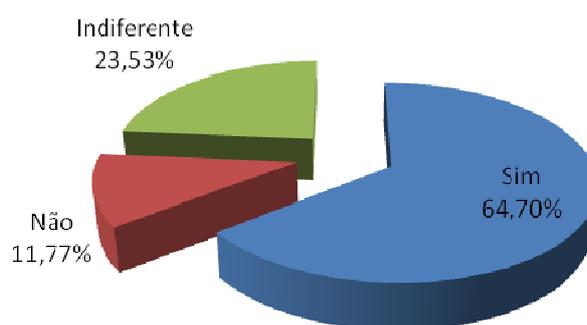


Gráfico 8 – Categoria interesse pelo usuário
Fonte: Dados da pesquisa

Assim como na categoria empatia, é possível afirmar que a questão do interesse do profissional bibliotecário pelo usuário é um aspecto relevante para a descrição do mesmo na literatura, devido ao significativo número de personagens nas opções 'sim' e

'não'. Isto ocorre porque aspectos relacionados ao tratamento que o profissional dispensa ao usuário tendem a estar presentes no senso comum e na memória coletiva, pois é principalmente do tratamento recebido que se recorda de um profissional ou de um local, visitado ou utilizado, como é o caso da biblioteca.

5.4 CONTEXTO DE ATUAÇÃO

Nas obras analisadas foram identificados seis contextos de atuação dos personagens bibliotecários: biblioteca pública; biblioteca escolar; museu; arquivo; biblioteca monástica e indefinido. O contexto 'indefinido' foi utilizado para os locais que não se encaixavam em nenhuma das outras categorias.

Dos 34 profissionais analisados 18 atuam em bibliotecas públicas sendo que estes, portanto, representam 52,94% dos locais de atuação dos personagens bibliotecários das obras. A biblioteca escolar é o local de atuação de cinco personagens representando 14,70% dos locais de atuação.

O profissional que atua em museu é representado por três personagens num total de 8,82%. Já a biblioteca monástica é contexto de atuação de apenas dois profissionais representando 5,88% dos personagens analisados e o arquivo é representado por apenas um personagem, representando apenas 2,94%.

Os outros locais de atuação, que não se encaixam nas categorias acima apresentadas, são locais não convencionais. Esta categoria também foi utilizada para aquelas obras em que o bibliotecário não atua em um local específico. São em número de cinco os profissionais que se encaixam neste contexto, totalizando 14,70% dos personagens analisados.

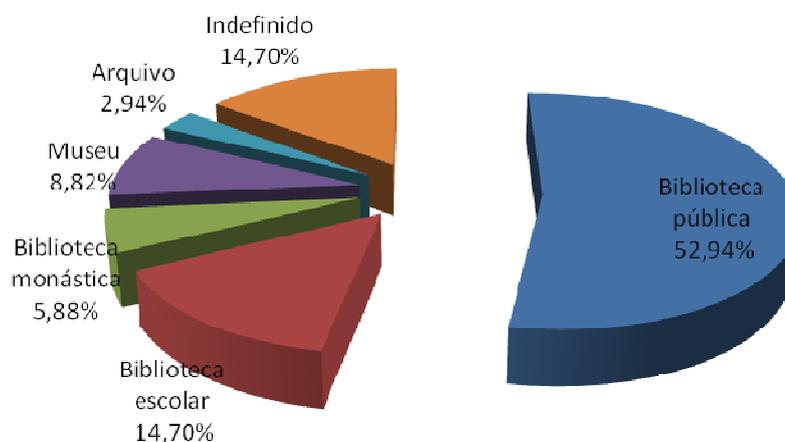


Gráfico 9 – Categoria contexto de atuação

Fonte: Dados da pesquisa

Os outros cinco contextos de atuação, que não se encaixam nas categorias, se constituem de casos particulares. O primeiro deles é o apresentado na obra **Calvina** cuja personagem, a bibliotecária Emelina, atua em um manicômio biblioteca. O segundo é o da obra **A Biblioteca Mágica de Bibbi Bokken** cujo título indica o local de atuação a “biblioteca mágica” criada pela personagem Bibbi Bokken no porão de sua casa.

O terceiro é o contexto da personagem Veronika da obra **Veronika decide morrer**. Nesta obra a personagem não tem ações no contexto da biblioteca, visto que narra o período de internação da mesma. Existe apenas a informação de que a personagem é bibliotecária, ou seja, assim como já informado o contexto de atuação é considerado indiferente para o desenvolvimento do enredo pelo autor. O quarto caso é o contexto do personagem Homir Munn da trilogia **Fundação**. O local de atuação específico do personagem não é mencionado, existe apenas a informação de que o mesmo cuida dos chamados livros-filmes. E o quinto caso é o do bibliotecário do conto **A Biblioteca de Babel**, no qual a biblioteca é considerada o Universo.

Em suma, percebe-se que os locais de atuação que apresentam os valores mais significativos são aqueles nos quais o profissional está mais presente, e também os locais nos quais a comunidade tem mais contato com o profissional. Isto explica a predominância de profissionais nas bibliotecas públicas e escolares por estas serem os tipos de bibliotecas mais utilizadas e mais visíveis. Além de que, como afirmado por

Macedo (1988) a imagem do profissional bibliotecário está atrelada ao espaço da biblioteca, este é o senso comum. Os valores significativos nestes dois tipos de biblioteca demonstram, mais uma vez, a influência do senso comum e da memória coletiva sobre as obras literárias.

5.5 POSIÇÃO DO PERSONAGEM NA OBRA

A posição do personagem na obra foi categorizada de forma a permitir visualizar, ou inferir, a importância do profissional no contexto do enredo e, conseqüentemente, nas obras literárias analisadas. Para esta categoria foram criadas as subcategorias: protagonista, secundário e interage com o protagonista, não sendo este último necessariamente um antagonista.

A posição de protagonista se refere aos personagens que são considerados fundamentais para o enredo. Nesta alternativa são dez os personagens considerados principais, num total de 29,42%. Dentre esses, Eratóstenes da obra **O Bibliotecário que Mediu a Terra**; Malaquias de Hildesheim da obra **O Nome da Rosa** e Bibbi Bokken da obra **A Biblioteca Mágica de Bibbi Bokken**. Cada um destes personagens é representante de uma fase do bibliotecário, como apresentado na contextualização teórica sobre a trajetória profissional ao longo dos tempos. Eratóstenes representa o bibliotecário como sábio; Malaquias representa o guardião e Bibbi Bokken representa a fase atual do profissional, a de disseminador.

A posição secundária se refere aos personagens cuja participação no enredo teve relevância, mas cuja ação não foi considerada como fundamental para o desenrolar da história. Representam 38,23% os personagens desta alternativa, sendo, portanto, em número de treze como, por exemplo, Mathilde de **O Azul da Virgem**; Francesca Vironette da obra **O Fantasma** e Serif Kamal da obra **Memórias do Livro**.

Já a subcategoria 'interage com o protagonista' engloba os personagens cuja atuação foi de curta extensão no enredo da obra. Esta alternativa compreende onze

personagens, num total de 32,35%. A bibliotecária da obra **Era Uma Vez Outra Vez** e a personagem Eulalia da obra **O Jogo do Anjo** compõem esta subcategoria.

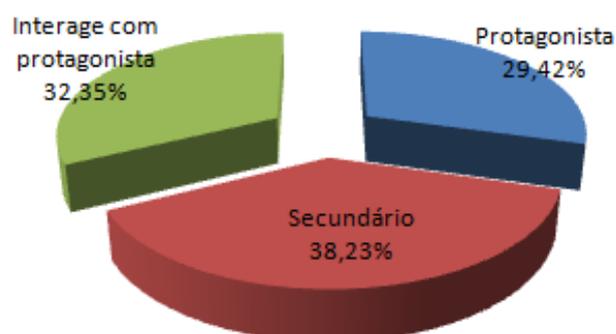


Gráfico 10 – Categoria posição do personagem na obra
Fonte: Dados da pesquisa

Desta categoria de análise é possível concluir que não há predominância com relação à posição do bibliotecário nas obras de ficção analisadas, visto que foi representado nas obras em diferentes posições. Esta categoria foi analisada com o intuito de perceber se o profissional era ou não considerado relevante nas obras analisadas. Considerado relevante no sentido de que sua atuação no enredo fosse além da mera interação com o protagonista em alguma parte do enredo. Mesmo com o equilíbrio entre os resultados dos dados, foi possível inferir o que se pretendia analisar com esta categoria, ou seja, a relevância do bibliotecário, no sentido de que dez personagens foram apresentados como protagonista, por receberem grande destaque na obra, uma vez que ou o enredo girava em torno deles ou eles provocaram grandes efeitos na história. É possível concluir que, mesmo não sendo o bibliotecário predominantemente protagonista, que sua participação nas obras analisadas foi relevante.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura de ficção serve como instrumento para a difusão do senso comum, por apresentar a percepção social dos componentes da sociedade através das palavras dos autores. Isso porque os autores se utilizam do imaginário, das representações sociais e do senso comum para construir os personagens de suas obras.

A análise, portanto, dos personagens permitiu a visualização das características físicas, características de ação, características de personalidade e contexto de atuação de cada um dos 34 personagens das obras. Com isso foi possível estabelecer o perfil do profissional bibliotecário presente nas obras analisadas.

Considerando as categorizações feitas a partir dos dados coletados, é possível estabelecer um perfil predominante entre os personagens. Dos 34 personagens analisados 22 são do gênero feminino. No caso do gênero feminino delineia-se o de uma mulher simpática de meia idade, de peso e altura indiferente, não usuária de óculos ou de coque, com atuação predominantemente em biblioteca pública e que se mostra interessada no seu usuário. Em termos de ação no enredo, a maioria das personagens femininas realiza a ação de atendimento no seu local de atuação.

Já no gênero masculino, dos 34 personagens analisados, 12 pertencem a este gênero. O perfil predominante do gênero masculino, estabelecido a partir da análise dos dados coletados, é o de um homem de meia idade, de peso e altura considerados indiferentes, não usuário de óculos e interessado no usuário. A biblioteca pública é o local de atuação de metade dos personagens masculinos e sua ação geralmente relaciona-se também ao atendimento, porém com número significativo de personagens representando o papel de guardião do acervo.

Se considerados ambos os gêneros, o perfil predominante do bibliotecário, enquanto personagem nas obras analisadas, é o de uma mulher, de meia idade, com peso e altura considerados como informações indiferentes para a descrição, que não usa óculos e nem coque. Em termos de personalidade, o perfil corresponde a um profissional simpático e interessado no usuário. E a ação do profissional está

geralmente ligada ao atendimento dos usuários no local de atuação, que é predominantemente a biblioteca pública.

São resultados interessantes obtidos pela análise: o fato de que mais da metade das personagens analisadas são do gênero feminino; de que metade das personagens foram considerados, em termos de empatia, como simpáticos em detrimento do mau humor comumente presente no senso comum. Além do fato de que alguns elementos, como peso e altura, não foram considerados relevantes, por parte dos autores das obras analisadas, para a descrição dos personagens em comparação com outros aspectos, como os psicológicos ou os aspectos que dizem respeito ao relacionamento interpessoal.

Um dos aspectos analisados não obteve resultados significativos para o estudo: a data de *copyright*. Com relação a data de *copyright* da obra, não foi possível verificar se existe a predominância de perfil do bibliotecário de acordo com data em que as obras foram escritas, porque a maior parte das obras analisadas pertence ao mesmo período e apresenta personagens de perfis diferentes e em diversos períodos históricos.

Conclui-se, portanto, que é possível estabelecer a partir da leitura de obras de literatura de ficção um perfil do bibliotecário representado enquanto personagem. E que este perfil não necessariamente corresponde aos estereótipos apresentados como recorrentes pela literatura especializada. Existem personagens que correspondem exatamente ao estereótipo, porém não há predominância deste perfil. Outro fator conclusivo é que os personagens encontrados representam as três fases apresentadas pela literatura especializada como papéis representados pelo bibliotecário ao longo da história: sábio, guardião e disseminador. Fica claro também que esses papéis e imagens dos bibliotecários permanecem para esses autores, ligados às épocas em que se caracterizavam como tal.

A partir da realização deste estudo é possível sugerir outros estudos que abordem aspectos semelhantes. As sugestões são o da realização de um estudo mais aprofundado com relação ao profissional na literatura de ficção, com um número maior de obras e um período maior de análise, incluindo obras escritas em diferentes períodos históricos. Outra sugestão seria a realização de pesquisas, ainda

concernentes à literatura de ficção, porém com outras abordagens como os bibliotecários enquanto escritores de literatura de ficção ou biografias, autobiografias e memórias de bibliotecários. Além disso, poderia ainda ser realizado uma análise da ilustração do profissional apresentada principalmente nas obras de literatura infantil, com o objetivo de perceber ou não se existem características estereotipadas.

REFERÊNCIAS DAS OBRAS CONSULTADAS

AMARAL, Sueli Angelica do. El Profesional de la Información para el siglo XXI. **Infodiversidad**, Buenos Aires, v. 14, p. 11-27, 2009.

ANTUNES, Ricardo. **Guia do Ilustrador**. 2007. Disponível em:
<http://www.guiadoilustrador.com.br/Guia_do_Ilust.pdf> Acesso em: 20 mar. 2010.

ARAUJO, José Wellington de. Ciência e Senso Comum: a divulgação do conhecimento no campo da saúde. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 8, n. esp., p. 72-93, jul./dez. 2003. Disponível em:
<<http://www.eci.ufmg.br/pcionline/index.php/pci/article/view/653/439>>. Acesso em: 10 nov. 2009.

ARRUDA, Francimar Duarte. A Questão do Imaginário: contribuição de Sartre. **Em Aberto**, Brasília, v. 14, n. 61, p. 15-23, jan./mar. 1994.

BARBIER, René. Sobre o Imaginário. **Em Aberto**, Brasília, v. 14, n. 61, p. 15-23, jan./mar. 1994.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, c1977.

BARROS, Moreno Albuquerque de. **Imagem e Popularização**: a questão dos estereótipos entre os profissionais da Biblioteconomia. 2005. Disponível em:
<<http://docs.google.com/gview?a=v&q=cache%3A2ZIELM80M8gJ%3Awww.sharematio.com%2Fmoreno%2Fimagem.pdf+moreno+barros+obsess%C3%A3o+imagem&hl=pt-BR&gl=br&sig=AFQjCNF1Hz0669Yz1xCFezB-6UD0dJFTJA&pli=1>>. Acesso em: 27 ago. 2009.

CAMARGO, Luis. **Uma Conversa Sobre Ilustração**. 2006. Disponível em:
<http://www.culturainfancia.com.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&catid=39:artes-plasticas&id=61:uma-conversa-sobre-ilustracao&Itemid=61>. Acesso em: 20 mar. 2010.

CAMARGO, Luis. Encurtando o Caminho entre Texto e Ilustração: homenagem a Ângela Lago. **Sínteses - Revista dos Cursos de Pós-Graduação**, Campinas, v. 11, p.

109-112, 2006. Disponível em:

<<http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/sinteses/article/viewFile/164/137>>. Acesso em: 25 mar. 2010.

CAMPOS, Arnaldo. **Breve História do Livro**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

CANDIDO, Antonio. A Literatura e a Formação do Homem. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 24, n. 9, p. 803-809, set. 1972.

COSTA, Wilse; ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira. Teoria das Representações Sociais: uma abordagem alternativa para se compreender o comportamento cotidiano dos indivíduos e dos grupos sociais. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v. 8, n. 13, p. 250-280, jan./jun. 1999.

DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**: introdução à arquetipologia geral. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

EZABELLA, Fernanda. Roteiro É Conto de Fadas, e Não Autoajuda. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 9, 21 ago. 2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2108200921.htm>> Acesso em: 15 set. 2009.

FERRARETTO, Elisa Kopplin. **Do Universo Técnico-Científico ao Mundo do Senso Comum**: estratégias comunicativas e representações na cobertura sobre saúde do Diário Gaúcho. 2006. 223 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

FLOWER, Derek Adie. **Biblioteca de Alexandria**: as histórias da maior biblioteca da Antiguidade. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da. Análise de Conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GIACON, Eliane Maria de Oliveira. Natureza e Função da Literatura. **WEB Revista de Linguística e de Linguagem**, v. 07, p. 01-08, jul. 2009. Disponível em: <www.uems.br/na/linguisticaelinguagem/07/Arquivos/06.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

KESSEL, Zilda. **Memória e Memória Coletiva**. [200?] Disponível em: <http://74.125.93.132/search?q=cache%3A40FMY6ZEaC4J%3Awww.museudapessoa.net%2Foquee%2Fbiblioteca%2Fzilda_kessel_memoria_e_memoria_coletiva.pdf+memoria+coletiva&hl=pt-BR&gl=br>. Acesso em: 12 nov. 2009.

LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana. **O Que É Imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

MACEDO, Iara Ferreira de. **Identidade Profissional da Biblioteconomia**. Porto Alegre: I.F.M., 1988.

MANGUEL, Alberto. **A Biblioteca À Noite**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MARTINS, Wilson. **A Palavra Escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.

MEDEIROS, Alexandre; MEDEIROS, Cleide. Os Raios no Imaginário Popular. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 84-96, 2002. Disponível em: <http://www.cienciamao.if.usp.br/tudo/exibir.php?midia=rab&cod=_osraiosnoimaginariopopul>. Acesso em: 04 nov. 2009.

MELLO, Ana Maria Lisboa de. Mito e Literatura. **Ciências e Letras**, Porto Alegre, n. 42, p. 9-19, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://www1.fapa.com.br/cienciaseletras/pdf/revista42/AnaMariaLisboadeMello.pdf>>. Acesso em: 06 nov. 2009.

MERCADANTE, Leila M. Z. Novas Formas de Mediação da Informação. **Transinformação**, Campinas, v. 7, n. 1/3, p. 33-40, jan./dez. 1995.
MILANESI, Luís. **Biblioteca**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2002.

MIRANDA, Antonio Lisboa Carvalho de. Sociedade da Informação: globalização, identidade cultural e conteúdos. **Ciência da informação**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 78-88, maio/ago. 2000. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/257/224>>. Acesso em: 10 set. 2009.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003.

NITSCHKE, Ângela Morel. **Representações Sociais e Práticas Profissionais na Sociedade da Informação**: estudo com usuários de bibliotecas universitárias. 2008. 94 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

OLIVEIRA, José Teixeira de. **A Fascinante História do Livro III: Idade Média**. Rio de Janeiro: Kosmos, 1987.

PORTO, Maria do Rosário Silveira. **Tessituras do Imaginário**: cultura & educação. Cuiabá: EdUnic, 2000.

RAMOS, Flávia Brocchetto; PANOZZO, Neiva Senaide Petry. Entre a Ilustração e a Palavra: buscando pontos de ancoragem. **Revista de Estudos Literários**, Madri, n. 26, 2004. Disponível em: <http://www.ucm.es/info/especulo/numero26/ima_infa.html>. Acesso em: 15 mar. 2010.

ROGGAU, Zunilda. Los Bibliotecarios, el Estereotipo y la Comunidad. **Información, Cultura y Sociedad**, Buenos Aires, n. 15, p. 13-34, 2006.

RUBI, Milena Polsinelli; EUCLIDES, Maria Luzinete; SANTOS, Juliana Cardoso dos. Profissional da Informação: aspectos de formação, atuação profissional e marketing para o mercado de trabalho. **Informação & Sociedade**: Estudos, João Pessoa, v. 16, n. 1, p. 79-89, jan./jun. 2006. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/443/1495>>. Acesso em: 05 set. 2009.

SANTOS, Jussara Pereira. O Moderno Profissional da Informação: o bibliotecário e seu perfil face aos novos tempos. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 5-13, jan./jun. 1996.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória Coletiva & Teoria Social**. São Paulo: Annablume, 2003.

SARTRE, Jean Paul. **A Imaginação**. Porto Alegre: L&PM, 2008.

SCHILLING, Voltaire. **A Biblioteca de Alexandria, o Coração da Humanidade**: parte 2. 2002. Disponível em: <<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/antiga/2002/10/31/001.htm>>. Acesso em: 15 set. 2009.

SILVA, Helena de Fátima Nunes. A Biblioteca e as suas Representações: análise das representações dos alunos e dos professores da UFPR. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 11, 2000, Florianópolis. **Memória SNBU...** Florianópolis: [s. n.], 2000. Disponível em: <<http://snbu.bvs.br/snbu2000/docs/pt/doc/t044.doc>>. Acesso em: 25 set. 2009.

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. **Biblioteca como Lugar de Práticas Culturais**: uma discussão a partir dos currículos de Biblioteconomia no Brasil. 2007. 246 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2007. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/ECID-79CMVL/1/mestrado___fabr_cio_jos___nascimento_da_silveira.pdf>. Acesso em: 25 set. 2009.

SOUZA, Francisco das Chagas de. O Nome Profissional “Bibliotecário” no Brasil: o efeito das mudanças sociais e econômicas dos últimos anos do século XX. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, n. 18, p. 90-106, 2º sem. 2004. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/viewFile/161/5475>>. Acesso em: 23 set. 2009.

SOUZA, Francisco das Chagas de. A Formação Acadêmica de Bibliotecários e Cientistas da Informação e sua Visibilidade, Identidade e Reconhecimento Social no Brasil. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 16, n. 1, p. 23-34, jan./jun. 2006. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/439/1491>>. Acesso em: 22 set. 2009.

TAVARES, Hênio Último da Cunha. **Teoria Literária**. 7. ed. rev. e atual. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução À Pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação: o positivismo, a fenomenologia, o marxismo. São Paulo: Atlas, 2008.

WALTER, Maria Tereza Machado Teles. Identidades, Valores e Mudanças: o poder da identidade profissional. Os bibliotecários subsistem na era da informação?. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 287-299, jul./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/96/54>>. Acesso em: 15 set. 2009.

WALTER, Maria Tereza Machado Teles; BAPTISTA, Sofia Galvão. A Força dos Estereótipos na Construção da Imagem Profissional dos Bibliotecários. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 17, n. 3, p. 27-38, set./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/962/1583>>. Acesso em: 16 ago. 2009.

WALTER, Maria Tereza Machado Teles; BAPTISTA, Sofia Galvão. Representações Profissionais de Bibliotecários no Brasil: alguns resultados de pesquisa. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v. 14, n. 27, p. 22-46, 2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/6715/10134>>. Acesso em: 16 ago. 2009.

REFERÊNCIAS DAS OBRAS ANALISADAS

AGUIAR, Luiz Antonio. **O Mundo é dos Canários**. São Paulo: Àtica, 2008.

ASIMOV, Isaac. **Fundação**: trilogia. São Paulo: Hemus, 1975.

BELINKY, Tatiana. **Monstros e Medos**. Ilustrações de Jean Galvão. São Paulo: Caramelo, 2006.

BENDER, Ivo. Crime na Biblioteca. In: INSTITUTO Estadual do Livro: Ivo Bender. Porto Alegre: IEL, 1984. p. 20-21.

BORGES, Jorge Luís. A Biblioteca de Babel. In: BORGES, Jorge Luís. **Ficções**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 69-77.

BROOKS, Geraldine. **As Memórias do Livro**: romance sobre o manuscrito de Sarajevo. São Paulo: Ediouro, 2008.

BYNG, Georgia. **O Incrível Livro de Hipnotismo de Molly Moon**. 2. ed. Rio de Janeiro, 2003.

CALVINO, Ítalo. Um General na Biblioteca. In: CALVINO, Ítalo. **Um General na Biblioteca**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 74-79.

CAPARELLI, Sérgio. Memórias de um Herói Caduco. In: CAPARELLI, Sérgio. **Ana de Salto Alto**. Porto Alegre: L&PM, 1981. p. 7-17.

CHEVALIER, Tracy. **O Azul da Virgem**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

COELHO, Paulo. **Onze Minutos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

COELHO, Paulo. **Veronika Decide Morrer**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

COLFER, Eoin. **Pânico na Biblioteca**. Ilustrações de Tony Ross. Rio de Janeiro: Record, 2006.

ECO, Umberto. **O Nome da Rosa**. Porto Alegre: RBS, 2004.

FRABETTI, Carlo. **Calvina**. São Paulo: Edições SM, 2008.

GAARDER, Jostein; HAGERUP, Klaus. **A Biblioteca Mágica de Bibbi Bokken**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

GOMES, Helena. **Assassinato na Biblioteca**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

GORDON, Noah. **O Físico**: a epopéia de um médico medieval. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

JAF, Ivan. **Dona Casmurra e seu Tigrão**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2008.

LASKY, Kathryn. **O Bibliotecário que Mediu a Terra**. Rio de Janeiro: Salamandra, 2001.

LEWICKI, Gláucia. **Era Uma Vez Outra Vez**. São Paulo: Edições SM, 2007.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e o Cálice de Fogo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e a Câmara Secreta**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e o Enigma do Príncipe**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e a Pedra Filosofal**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

STEEL, Danielle. **O Fantasma**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

TOUSSAINT, Jean-Philippe. **A Televisão**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999.

ZAFÓN, Carlos Ruiz. **O Jogo do Anjo**. Rio de Janeiro: Suma de Letras, 2008.

APÊNDICE A – FICHA DE LEITURA

Obra:
Personagem:
Destaque na obra: Protagonista [] Secundário [] Interage com o protagonista []
Características físicas Gênero Masculino [] Feminino [] Altura Alto [] Baixo [] Indiferente [] Peso Magro [] Gordo [] Indiferente [] Idade Jovem [] Meia idade [] Idoso [] Indiferente [] Uso de óculos Sim [] Não [] Uso de coque (apenas para personagens do gênero feminino) Sim [] Não []
Características de personalidade Empatia Antipático [] Antipático/mal humorado [] Simpático [] Indiferente [] Interesse no usuário Sim [] Não [] Indefinido []
Características de ação
Contexto de atuação:
Trechos:

APÊNDICE B – QUADRO COM OS DADOS SOBRE AS CATEGORIAS

PERSONAGEM	OBRA	POSIÇÃO	DATA DE ©	CONTEXTO	CARAC. FÍSICAS						CARAC. PERSONALIDADE	
					GÊNERO	IDADE	PESO	ALTURA	ÓCULOS	COQUE	EMPATIA	INTERESSE NO USUÁRIO
Bibliotecário	A BIBLIOTECA DE BABEL	PROTAGONISTA	1944	INDEF.	MASC.	INDEF.	INDIF.	INDIF.	NÃO	NÃO	INDIF.	INDEF.
Bibbi Bokken	A BIBLIOTECA MÁGICA DE BIBBI BOKKEN	PROTAGONISTA	1999	INDEF.	FEM.	MEIA IDADE	MAGRO	INDIF.	NÃO	NÃO	SIMPÁTICO	SIM
Bibliotecária	A BIBLIOTECA MÁGICA DE BIBBI BOKKEN	INT. PROT.	1999	BIB. PUB.	FEM.	INDEF.	INDIF.	INDIF.	NÃO	NÃO	SIMPÁTICO	SIM
Bibliotecário	A TELEVISÃO	INT. PROT.	1998	BIB. PUB.	MASC.	MEIA IDADE	INDIF.	INDIF.	NÃO	NÃO	SIMPÁTICO	SIM
Jovem bibliotecário	A TELEVISÃO	INT. PROT.	1998	BIB. PUB.	MASC.	JOVEM	INDIF.	INDIF.	SIM	NÃO	ANTIPÁTICO	SIM
Sem identificação	ANA DE SALTO ALTO	INT. PROT.	1981	BIB. PUB.	FEM.	IDOSO/VELHO	INDIF.	INDIF.	NÃO	NÃO	ANTIPÁTICO	NÃO
Bibliotecária assistente	AS MEMÓRIAS DO LIVRO	INT. PROT.	2008	MUSEU	FEM.	INDEF.	INDIF.	INDIF.	NÃO	NÃO	ANTIPÁTICO	NÃO
Ozren Karaman	AS MEMÓRIAS DO LIVRO	SECUNDÁRIO	2008	MUSEU	MASC.	JOVEM	MAGRO	ALTO	SIM	NÃO	SIMPÁTICO	SIM
Serif Kamal	AS MEMÓRIAS DO LIVRO	SECUNDÁRIO	2008	MUSEU	MASC.	MEIA IDADE	MAGRO	ALTO	NÃO	NÃO	INDIF.	SIM
Conceição	ASSASSINATO NA BIBLIOTECA	SECUNDÁRIO	2008	BIB. ESC.	FEM.	IDOSO/VELHO	INDIF.	INDIF.	NÃO	NÃO	SIMPÁTICO	SIM
Emelina	CALVINA	SECUNDÁRIO	2007	INDEF.	FEM.	MEIA IDADE	GORDO	BAIXO	NÃO	NÃO	SIMPÁTICO	SIM
Andréa	CRIME NA BIBLIOTECA	SECUNDÁRIO	1984	BIB. PUB.	FEM.	JOVEM	INDIF.	INDIF.	NÃO	NÃO	INDIF.	INDEF.
Clóris	CRIME NA BIBLIOTECA	SECUNDÁRIO	1984	BIB. PUB.	FEM.	JOVEM	INDIF.	INDIF.	NÃO	NÃO	INDIF.	INDEF.
Dona Itália	CRIME NA BIBLIOTECA	PROTAGONISTA	1984	BIB. PUB.	FEM.	IDOSO/VELHO	INDIF.	INDIF.	NÃO	NÃO	ANTIPÁTICO	INDEF.
Lu	DONA CASMURRA E SEU TIGRÃO	PROTAGONISTA	2005	BIB. ESC.	FEM.	JOVEM	MAGRO	INDIF.	NÃO	NÃO	SIMPÁTICO	SIM
Bibliotecária	ERA UMA VEZ OUTRA VEZ	INT. PROT.	2006	BIB. ESC.	FEM.	INDEF.	INDIF.	INDIF.	NÃO	NÃO	ANTIPÁTICO	NÃO
Homir Munn	FUNDAÇÃO	SECUNDÁRIO	1975	INDEF.	MASC.	MEIA IDADE	INDIF.	BAIXO	NÃO	NÃO	ANTIPÁTICO	INDEF.
Madame Pince	HARRY POTTER	INT. PROT.	1997	BIB. ESC.	FEM.	MEIA IDADE	MAGRO	ALTO	NÃO	NÃO	ANTIPÁTICO	NÃO
Bibliotecária	MONSTROS E MEDOS	INT. PROT.	2005	BIB. ESC.	FEM.	MEIA IDADE	INDIF.	INDIF.	SIM	NÃO	ANTIPÁTICO	SIM
Bibliotecária	O AZUL DA VIRGEM	INT. PROT.	1997	BIB. PUB.	FEM.	MEIA IDADE	INDIF.	INDIF.	NÃO	NÃO	SIMPÁTICO	SIM
Jean-Paul	O AZUL DA VIRGEM	SECUNDÁRIO	1997	BIB. PUB.	MASC.	JOVEM	MAGRO	ALTO	SIM	NÃO	SIMPÁTICO	SIM
Mathilde	O AZUL DA VIRGEM	SECUNDÁRIO	1997	ARQ.	FEM.	JOVEM	MAGRO	ALTO	SIM	NÃO	SIMPÁTICO	SIM
Eratóstenes	O BIBLIOTECÁRIO QUE MEDIU A TERRA	PROTAGONISTA	2001	BIB. PUB.	MASC.	MEIA IDADE	INDIF.	INDIF.	NÃO	NÃO	INDIF.	SIM
Francesca Vironnete	O FANTASMA	SECUNDÁRIO	1997	BIB. PUB.	FEM.	JOVEM	MAGRO	ALTO	NÃO	NÃO	SIMPÁTICO	SIM
Yussuf-ul-Gamal	O FÍSICO	INT. PROT.	1986	BIB. PUB.	MASC.	MEIA IDADE	INDIF.	INDIF.	NÃO	NÃO	ANTIPÁTICO	SIM
Lucy Logan	O INCRÍVEL LIVRO DE HIPNOTISMO DE MOLLY MOON	SECUNDÁRIO	2002	BIB. PUB.	FEM.	MEIA IDADE	INDIF.	INDIF.	SIM	SIM	SIMPÁTICO	SIM
Eulália	O JOGO DO ANJO	INT. PROT.	2008	BIB. PUB.	FEM.	JOVEM	INDIF.	INDIF.	NÃO	NÃO	SIMPÁTICO	SIM
Carolina	O MUNDO É DOS CANÁRIOS	PROTAGONISTA	2005	BIB. PUB.	FEM.	MEIA IDADE	INDIF.	INDIF.	NÃO	NÃO	SIMPÁTICO	SIM
Berengário de Arundel	O NOME DA ROSA	SECUNDÁRIO	1980	BIB. MON.	MASC.	JOVEM	INDIF.	INDIF.	NÃO	NÃO	ANTIPÁTICO	INDEF.
Malaquias de Hildesheim	O NOME DA ROSA	PROTAGONISTA	1980	BIB. MON.	MASC.	MEIA IDADE	MAGRO	ALTO	NÃO	NÃO	ANTIPÁTICO	INDEF.
Heidi	ONZE MINUTOS	SECUNDÁRIO	2003	BIB. PUB.	FEM.	MEIA IDADE	INDIF.	INDIF.	NÃO	NÃO	SIMPÁTICO	SIM
Dona Ângela	PÂNICO NA BIBLIOTECA	PROTAGONISTA	2004	BIB. PUB.	FEM.	MEIA IDADE	GORDO	ALTO	SIM	SIM	ANTIPÁTICO	SIM
Crispiano	UM GENERAL NA BIBLIOTECA	PROTAGONISTA	19-?	BIB. PUB.	MASC.	IDOSO/VELHO	INDIF.	BAIXO	SIM	NÃO	SIMPÁTICO	SIM
Veronika	VERONIKA DECIDE MORRER	PROTAGONISTA	1998	INDEF.	FEM.	JOVEM	MAGRO	INDIF.	NÃO	NÃO	INDIF.	INDEF.